UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOCIÊNCIA ANIMAL
JOSÉ RICARDO DE OLIVEIRA SANTOS

PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS, BIOQUÍMICA SÉRICA, ULTRAESTRUTURA DAS CÉLULAS SANGUÍNEAS E COMPORTAMENTO DEFENSIVO DE *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 EM FRAGMENTOS DE FLORESTA ATLÂNTICA DO NORDESTE BRASILEIRO

RECIFE – PE
Fevereiro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOCIÊNCIA ANIMAL

JOSÉ RICARDO DE OLIVEIRA SANTOS

PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS, BIOQUÍMICA SÉRICA, ULTRAESTRUTURA DAS CÉLULAS SANGUÍNEAS E COMPORTAMENTO DEFENSIVO DE *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 EM FRAGMENTOS DE FLORESTA ATLÂNTICA DO NORDESTE BRASILEIRO

Tese apresentada à coordenação do Curso de Pós-Graduação em Biociência Animal da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Biociência Animal.

Orientação: Prof. Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura – UFRPE

Coorientação: Prof.ª Drª. Regina Célia Bressan Queiroz de Figueiredo – IAM/FIOCRUZ

RECIFE – PE

Fevereiro de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237p Santos , José Ricardo de Oliveira
Parâmetros hematológicos, bioquímica sérica, ultraestrutura das células sanguíneas e comportamento defensivo de Leptodactylus vastus Lutz, 1930 em fragmentos de floresta atlântica do nordeste brasileiro / José Ricardo de Oliveira Santos . - 2022.
163 f. : il.

Orientador: Geraldo Jorge Barbosa de .
Coorientadora: Regina Celia Bressan Queiroz de Figueiredo.
Inclui referências e anexo(s).

Tese (Doutorado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Biociência Animal, Recife, 2022.

1. Ecofisiologia . 2. Hematologia. 3. Bioquímica sérica. 4. Anuro. 5. Comportamento antipredatório . I. , Geraldo Jorge Barbosa de, orient. II. Figueiredo, Regina Celia Bressan Queiroz de, coorient. III. Título

CDD 636.089

PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS, BIOQUÍMICA SÉRICA, ULTRAESTRUTURA DAS CÉLULAS SANGUÍNEAS E COMPORTAMENTO DEFENSIVO DE *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 EM FRAGMENTOS DE FLORESTA ATLÂNTICA DO NORDESTE BRASILEIRO

Tese apresentada à coordenação do Curso de Pós-Graduação em Biociência Animal da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Biociência Animal.

Tese elaborada por:

José Ricardo de Oliveira Santos
Aprovada em 24 de fevereiro de 2022

Banca examinadora:

_____
Prof. Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura (Presidente)
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

_____
Prof.ª Drª. Jaqueline Bianque de Oliveira (Membro Titular)
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

_____
Prof.ª Drª. Vania Regina de Assis (Membro Titular)
Universidade de São Paulo – USP

_____
Prof. Dr. Ricardo Barbosa de Lucena (Membro Titular)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

_____
Prof. Dr. Marcelo Nogueira de Carvalho Kokubum (Membro Titular)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

_____
Drª. Karina Lidianne Alcântara Saraiva (Membro Suplente)
Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz-PE

_____
Prof. Dr. José Wilton Pinheiro Junior (Membro Suplente)
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Dedicatória

Dedico à minha mãe, Maria do Socorro de Oliveira Santos, que ao se movimentar, toda uma estrutura se movimentou junto com ela.

Epígrafe

“Com a firmeza justiceira e pacífica de Oxalá. A bravura e a coragem flamejante de Xangô, o temerário agadá transformador de Ogum e o amor próprio de Oxum, marchamos para frente” – *Abdias do Nascimento.*

Agradecimentos

Agradeço ao sagrado, ao Orum e a todos os Orixás que o compõe. Agradeço a Exú pela comunicação e ligação com os demais Orixás. Agradeço a Ogum pela tecnologia, ao meu pai Oxaguiã pelo conhecimento, a Oyá pelo movimento e a minha mãe Oxum pelo reflexo do seu abebé, que inspira sabedoria, discernimento, estratégia e paciência.

Agradeço a minha família, em especial a minha que segue movendo estruturas e rompendo marcas do silenciamento e apagamento arquitetado para o povo preto. Minha mãe é quilombo ambulante, portanto, acolhe, ensina e transmite sabedoria. O título de doutora também é dela: Doutora Maria do Socorro de Oliveira Santos.

Agradeço aos amigos e amigas Elton Marlon, Marcelo Fernandes, Romário Correia, Rayssa Santos, Denisson Souza, Jonatas Lins, Maristela Casé e em especial ao amigo Vanderlan Holanda que pensou esse projeto junto comigo, tomando para si o papel de professor e orientador. Cada um tem importância, não somente na minha vida pessoal, mas na minha jornada no doutorado e, por isso, os menciono com muito carinho, respeito e admiração.

Agradeço ao orientador Geraldo Moura pela confiança, parceira e acolhimento e a orientadora Regina Bressan por ter me ajudado em um dos momentos mais críticos do meu doutorado – a falta de infraestrutura para o desenvolvimento do meu projeto. Mas não somente por isso, agradeço pelas conversas regradas a risadas e aprendizado.

Agradeço aos membros da banca pelo tempo e dedicação em ler a minha tese. A doutora Vania Regina com quem tive o privilégio de dividir momentos de aprendizado no 9º Congresso Nacional de Herpetologia e nas reuniões virtuais, aos doutores Jaqueline Bianque e Marcelo Kokubum que tem me acompanhado desde o mestrado, dividindo experiências, estratégias e crescimento. Aos doutores Ricardo Lucena, Karina Saraiva e José Wilton por contribuírem ainda mais para o engrandecimento do trabalho.

E por fim, agradeço a Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz do Nascimento, Abdias do Nascimento, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene e demais intelectuais pretos e pretas do Brasil que construíram pontes para que outros pudessem pleitear e escrever suas próprias histórias como verdadeiros protagonistas.

Apresentação

Os impactos ambientais provocados por atividades humanas, nos ecossistemas terrestres e aquáticos têm provocado declínios populacionais na comunidade de anuros no mundo todo. Com isso, a biologia da conservação, fisiologia comparada e medicina da conservação tem utilizado diversas abordagens para o monitoramento da biodiversidade de anuros. Dentre essas abordagens, a avaliação do estado fisiológico, através de fatores intrínsecos e extrínsecos tem sido utilizada para aumentar o conhecimento sobre o estado fisiológico das espécies de anuros.

Dentre os fatores intrínsecos, pode-se destacar a avaliação do hemograma e bioquímica sérica em anuros. Contudo, trabalhos sobre parâmetros hematológicos e bioquímica sérica dos anuros, publicados em periódicos têm sido amplamente realizados com espécies de importância comercial, principalmente os gêneros *Bufo, Lithobates e Xenopus*. Em contrapartida, resultados sobre intervalos de referência dos parâmetros sanguíneos para as espécies endêmicas do Brasil ainda são incipientes.

Além disso, a investigação da ocorrência de hemoparasitos também pode ajudar a aumentar as informações sobre o estado fisiológico dos anuros. Com isso, alguns trabalhos têm relatado a presença de hemogregarinas em espécies de anuros, dentre elas espécies pertencentes ao gênero *Hepatozoon*, parasitos caracterizados pela presença de gamontes em eritrócitos ou leucócitos no sangue periférico do hospedeiro.

Outro fator, e nesse caso, extrínseco que vem sendo utilizado para avaliação do estado fisiológico dos anuros é a descrição do repertório defensivo. São mais de 30 tipos de estratégias antipredatórias que podem ser utilizados por esses animais. Sendo assim, a associação da fisiologia e ecologia como métodos de análises da saúde dos ecossistemas e animais associados a eles são importantes para o desenvolvimento de projetos de conservação das espécies.

Sendo assim, utilizou-se *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 como modelo biológico do estudo. Essa espécie pertence ao grupo *L. pentadactylus* e

apresenta ampla distribuição no nordeste brasileiro, com alguns relatos na Amazônia boliviana. Assim como para as demais espécies do grupo, não há dados sobre o hemograma, bioquímica sérica e investigação da ocorrência de *Hepatozoon* spp. em *L. vastus,* o que dificulta a investigação do estado fisiológico dessa e outras espécies no mesmo ecossistema. Dessa forma, o acesso a essas informações sobre a espécie auxilia na construção da história natural e, posteriormente na criação de planos de conservação de *L. vastus* e das demais espécies de anuros no país.

Resumo

Os impactos ambientais provocados pelo somatório das ações antrópicas e da natureza têm alertado para a perda da biodiversidade de anuros. Com isso, a biologia e medicina da conservação, bem como a fisiologia comparada tem utilizado abordagens intrínsecas e extrínsecas para a avaliação do estado fisiológico desses animais. Dentre as abordagens intrínsecas, pode-se destacar a análise do hemograma, bioquímica sérica e a ocorrência de hemoparasitos, enquanto que a descrição do repertório defensivo tem sido considerada como uma abordagem extrínseca importante para a investigação dos displays comportamentais antipredatórios apresentados por sapos, rãs e pererecas. Nesse tocante, o objetivo desse estudo foi avaliar o estado fisiológico e ecológico de machos da espécie *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 em fragmentos de Floresta Atlântica no nordeste brasileiro. Para a análise dos fatores intrínsecos, foram coletados 30 machos de *L. vastus* no Jardim Botânico e no Parque Estadual Dois Irmãos. Para a descrição do repertório defensivo, 30 machos foram capturados na Unidade de Conservação Mata do Camocim, situado no munícipio de São Lourenço da Mata. As três áreas estão situadas na região metropolitana de Recife. Os machos de *L. vastus* apresentaram uma média de variáveis hematológicas e bioquímica sérica próximos aos relatados para outras espécies de anuros. Contudo, os valores elevados do hematócrito podem sugerir problemas de desidratação/hemoconcentração, bem como os valores aumentados de basófilos e anormalidades nos eritrócitos podem sugerir uma hipersensibilidade imunológica nos espécimes. Além disso, os valores das enzimas relacionadas com a função hepática sugerem possíveis lesões no órgão, mas é necessário a realização de outros exames para o diagnóstico. Sobre o comportamento defensivo, os machos exibiram seis tipos de comportamentos, divididos em (i) mecanismo visual: inflar o corpo (100%), empurrar (83,3%), esconder (23,3%), descarga cloacal (16,6%) e utilização de espinhos (6,6%); e (ii) mecanismo acústico: canto de agonia (33,3%). Desse modo, a análise dos parâmetros fisiológicos e ecológicos de anuros são ferramentas necessárias para auxiliar no monitoramento do estado fisiológico

das espécies de anuros e, com isso, auxiliar na criação de estratégias para a conservação desses animais e dos ecossistemas associados a eles.

Palavras-chave: ecofisiologia, hematologia, bioquímica sérica, anuro, comportamento antipredatório.

Abstract

The environmental impacts caused by the sum of anthropic actions and nature have alerted to the loss of anurans biodiversity. That way, conservation biology and medicine, and comparative physiology have used intrinsic and extrinsic approaches to assess the physiological state of these animals. Among the intrinsic approaches, the analysis of the blood count, serum biochemistry and the occurrence of hemoparasites can be highlighted, while the description of the defensive repertoire has been considered an important extrinsic approach to the investigation of antipredatory behavioral displays presented by frogs and treefrogs. In this regard, the objective of this study was to evaluate the physiological and ecological status of males of the species *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 in fragments of the Atlantic Forest in northeastern Brazil. For the analysis of intrinsic factors, 30 males of *L. vastus* were collected in Botanical Garden and Dois Irmãos State Park. For the description of the defensive repertoire, 30 males were captured in the Camocim Forest located in the municipality of São Lourenço da Mata. The three areas are located in the metropolitan region of Recife. The males of *L. vastus* presented an average of hematological variables and serum biochemistry close to those reported for other anuran species. However, elevated hematocrit values may suggest dehydration/hemoconcentration problems, as well as increased basophil values and erythrocyte abnormalities, which may indicate immunological hypersensitivity in the specimens. In addition, the values of enzymes related to liver function suggest possible damage to the organ, but other tests are necessary for the diagnosis. Regarding defensive behavior, males exhibited six types of behaviors divided into (i) visual mechanism: inflating the body (100%), pushing (83.3%), hiding (23.3%), cloacal discharge (16, 6%) and use of thorns (6.6%); and (ii) acoustic mechanism: distress call (33.3%). Thus, the analysis of anuran physiological and ecological parameters are necessary tools to assist in monitoring the physiological state of anuran species and, thus, assist in the creation of strategies for the conservation of these animals and the ecosystems associated with them.

Keywords: ecophysiology, hematology, serum biochemistry, anuran, antipredatory behavior.

Sumário

Lista de Figuras

Revisão Bibliográfica

Material e Métodos

Artigo I

Artigo II

Lista de Tabelas

Revisão Bibliográfica

Artigo I

Artigo II

1. Introdução

Os estudos sobre os fatores intrínsecos e extrínsecos para a avaliação do estado fisiológico dos anuros têm contribuído para o debate sobre a conservação desses animais. Dentre os fatores intrínsecos, a avaliação dos parâmetros sanguíneos apresenta resultados sobre o hemograma (Franco-Belussi et al., 2021; Rodrigues et al., 2017), bioquímica sérica (Oliveira et al., 2019), e a análise da ocorrência de hemoparasitos (Ferreira et al., 2020; Úngari et al., 2021). No tocante aos fatores extrínsecos, pode-se destacar os estudos sobre os comportamentos antipredatórios destes animais (Guerra et al., 2018; Sena et al., 2021; Toledo; Sazima; Haddad 2011).

As células sanguíneas dos anuros exibem eritrócitos ovoides, nucleados, que geralmente são maiores do que aqueles encontrados em outras espécies de vertebrados (Thrall et al., 2012; Wright; Whitaker, 2001). Este tamanho, por sua vez, varia de acordo com a espécie, sexo, idade, estado fisiológico (Attademo et al., 2014), temperatura e habitat (López-Olivera et al., 2003). Os leucócitos dos anuros são divididos em granulócitos: que incluem os basófilos, eosinófilos e neutrófilos; e os agranulócitos: linfócitos e monócitos (Thrall et al., 2012). Além disso, ainda podem ser observadas a ocorrência de trombócitos, células ovoides com a presença de cromatina condensada no centro do núcleo, que apresentam função similar as plaquetas dos mamíferos (Forzán et al., 2017).

A contagem total dos tipos celulares sanguíneos, contagem diferencial de leucócitos, determinação da hemoglobina e índices hematimétricos, bem como a análise da ocorrência de hemoparasitos e dos parâmetros da bioquímica sérica dos anuros fornecem informações sobre a saúde tanto do animal quanto do meio ambiente, uma vez que esses animais são considerados bioindicadores – potencialmente confiáveis e eficientes – da saúde dos ecossistemas (Hopkins, 2007). Assim, a relação entre os parâmetros quantitativos e qualitativos das células sanguíneas com as flutuações ambientais têm demonstrado ser em uma ferramenta para avaliar o estado fisiológico dos animais e dos ecossistemas (Dickinson; Jarchow; Trueblood al., 2002; Zhelev; Angelov; Mollov, 2006).

Assim como para as espécies de mamíferos, é necessário um maior engajamento dos profissionais para o estudo dessas variáveis para as espécies de anuros tropicais, embora o pequeno tamanho de algumas espécies e os poucos locais de punção venosa tornem esse estudo uma tarefa desafiadora.

Já as estratégias antipredatórias desempenhas pelos anuros podem auxiliar no entendimento dos parâmetros extrínsecos, voltados para a ecologia. Para estes animais, são mais de 30 tipos de comportamentos defensivos (Haddad et al., 2013; Toledo; Sazima; Haddad 2011), muitos dos quais podem ser exibidos em diferentes sequências. A descrição dos comportamentos defensivos dos anuros são oportunistas e baseadas em observações naturalistas, não sistematizadas. (Wells, 2010).

Dessa forma, estudos que abordam interações predador-presa são considerados relevantes para a ecologia em decorrência das evidências que a pressão seletiva tem produzido na evolução dos mecanismos antipredatórios dos anuros. Muitos estudos mostraram interações entre anuros e seus predadores, como artrópodes e quase todos os grupos de vertebrados, desde peixes a mamíferos (Vitt; Caldwell, 2013).

Com isso, estudos que abordem mecanismos fisiológicos e ecológicos para a sobrevivência de anuros tropicais, como a espécie *Leptodactylus vastus* Lutz 1930, bem como o acompanhamento desses resultados ao longo dos anos, com possíveis mudanças em resposta as oscilações na temperatura, umidade, fragmentação de habitat e disponibilidade de corpos d'água são relevantes para a ampliação de planos de conservação, principalmente mediante às intempéries provocadas pela ação humana nos ecossistemas terrestres e aquáticos associados aos anuros.

Leptodactylus vastus é uma espécie de anuro endêmica do nordeste brasileiro que pertence ao grupo *L. pentadactylus* (Heyer, 1972). Segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas de Extinção (IUCN – Heyer, 2008), Ministério do Meio Ambiente (MMA) e a RESOLUÇÃO Nº 01, DE 09 DE JANEIRO DE 2015, *L. vastus* se encontra na categoria de LC (pouco preocupante). Vale ressaltar que, *L. vastus* foi comumente confundido com a espécie *L. labyrinthicus*, por

apresentar características morfológicas (comprimento rostro cloacal e coloração) e acústicas semelhantes (Heyer, 2005).

2. Revisão Bibliográfica

2.1. Fisiologia Comparada, Biologia da Conservação e Medicina da Conservação

A fisiologia comparada tem uma longa história de contribuições para a biologia da conservação, principalmente no que diz respeito a compreensão das adaptações que os organismos sofrem, em resposta às mudanças ambientais, resultantes da influência humana e da própria natureza (Wikelski; Cook, 2006). A biologia da conservação foi desenvolvida como um indicador de monitoramento da sexta grande extinção (Leakey; Lewin, 1997). Diferente do que ocorreu com as extinções anteriores, as tendências atuais estão relacionadas com as atividades humanas que resultam na conversão de habitat, isolamento de populações da fauna e invasão humana nos ecossistemas. Como uma subespecialidade da biologia da conservação, a medicina da conservação surge como uma demanda para a aplicação da medicina para contribuir com a conservação da vida silvestre e dos ecossistemas (Deem et al., 2000).

Embora as mudanças provocadas pela ação humana apresentem velocidade e potencial para afetar todos os grupos taxonômicos de animais, alguns organismos são mais suscetíveis do que outros (Mendelson et al., 2006). Anuros figuram entre os organismos mais sensíveis, conforme a redução de suas populações e extinção de algumas espécies (Pounds et al., 2006). Esse declínio populacional tem forte relação com as mudanças ecológicas e um dos focos da biologia da conservação é a promoção de ações para evitar a continuidade desse processo (Parmesan, 2006).

Os resultados dessas alterações ambientais são extinções locais, migrações e/ou ajustes fisiológicos (Donnelly; Crump, 1998; Helmuth; Kingsolver; Carrington, 2005). Esse ajuste significa a modificação dos parâmetros comportamentais e/ou fisiológicos para a adaptação às novas condições ambientais. Ajustes fisiológicos são comumente os únicos mecanismos para manter a estabilidade do sistema. Temperatura, pH, massa corporal, níveis de glicose e oxigênio são essenciais para a manutenção da vida, sendo essa estabilidade denominada de homeostase (Carey, 2005).

Outra demanda da biologia da conservação para o monitoramento da biodiversidade são as mudanças climáticas que têm provocado diversas respostas biológicas nos organismos e ecossistemas. Nesse caso, dependendo da previsão de que até 2100 haja um aumento de 1,5° – 2°C, sugere-se uma continuação dessas respostas, caso não haja profunda redução nas emissões de gases de efeito estufa, de acordo com o relatório “Climate Change 2021: The Physical Science Basis" (IPCC, 2021).

No Brasil, o domínio morfoclimático da Floresta Atlântica abrange a costa leste, sudeste e sul do país e apresenta alto grau de biodiversidade e endemismo. Contudo, em decorrência das conversões antropogênicas a Floresta Atlântica passou a ser considerada como um dos hotspots de biodiversidade no país (Mittermeier et al., 1999). Dentre os grupos de animais mais diversos da Floresta Atlântica, figuram-se os anuros que se distribuem em 529 espécies e apresentam 80% das taxas de endemismo (Haddad et al., 2013).

2.2. Impactos ambientais, conservação e fisiologia dos anuros

A biodiversidade do planeta está diminuindo a uma taxa alarmante, mesmo em ambientes que apresentam planos para a conservação e preservação (Barnosky et al., 2011). O declínio de espécies tem sido provocado, principalmente pelo somatório da interferência humana nos ambientes silvestres e as ações da própria natureza (Hooper et al., 2012; Rödder; Kielgast; Lötters, 2010). Dessa forma, é necessário que estudos voltados para os táxons que vêm sofrendo alto declínio populacional nos habitats, bem como os ecossistemas que alocam essas espécies, sejam realizados (Giraudo; Arzamendia, 2018; Foden et al., 2013).

Para os anfíbios, estudos mostram que nas últimas quatro décadas pelo menos 46% das espécies descritas diminuíram, ou foram extintas em todo mundo. Esse declínio tem sido provocado, principalmente pela dispersão de poluentes químicos nos ecossistemas aquáticos (Collins, 2010), fragmentação de habitat (Andersen; Fog; Damgaard, 2004), introdução de espécies exóticas (Mack et al., 2000) e disseminação de agentes infecciosos (Moura-Campos et al., 2021; O’hanlon et al., 2018).

2.2.1. Fragmentação do habitat

Um dos fatores que agravam o quadro de ameaça das espécies de anuros é a fragmentação de habitat. Esse fenômeno é resultado das alterações nas atividades físicas e humanas locais (Becker; Harris, 2010), que pode afetar o comportamento e a ecologia dos anuros (Becker et al., 2015) Além disso, a fragmentação pode reduzir a biodiversidade de artrópodes, possibilitando uma dieta que torne o anuro mais suscetível a perda de tamanho e condição corporal (Scheele et al., 2014).

Outra consequência é a redução da oportunidade de reprodução (Zimmerman; Bierregaard, 1986). Anuros apresentam uma ampla diversidade de modos reprodutivos (Haddad et al., 2013) e algumas espécies podem apresentar modos reprodutivos específicos, nos quais tanques e ninhadas dependem de fontes de água (Donnelly, 1998). Dessa forma, ambientes fragmentados podem não conter ecossistemas aquáticos apropriados para a reprodução, e, portanto, a migração de um corpo d'água para outro é uma alternativa que gera um desafio fisiológico, cuja magnitude está relacionada às condições de temperatura, disponibilidade de água e a distância entre os corpos d'água nesses fragmentos (Donnelly, 1998).

Alguns estudos ainda evidenciam que a ameaça de fragmentação de habitats para os anuros é agravada, em decorrência da fidelidade do local e da capacidade limitada de dispersão que esses animais apresentam (Alex Smith; Green, 2005; Blaustein; Wake; Sousa, 1994; Marsh; Pearman, 1997;). Outros também relacionam a fisiologia da locomoção ao perfil bioquímico das fibras musculares das pernas (Pough; Taigen, 1990; Taigen; Emerson, 1982;).

2.2.2. Espécies exóticas

Frequentemente, as mudanças ambientais provocadas pela ação humana têm sido historicamente associadas ao transporte deliberado ou acidental de espécies animais e vegetais para fora de suas áreas naturais, o que provoca alterações nos padrões locais da biodiversidade (Lonsdale, 1999; Mack et al., 2000; Mckinney, 2002). Uma das espécies exóticas que mais toleram essas mudanças antrópicas é a *Lithobates catesbianus* – rá-touro-americana (Shaw, 1802). Essa espécie foi introduzida no Brasil com o advento da

ranicultura na década de 30 e ocorre principalmente nas regiões do sul e sudeste nas áreas de Pampa e Floresta Atlântica (Nori et al., 2011).

Apesar de se alimentarem principalmente de insetos, os adultos podem predar pequenos vertebrados, incluindo espécies de anuros, além de competirem com espécies nativas (Kraus, 2015). Esses efeitos diretos/indiretos podem provocar mudanças na anurofauna, principalmente em decorrência da alta taxa de reprodução (Kaefer; Boetler; Cechin, 2007) que provoca um aumento na dispersão das rãs-touro (Quiroga et al., 2015).

Além disso, *L. catesbeianus* está comumente relacionada com a dispersão de agentes infecciosos, como ranavírus e o fungo *Batrachochytrium dendrobatidis* (Mazzoni et al., 2003; O'hanlon et al., 2018), e nesse caso, podem elevar o nível de ameaça para a comunidade de anuros local. Outros estudos ainda reforçam uma alta prevalência do fungo *Bd* nessa espécie de rã, em decorrência da morbidade em criatórios, o que reforça a hipótese de que a rã-touro é um reservatório eficiente do *Bd* (Adams et al., 2017; Greenspan et al., 2012; Schloegel et al., 2010). Com isso, a alta densidade de indivíduos na atividade de ranicultura e o seu comportamento generalista podem aumentar a proliferação do fungo *Bd*, através da disseminação dos indivíduos em áreas próximas, elevando a faixa de distribuição do patógeno.

Dessa forma, no que se refere a ranicultura o nordeste brasileiro apresenta uma espécie de rã que vem sendo utilizada na alimentação. *Leptodactylus vastus* pode atingir até cerca de 20 centímetros de comprimento rostro cloacal na fase adulta, apresentando alto teor de proteína e baixo teor de gordura. Apesar de sua importância comercial, os Ministérios do Meio Ambiente e Aquicultura não apresentam dados sobre distribuição desses centros de criação da rã na região, o que dificulta a difusão das informações a respeito de espécies nativas do Brasil que podem ser utilizadas nesse processo econômico. Vale ressaltar que, o Brasil já foi o segundo maior produtor mundial de carne de rã, quando produzia em média 600 toneladas de carne por ano (de Oliveira, 2015).

2.2.3. Hemoparasito

Outro marcador do estado fisiológico dos anuros é a análise da ocorrência de hemoparasitos, dentre eles a ocorrência de hemogregarinas (Apicomplexa: Adeleiorina). Esses parasitos são hemoprotozoários heteroxenos, intraeritrócitários ou interleucocitários, que infectam uma ampla gama de hospedeiros ectotérmicos, incluindo os anuros. As hemogregarinas são transmitidas, principalmente por vetores invertebrados hematófagos, como insetos dípteros, carrapatos, ácaros e sanguessugas (Davies; Johnston, 2000; Martin, 1994; Smith Desser).

As hemogrerarinas são divididas em quatro famílias: Dactylosomatidae Jakowska e Nigrelli, 1955, Haemogregarinidae Léger, 1911, Hepatozoidae Miller, 1908 e Karyolysidae Labbé, 1894. Em Hepatozoide, *Hepatozoon* Miller, 1908 são hemogregarinas mais comumente relatadas em anuros (Davies; Johnston, 2000; Leal et al., 2015; Netherlands et al., 2018). Esse gênero é caracterizado pela presença de gamontes em eritrócitos ou leucócitos, sem divisão merogônica e ocorre no sangue periférico dos hospedeiros. Esses gamontes emparelhados penetram a parede intestinal dos invertebrados (hemocele), onde ocorre o desenvolvimento esporogônico para a formação de grandes oocistos. Os oocistos apresentam paredes espessas e contém esporocistos com esporozoítos – estágio infeccioso do parasito – que surgem após a ingestão do hospedeiro, dando origem aos estágios merogônicos no fígado (Smith; Desser; Martin, 1994) (Figura 1).

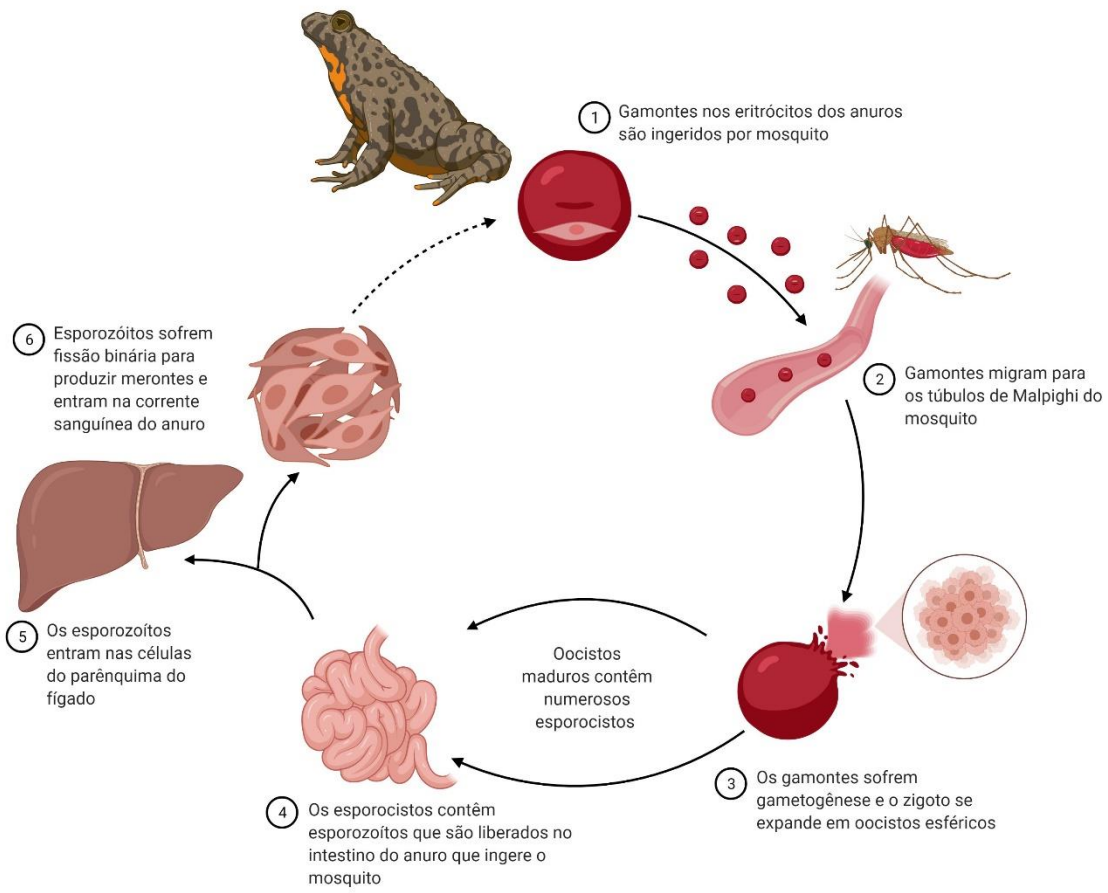


Figura 1. Representação diagramática do ciclo de vida de *Hepatozoon spp.* em anuro. Foto autoral criada no Biorender.

Cerca de 45 espécies de *Hepatozoon* foram descritas em anuros da África, Ásia e Europa (Netherlands et al., 2018). No Brasil, *Hepatozoon leptodactyli* (Lesage, 1908) Pessoa, 1970 e *Hemolivia stellata* Petit, Landau, Baccam e Lainson, 1990 têm sido relatadas em anuros brasileiros, incluindo espécies do gênero *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Leal et al., 2015; Ferreira et al., 2020).

Costa et al. (1973) investigaram 90 espécimes de *L. latrans* (Steffen, 1815) e *L. pentadactylus* (Laurent, 1768), relatando 17 indivíduos infectados com *H. leptodactyli*. Contudo, não há registros de espécies de *Hepatozoon* em *L. vastus*. Além disso, alguns anuros podem servir como o primeiro hospedeiro intermediário de *Hepatozoon* spp., que podem ser transmitidos para um segundo hospedeiro intermediário após a ingestão do primeiro. Nesse tocante, Viana et al. (2012) afirmam que, *L. chaquensis* Cei, 1950 é

considerado como primeiro hospedeiro intermediário de espécies de *Caiman* spp.

2.3. Ferramentas para a conservação de anuros

2.3.1. Hematologia

Tendo em vista a crescente ameaça a biodiversidade de anuros no planeta, a necessidade da criação de estratégias para a conservação desses animais torna-se urgente. A avaliação hematológica pode ser utilizada para monitorar o estado fisiológico das espécies de anuros, desde que os intervalos de referência e as interpretações estejam alinhadas aos fatores bióticos (sexo, idade) e abióticos (temperatura, umidade). Com isso, a hematologia tem se tornado uma ferramenta útil na detecção de doenças que possam afetar as células sanguíneas, anemia, leucoponia, leucocitose e trombocitopenia (Campbell; Grant, 2015).

Enquanto a contagem total de células do sangue fornece informações básicas sobre a concentração de células sanguíneas e presença de patógenos (Allender; Fry, 2008), as análises bioquímicas, plasmáticas ou séricas, fornecem dados sobre o funcionamento dos órgãos, eletrólitos, proteínas, parâmetros nutricionais e metabólicos (Newman et al., 1997) (Figura 2).

As análises hematológicas, envolvendo a contagem total de eritrócitos e leucócitos, determinação da hemoglobina, contagem diferencial de leucócitos e determinação do hematócrito foram estabelecidos por volta de 1900 (Sato et al., 2018). Muito dos componentes utilizados para a contagem automatizada das células sanguíneas não podem ser utilizadas para os anuros, devido a presença de núcleo nos eritrócitos e trombócitos desses animais. Nesse caso, Sato et al. (2018), utilizaram o anticorpo monoclonal T12 e desenvolveram um sistema automatizado para a classificação e contagem das células sanguíneas de *Xenopus laevis* (Daudin, 1802) e *Xenopus tropicalis* (Gray, 1864), principalmente para diferenciar os trombócitos de outros tipos de células.

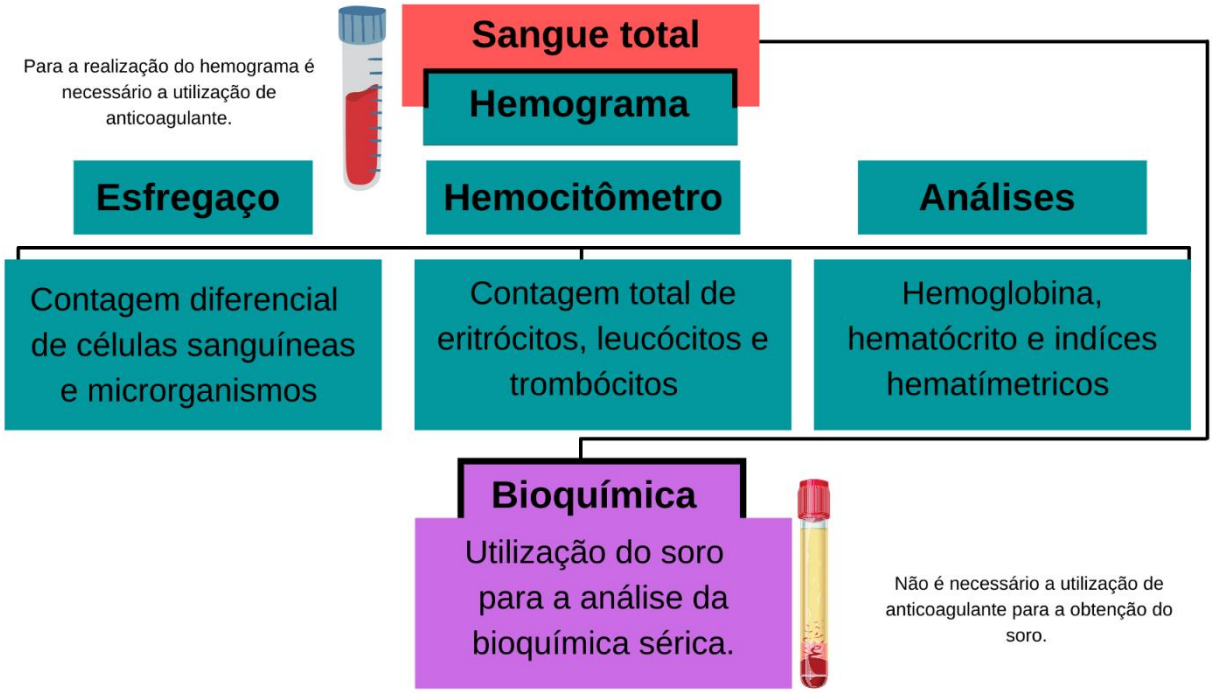


Figura 2. Diagrama do passo a passo para maximizar as análises, a partir do sangue periférico dos anuros. Foto autoral.

Levando em consideração a plasticidade de ambientes em que os anfíbios podem se distribuir (ecossistemas aquáticos e terrestres), os seus parâmetros hematológicos variam de acordo. Nesse caso, a interpretação do hemograma pode ser um desafio em alguns casos, no qual salamandras apresentam mais semelhanças com os peixes e sapos terrestres apresentam interpretações semelhantes às dos “répteis” (Campbell; Grant, 2015).

Nesse sentido, a determinação dos intervalos de referência para os parâmetros hematológicos e bioquímicos podem fornecer informações acerca do diagnóstico de doenças emergentes e na compreensão do quadro clínico dos animais (Campbell; Grant, 2015), bem como, verificar a influência dos diferentes níveis de antropização nas variáveis hematológicas dos anuros. E, apesar da sua importância, os trabalhos publicados sobre esses valores de referência têm sido realizados, principalmente com os gêneros de importância comercial, como *Bufo, Lithobates* e *Xenopus* (Bricker; Raskin; Densmore, 2012; Hadji-Azimi et al., 1987).

2.3.2. Formação das células sanguínea dos anuros

As células sanguíneas dos anuros possuem algumas semelhanças com as células sanguíneas dos peixes, “répteis” e aves. Assim como esses três grupos, os anuros apresentam eritrócitos nucleados (diferente dos eritrócitos dos mamíferos) e trombócitos (células equivalentes as plaquetas dos mamíferos) (Campbell; Grant, 2015). Essa semelhança pode ser útil para a compreensão dos padrões do estado fisiológico desses animais. Contudo, as principais diferenças entre anfíbios e mamíferos representam desafios para determinados diagnósticos, uma vez que os estudos hematológicos estão mais padronizados para este último grupo (Allender e Fry, 2008).

Durante o processo de metamorfose dos anuros, no qual larvas (girinos) se transformam em sapos, rãs ou pererecas, os tecidos do corpo aumentam e após a reestruturação desses tecidos o animal sofre uma redução no tamanho total (Davis, 2008). Como parte desse processo, as populações de eritrócitos se renovam e o número de leucócitos aumenta, durante a hematopoiese. Dessa forma, estudos sobre a reposição de populações de células sanguíneas de anuros, em ambientes aquáticos podem oferecer subsídios para os estudos sobre a contaminação nesses ecossistemas (Barni et al., 2007), principalmente quanto aos parâmetros dos leucócitos, os quais estão sujeitos a essa variação ambiental (Kiesecker, 2002; Davis et al., 2008).

A hematopoiese é o processo de crescimento, maturação, renovação e diferenciação de células-tronco hematopoiéticas, o que resulta na formação de células sanguíneas durante os estágios embrionários e adultos dos animais (Lüscher-Firzlaff et al., 2019; Till; Mcculloch; Siminovitch, 1964). Durante esse processo, as células-tronco hematopoiéticas darão origem as unidades formadoras de colônias mieloides e linfoides, na qual a unidade formadora mieloide será responsável pelos processos de eritropoiese, granulopoiese, trombopoiese e fator megacariócito, enquanto a unidade formadora linfoide resultará nos linfócitos (Adolfsson et al., 2005).

A diferenciação dessas células durante a hematopoiese depende da ativação do fator estimulador de colônias CSF-1 e Eritropoietina. CSF-1 é uma glicoproteína monomérica que funciona como uma citocina e estimula as células-

tronco hematopoiéticas (CTH) a produzirem granulócitos (basófilos, eosinófilos e neutrófilos) e monócitos que nos tecidos se desenvolvem em macrófagos e em células dendríticas (Root; Dale, 1999).

Por outro lado, a diferenciação dos precursores megacariócito/eritrócito depende da eritropoietina (Epo) (Nogawa-Kosaka et al., 2011). A eritropoietina é um hormônio produzido e secretado pelos rins, quando ocorre a diminuição de oxigênio na circulação sanguínea. Esse hormônio estimula a proliferação e diferenciação de precursores dos eritrócitos nos tecidos hematopoiéticos dando origem aos eritrócitos. Dessa forma, no processo de eritropoiese a Epo auxilia na manutenção do número de eritrócitos, tornando a concentração de hemácias suficiente para manter os níveis adequados de oxigênio nos tecidos (Sherwood; Klandorf; Yancey, 2005) (Figura 3).

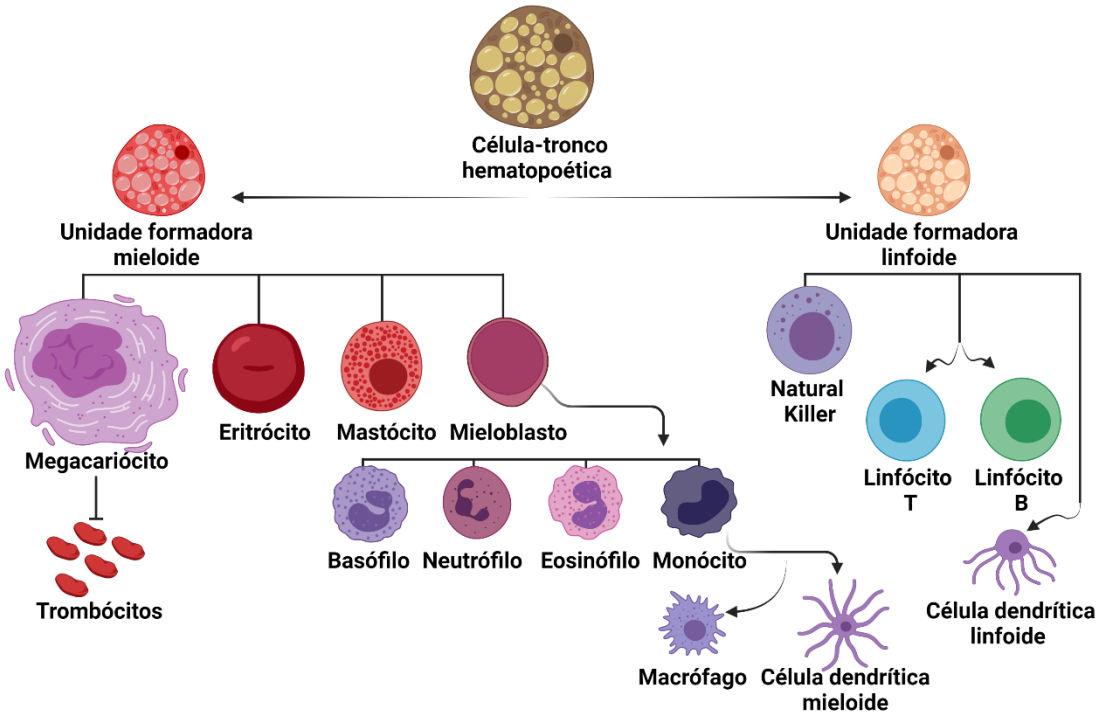


Figura 3. Ilustração do processo de formação dos tipos de células sanguíneas dos anuros (Hematopoiese). Foto autoral criada no Biorender.

Embora esse processo seja amplamente descrito para os mamíferos, cujas as células pluripotentes residem predominantemente na medula óssea, outros autores têm se debruçado nos estudos sobre esse processo nos anuros. Em *Lithobates catesbeianus* (Shaw, 1802), o processo de formação e diferenciação das células sanguíneas ocorre no baço, denominado como principal órgão para

esta espécie (De Abreu Manso; De Brito-Gitirana, 2009). Estes mesmos autores ainda conseguiram verificar que, durante a primavera o baço se torna o principal sítio para a eritropoiese, enquanto a hematopoiese migra para a medula óssea, o que sugere que esse processo em anuros é amplamente influenciado pela sazonalidade.

Em *Xenopus laevis* (Daudin, 1802), células hematopoiéticas foram encontradas em diversos tecidos, como o fígado, medula óssea femoral e baço. Nesse caso, o fígado, de acordo Hadji-Azimi et al. (1987) funciona como o principal sítio hematopoiético, enquanto a medula óssea é primária para esse processo. Ainda para essa espécie, Cumano e Godin (2007) relatam que o rim, o baço e o timo são locais hematopoiéticos definitivos. Mais recentemente, Yaparla, Reeves e Grayfer (2020) descreveram os processos de hematopoiese para *X. laevis* e verificaram que, apesar da presença de células pluripotentes (CTH) na medula óssea dos animais, o fígado é o principal sítio para a formação das células sanguíneas.

O uso da medula óssea como local hematopoiético para os anfíbios parece ter coevoluído com a vascularização do corpo dos animais, em decorrência da adaptação para o ecossistema terrestre (Tanaka, 1976). Apesar de algumas espécies de anuros aquáticos – como *Bombina* spp. e *Xenopus* spp. – apresentarem vascularização rudimentar na medula óssea, outras espécies de hábitos terrestres (*Bufo* spp.) possuem medula óssea com vascularização mais pronunciada, semelhante a observada em mamíferos (Tanaka, 1976).

No processo de eritropoiese também ocorre diferença entre larvas e adultos. Enquanto os indivíduos na fase larval desenvolvem seus eritrócitos no fígado e rins, os indivíduos adultos desenvolvem na medula óssea, bem como no baço e fígado. Ainda nos indivíduos adultos, o baço é o principal local para a formação dos eritrócitos, apesar do fígado ser considerado como um órgão secundário para esta função (Arikan; Cicek, 2014). Além disso, os eritrócitos dos anfíbios são grandes, quando comparado com os demais grupos dos vertebrados (Thrall et al., 2012; Wojtaszek; Adamowicz, 2003; Wright; Whitaker, 2001), dentre os anfíbios pode-se destacar o comprimento médio dos eritrócitos das espécies de *Amphiuma* Garden, 1821, cerca de 70 µm (Garrison, 1949).

Essas diferenças no tamanho dos eritrócitos dos anfíbios estão frequentemente associadas ao tamanho do genoma da espécie: quanto mais longo o seu genoma, maior o eritrócito. Portanto, anuros, cujo girinos habitam lagoas temporárias e apresentam tempo reduzido para completar a metamorfose, têm genomas mais curtos e eritrócitos menores (Gregory, 2001).

2.3.3. Tipos de células sanguíneas dos anuros

As células sanguíneas dos anuros consistem em eritrócitos, leucócitos e trombócitos. Os leucócitos por sua vez podem ser subdivididos em granulócitos e agranulócitos. Como granulócitos tem-se os neutrófilos, eosinófilos e basófilos. Já os agranulócitos são os monócitos e linfócitos.

Os eritrócitos apresentam morfologia oval-elíptica e núcleo redondo e basofílico. (Figura 4). Na fase larval dos anuros os eritrócitos são mais alongados, enquanto na forma adulta eles são menores e mais redondos (Benbassat, 1970), tendo como principal função o transporte de gases associados a respiração. O tempo de vida dos eritrócitos é longo, quando comparado ao tempo de vida dos eritrócitos das aves e mamíferos, entre 400-700 dias (*Rhinella marina*) (Altland; Brace, 1962).

Os trombócitos apresentam forma oval a redondo, com presença de núcleo com cromatina densa. Ao contrário dos linfócitos, a cromatina não é aglomerada aleatoriamente, mas condensada no centro do núcleo e suas bordas citoplasmáticas raramente são lisas. Os trombócitos dos anuros são análogas as plaquetas dos mamíferos, funcionando como componente para a coagulação do sangue (Forzán et., 2017) (Figura 4).

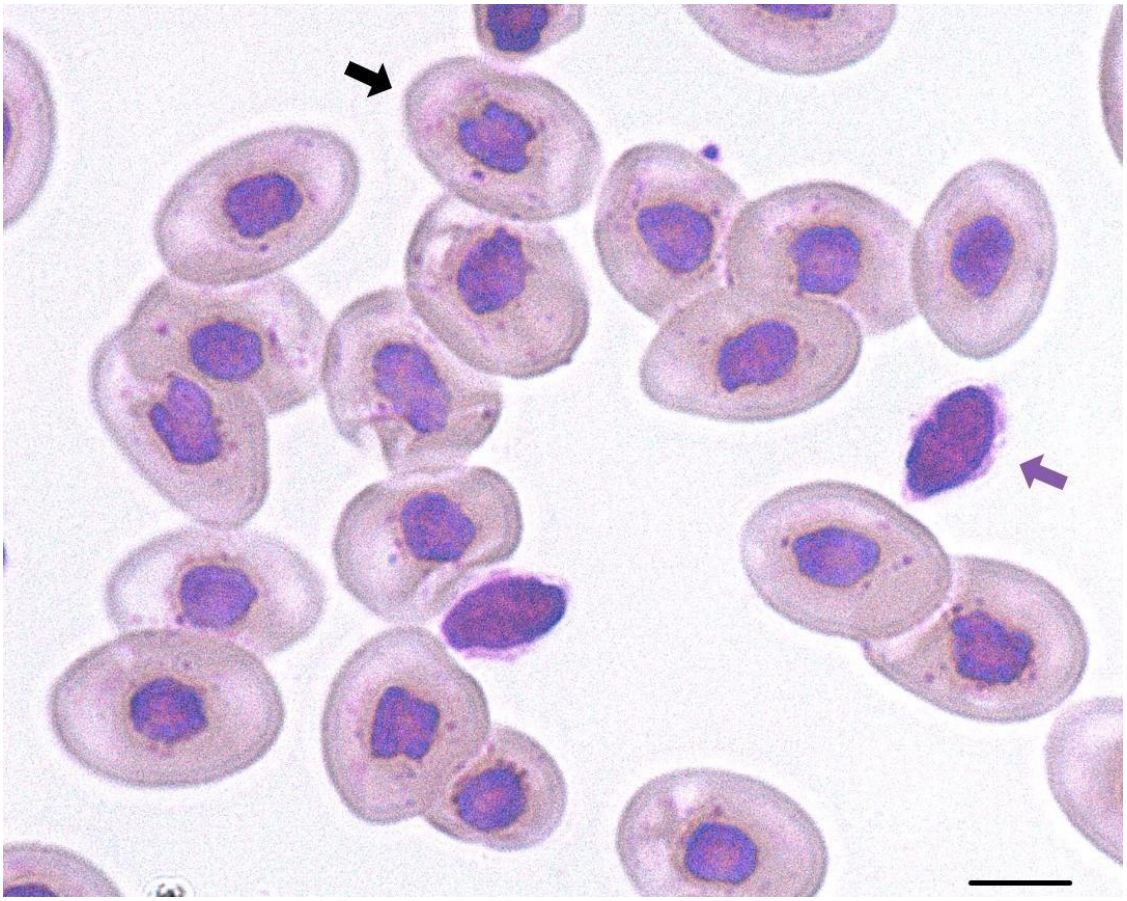


Figura 4. Células do tecido sanguíneo de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 coradas com May Grunwald-Giemsa. Eritrócitos maduros (seta preta). Trombócito (seta violeta). A barra preta corresponde a 10 µm. Foto autoral.

Os neutrófilos, geralmente são células redondas, polimorfonucleares, nos quais os grânulos apresentam mieloperoxidases e citoplasma incolor quando corado com giemsa (Forzán et al., 2017). Em anuros, os neutrófilos são frequentemente positivos para a peroxidase, mas a atividade da fosfatase varia de acordo com a espécie (Turner, 1988). Em algumas espécies, um pequeno número de células pode se assemelhar aos neutrófilos, porém apresentam pequenos grânulos citoplasmáticos eosinofílicos distintos, sendo denominadas de heterófilos. Os neutrófilos dos anuros se assemelham as células encontradas em mamíferos com síndrome de Chediak-Higashi (Campbell; Grant, 2015) (Figura 5).

Os eosinófilos apresentam núcleo segmentado, grânulos citoplasmáticos eosinofílicos redondos a ovais e citoplasma ligeiramente basofílico. O tamanho dos eosinófilos é relativamente maior do que os neutrófilos. Os grânulos eosinofílicos encontrados nos eosinófilos exibem ultraestrutura cristaloide, típica

da morfologia ultraestrutural de eosinófilos de mamíferos (Turner, 1988; Pfeiffer; Pyle; Asashima et al., 1990) (Figura 5).

Os basófilos são células redondos a ovais que não apresentam núcleo com lóbulos segmentados, mas possuem grânulos citoplasmáticos basofílicos metacromáticos que, geralmente cobrem o núcleo. O seu tamanho pode variar de acordo com a espécie (Campbell; Grant, 2015). (Figura 5).

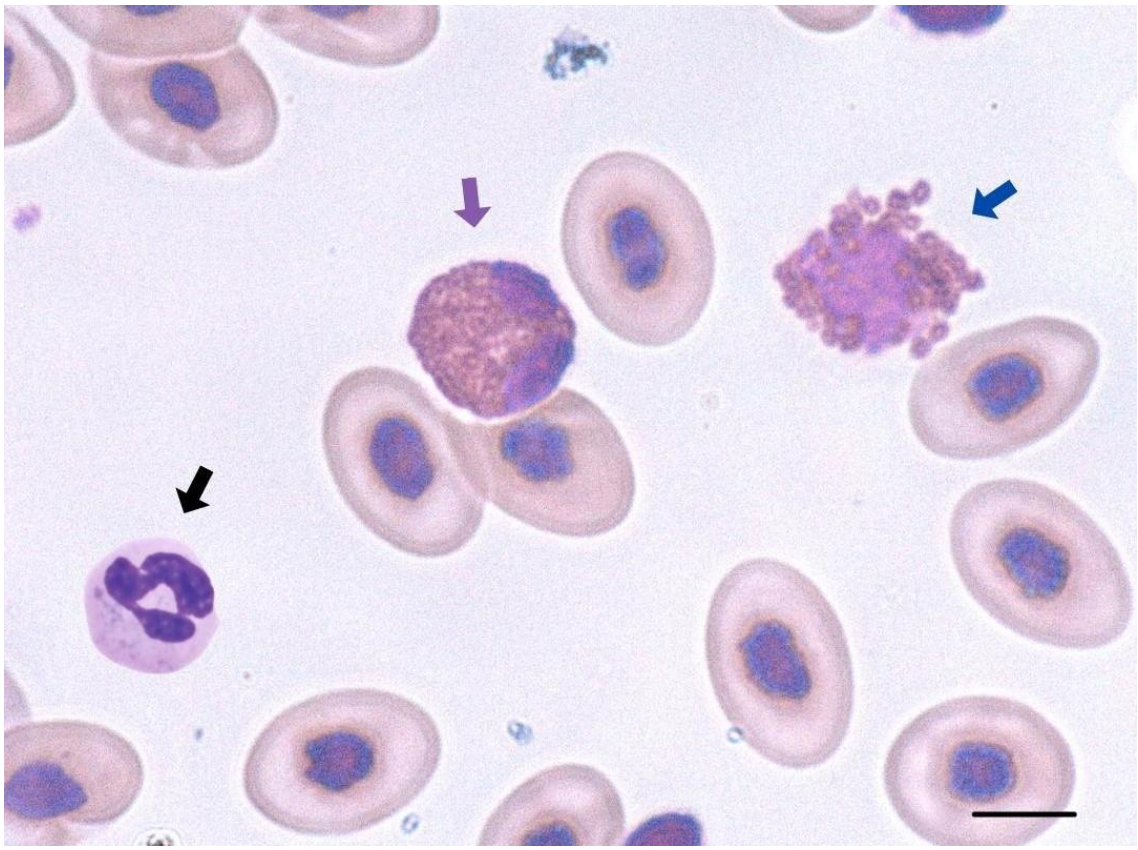


Figura 5. Células do tecido sanguíneo de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 coradas com May Grunwald-Giemsa. Neutrófilo (seta preta). Eosinófilo (seta violeta). Basófilo (seta azul). A barra preta corresponde a 10 µm. Foto autoral.

Os monócitos são células redondas, nos quais pseudópodes podem estar presentes, com coloração azul-acinzentado claro, citoplasma abundante, pequenos grânulos azurófilos e de forma irregular (Campbell; Grant, 2015) (Figura 6). A morfologia dos linfócitos dos anuros se assemelham aos de outros vertebrados. São células pequenas e redondas com citoplasma azul claro e núcleo redondo e escuro. A cromatina do núcleo é densa e aglomerada, o que a diferencia dos trombócitos que não apresentam cromatina aglomerada. Os linfócitos dos anuros ainda se diferenciam dos linfócitos dos mamíferos, porque

são negativos para b-glucuronidase e arilsulfatase (Campbell; Grant, 2015; Turner, 1988) (Figura 6).

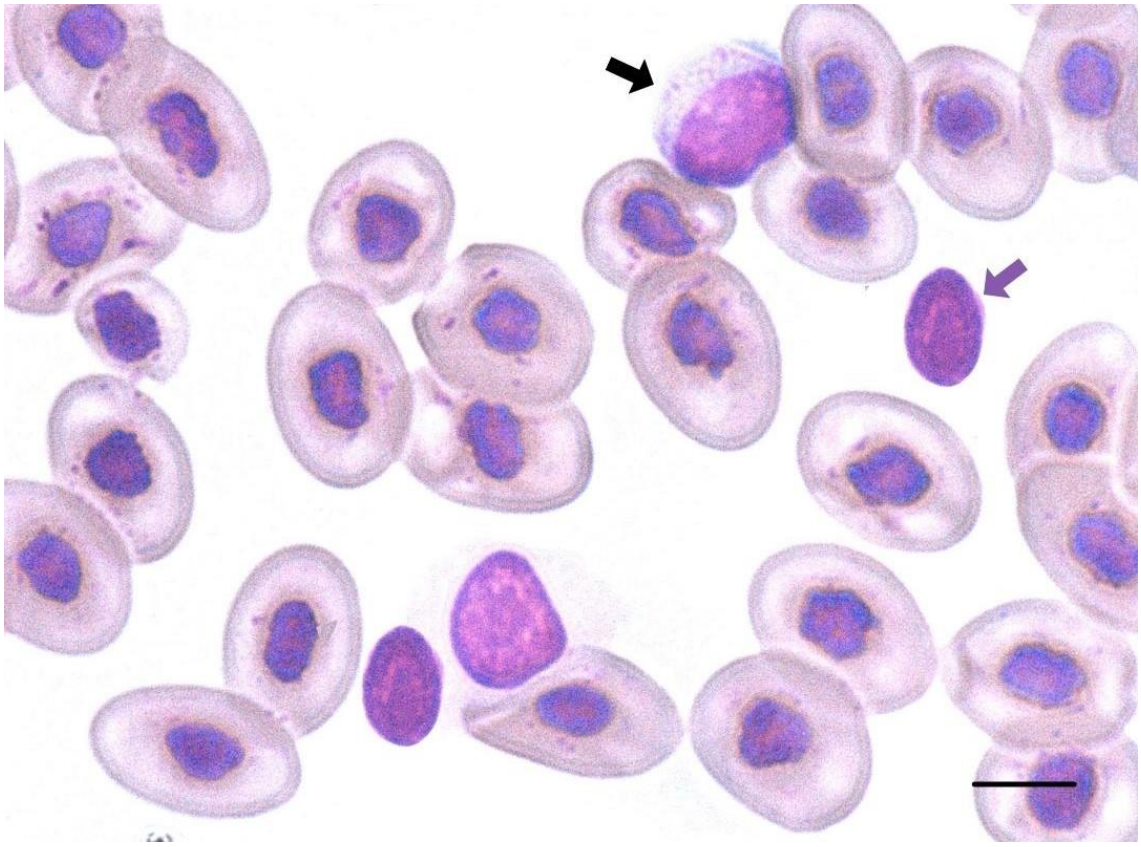


Figura 6. Células do tecido sanguíneo de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 coradas com May Grunwald-Giemsa. Monócito (seta preta). Linfócito (seta violeta). A barra preta corresponde a 10 µm. Foto autoral.

A função imunológica dos leucócitos foi revisada extensivamente (Jain 1986) e podem apresentar diversas aplicações inflamatórias e imunológicas semelhante as de outros vertebrados (Duellman; Trueb, 1994). Além disso, a análise da razão Neutrófilo:Linfócito (N:L) pode estar associada com o aumento do cortisol plasmático, e, portanto, pode ser considerado como um indicador de estresse no animal (Garcia Neto et al., 2020).

Em anuros, linfócitos e neutrófilos constituem a maioria dos leucócitos, correspondendo a 80%, respectivamente, (Cathers et al., 1997; Davis et al., 2008; Thrall, 2012) (Tabela 1). Neutrófilos são leucócitos fagocíticos primários e se distribuem em maior quantidade na circulação sanguínea do animal, em resposta a infecções, inflamações e estresse (Jain, 1993; Campbell e Grant, 2015). Os linfócitos estão envolvidos em diversas funções imunológicas, sendo

classificados como células B produtoras de imunoglobulina, ou T que tem papel fundamental na modulação da defesa (Campbell; Grant, 2015).

Tabela 1 – Perfil leucocitário de espécies de anfíbios. Os resultados estão apresentados em porcentagem.

Espécie	Linfócito	Neutrófilo	Eosinófilo	Basófilo	Monócito	Autoria
Lithobates catesbianus (Shaw, 1802)	62,9%	22%	8,9%	2,5%	0,6	Cathers et al., 1997
Boana albopunctata (Spix, 1824)	63%	12%	7%	10%	8%	Titon et al., 2016
Boana faber (Wied-Neuwied, 1821)	63,6%	22,4%	1,4%	6,2%	6,4%	Barsotti et al., 2017
Rhinella icterica (Spix, 1824)	71,6%	8,9%	11,96%	1,04%	7,74%	Assis; Titon; Gomes, 2019

Os 20% restantes dos leucócitos são constituídos por eosinófilos, que desempenham importante função durante os processos de inflamação nos animais (Jain, 1993) e na defesa contra parasitos (Kiesecker, 2002). Os monócitos apresentam tempo de vida longo, enquanto células fagocíticas e estão associados a defesa contra infecções bacterianas (Campbell; Grant, 2015). Os basófilos contêm grânulos com mucopolissacarídeos ácidos (glicosaminoglicanos) que são menos sulfatados do que os grânulos dos basófilos de mamíferos, e nesse caso o conteúdo de histamina é inferior também (Turner, 1988). Os basófilos podem ser considerados como células que desempenham um papel significativo na vigilância imunológica (Campbell; Grant, 2015).

2.3.4. Bioquímica sérica dos anuros

A partir do soro ou plasma sanguíneo dos anuros pode-se obter informações sobre padrões bioquímicos. Alguns painéis foram determinados para algumas espécies de anuros (Tabela 2), exceto para espécies brasileiras. Apesar de tais valores, pouco se sabe sobre o diagnóstico das enzimas hepáticas, pancreáticas, musculares e cardíacas no sangue dos anuros.

Graças a esses resultados, geralmente fragmentados, sabe-se que anuros tolerantes ao congelamento, como a *Lithobates sylvaticus* (LeConte, 1825), *Pseudacris crucifer* (Wied-Neuwied, 1838) e *Pseudacris triseriata* Wied-Neuwied, 1838 acumulam níveis de carboidratos de baixo peso molecular nos tecidos e no sangue: glicose e glicerol (Storey; Storey, 1986). Os resultados da concentração de glicose em anuros que hibernaram recentemente podem ser maiores que 600 g/dL, enquanto que a glicose em espécimes que não hibernaram é inferior a 2,4 g/dL (Storey; Storey, 1986).

Para *Dryophytes versicolor* (LeConte, 1825), por exemplo, os resultados absolutos dependem da idade do animal, no qual em indivíduos adultos a glicose permanece inalterada durante a hibernação, enquanto as concentrações de glicerol aumentam de 6,8 para 423 mmol/L. Já as pererecas imaturas apresentam um ligeiro aumento de glicerol (0,1 – 16,3 mmol/L) e glicose (2,3 g/dL – 41,7 g/dL) (Storey; Storey, 1986).

Tabela 2. Painel bioquímico de espécies de anfíbios. Os números estão representados pela média, mínimo e máximo (quando fornecidos pelos respectivos autores). Abreviações: ALT (Alanina-aminotransferase), AST (Asparatoaminotransferase), GGT (Gama glutamiltransferase), LDL (*Low density lipoprotein*) e HDL (*High density lipoprotein*).

Bioquímica Sérica		**Espécies de anuros/Autores do estudo**				
Analito	**Unidade convenciona**	***Lithobates catesbeianus* Coppo; Mussart; Fioranelli et al. (2005)**	***Xenopus laevis* Wilson et al. (2011)**	***Ranoidea caerulea* Young et al. (2012)**	***Xenopus tropicalis* Maxham et al. (2016)**	***Lithobates catesbeianus* Peng et al. (2016)**
Albumina	g/dL	1,58 (1,49–1,67)	1 (0 – 3,58)	-	-	19,82 (14,71 –25,31)
ALT	U/L	12,4 (10–14,28)	21 (0 – 46,8)	-	-	14,5 (5,7–26,3)

AST	U/L	48,1 (42,8 – 53,4)	453 (0 – 1587)	91 (30 – 362)	-	111,5 (30,3–191,7)
Colesterol total	mg/dL	62 (56 –67)	232 (0 – 541,2)	-	-	475,83 (403,5–529,12)
Creatinina	mg/dL	0,48 (0,4–0,55)	0,4 (0 – 2,98)	-	-	0,21 (0,01–0,02)
Globulina	g/L	-	2,3 (0 – 4,88)	-		9,38 (9,10–9,69)
Glicose	mg/dL	50 (45–54)	53 (1,46 – 104,54)	64,9 (34,2 – 108,1)	-	35,85 (20,18–39,64)
Fosfatase alcalina	U/L	-	148 (59 – 282)	-		-
GGT	U/L	9,2 (7,8 –10,6)	4 (1 – 19)	-		5,09 (3,01–8,43)
LDL	mg/dL	39 (34–44)	114 (21 – 240)	-	-	-

HDL	mg/dL	4 (3–5)	36 (14 – 63)	-		-
Relação Albumina/ Globulina		0,54 (0,50 – 0,58)	0,7 (0 – 3,28)	-	-	-
Proteínas totais	g/dL	4,34 (4,19 – 4,49)	3,3 (0,72 – 5,88)	3,5 (1,8–5,6)	6,2 (3,9 – 8,59)	3,9 (2,42 – 5,4)
Triglicerídeos	mg/dL	43 (34–52)	117 (0 – 297,38)	-	-	-
Ureia	mg/dL	84,2 (76,1–92,4)	10,81 (0 – 66,68)	-	-	-

Ainda sobre dados a respeito da bioquímica sérica de anuros, de acordo com Shilton et al. (2001) *Osteopilus septentrionalis* (Duméril and Bibron, 1841), criados em cativeiro podem desenvolver obesidade e lipidose corneana, em decorrência do aumento significativo de colesterol e triglicerídeo séricos. Os indivíduos acometidos com lipidose corneana apresentam uma média de 27,5 mmol/L de colesterol, enquanto os espécimes silvestres não afetadas apresentam uma média de 3,86 mmol/dL.

Nesse contexto, percebe-se a necessidade de trabalhos que utilizem analitos bioquímicos para a investigação da fisiologia dos anuros endêmicos do Brasil. Funções hepáticas, renais e energéticas, bem como enzimas hepáticas são analitos que podem auxiliar no diagnóstico de hipersensibilidade imunológica associada a presença de parasitos que podem acometer o funcionamento dos órgãos, além de subsidiar a investigação da influência da pressão antrópica direcionada a saúde dos anuros e dos ecossistemas.

2.3.5. Repertório defensivo dos anuros

Os anuros apresentam mais de 30 estratégias de defesa que são utilizadas para evitar o risco de predação. Esses comportamentos variam desde permanecer imóvel até a fuga do ambiente (Toledo; Sazima; Haddad, 2011). Entre esses dois comportamentos, os anuros ainda podem exibir diversos mecanismos sinérgicos para aumentar suas chances de fuga, em ambientes nos quais quase todos os organismos carnívoros podem predar uma rã (Toledo, 2005; Toledo; Ribeiro; Haddad, 2007).

Toledo, Sazima e Haddad (2011) classificaram as diferentes fases da predação em: localização, identificação, abordagem, subjugação, ingestão e digestão. Já as estratégias defensivas dos anuros podem ser exibidas de forma primária: não dependem da presença do predador, ou secundária: desencadeadas pela presença do predador. Esses dois mecanismos podem ter evoluído para evitar a tentativa de predação (Edmunds, 1974) e, portanto, um anuro críptico pode evitar a sua visualização e um anuro venenoso pode evitar a sua ingestão.

Nesse caminho, o estudo sobre estratégias defensivas dos anuros funciona como uma ferramenta para o entendimento da ecologia desses animais nos

ecossistemas. Apesar disso, a maioria dos estudos sobre esses comportamentos são geralmente publicados em notas curtas (Figueiredo et al., 2021; Santos; Moura; Souza, 2020; Sena et al., 2021) o que dificulta o aprofundamento da discussão. Vale ressaltar que, para o comportamento antipredatório dos anuros há apenas as revisões feita pelo Toledo, Sazima e Haddad (2011) e Ferreira et al. (2019). As revisões reúnem mais de 30 comportamentos defensivos, conforme a tabela 3.

Tabela 3. Estratégias de defesa de anuros pós metamórficos e suas possíveis funções para evitar a predação (Toledo; Sazima; Haddad, 2011; Ferreira et al., 2019).

#	Comportamento	Variação	Possível função
1	Imobilidade		Evita a visualização
2	Permanecer agachado		Evita a imobilização
3	Tanatose ou fingir-se de morto		Evita imobilização
4	Contrair o corpo		Evita lesões durante a imobilização e ingestão
5	Flexionar a cabeça em direção ventral		Evita imobilização
6	Fragmose		Evita imobilização
7	Inflar o corpo		Evita imobilização
8	Levantar o corpo	Pernas esticadas verticalmente Pernas alongadas lateralmente	Evita imobilização

9	Inclinar o corpo		Evita imobilização
10	Manter as pernas rígidas		Evita a visualização
11	Curvar a cabeça para cima		Evita imobilização
12	Proteger os olhos com as patas		Evita lesões durante a imobilização e ingestão
13	Entrelaçar de pernas		Evita imobilização
14	Virar a parte posterior do corpo para o predador		Evita imobilização
15	Esconder		Evita a visualização
16	Escavar		Evita a visualização
17	Fugir		Evita imobilização
18	Descarga cloacal	Líquido	Evita imobilização
		Sólido (defecação)	
19	Atacar o predador		Evita imobilização
20	Bater com a cabeça		Evita imobilização
21	Morder		Evita imobilização
22	Manter a boca aberta		Evita imobilização
23	Protrair a língua		Evita imobilização
24	Agredir o predador	Morder Chute Punção	Contra ataque

25	Regurgitar		Evita ingestão
26	Vocalizar	Canto de socorro	Evita ingestão
		Canto de alerta	Evita imobilização
		Canto de alarme	Evita imobilização ou ingestão
27	Produzir secreções	Odorífero	Evita ingestão
		Adesivo	
		Nocivo	Evita ingestão / digestão
		Escorregadio	
28	Camuflar-se	Coloração parecida com o micro-habitat	Evita a detecção e previne ataques
		Camuflagem perturbadora	
29	Mostrar cores aposemáticas	Expor cores	Previne ataques
30	Brigar		Evita ingestão

2.3.6. Bioacústica para a análise do comportamento defensivo

A bioacústica é uma importante ferramenta utilizada para o estudo do comportamento dos anuros. Para esses animais, a comunicação acústica é um canal de transferência de informação intra e interespecífica (Wells; Schwartz, 2007). O canto pode estar associado a diversas funções sociais, desde a defesa do território até a atração de parceiras (Toledo et al., 2015). Os sinais acústicos são predominantemente emitidos pelos machos, e, estes por sua vez, apresentam um aparato vocal complexo, incluindo um saco vocal e uma

estrutura adaptada para a ressonância do som (o crânio) (Wells; Schwartz, 2007).

No contexto reprodutivo, as fêmeas emitem sinais acústicos para anunciar a receptividade para o macho, durante o acasalamento (Kokubum et al., 2009; Márquez; Verrell, 1991). Além disso, as fêmeas podem emitir sinais acústicos em interações defensivas (Toledo; Haddad, 2009) e agressivas (Preininger et al., 2016)

No que diz respeito a história evolutiva dos anuros, a comunicação acústica apresenta um papel crucial no reconhecimento e discriminação de indivíduos da mesma espécie, o que se denomina como variação intra e interindividual (Gerhardt, 1991; Morais et al., 2012; De Oliveira-Santos et al., 2020). Além disso, os sinais acústicos estão sujeitos a influência dos fatores bióticos (presença de outras espécies, barreiras naturais) e abióticos (temperatura, umidade e precipitação), resultando em diferenças interindividuais e interpopulacionais (Morais et al., 2012; Tessarolo et al., 2016).

Dentre os cantos emitidos pelos anuros, tem-se observado que o canto de socorro (*distress call*) é um display comportamental utilizado por esses animais no momento em que são interceptados pelos predadores (Toledo; Haddad, 2009). Esse canto (grito) também pode ser utilizado para alertar os vizinhos, o que resulta na interrupção das atividades de vocalização das espécies coespecíficas (Forti et al., 2017). Para esse tipo de canto, quanto mais alto e duradouro, ele se torna mais eficaz contra diferentes tipos de predadores (Toledo; Haddad, 2009). Apesar disso, as espécies do grupo *Leptodactylus pentadactylus* não seguem esse modelo, tendo em vista que são animais que emitem cantos de socorro de curta duração (Toledo; Haddad, 2009).

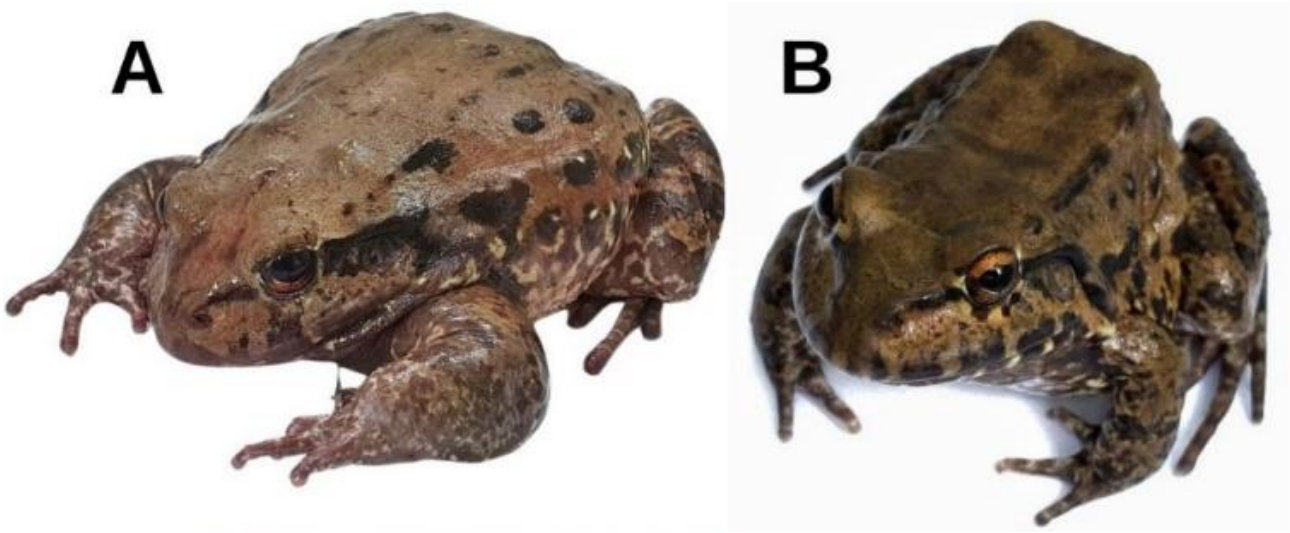
Desse modo, a bioacústica é uma importante abordagem para estudos sobre etologia (Gerhardt; Huber, 2002) ecologia (Oseen; Wassersug, 2002), evolução e conservação (Sugai; Llusia, 2019), além de detectar a influência das mudanças climáticas na biologia térmica desses animais (Llusia et al., 2013). O estudo sobre o repertório defensivo dos anuros, baseados em comportamentos observados em campos naturalistas tem produzido resultados que podem

auxiliar na construção da história natural (Ferrante; Najar; Kaefer, 2020) e em propostas para a conservação das espécies em seus respectivos ecossistemas.

2.4. *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930

O gênero *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 compreende 83 espécies distribuídas entre o sul da América do Norte e América do Sul, bem como ocidente da Índia (Frost, 2021). O gênero é dividido em quatro grupos: *L. fuscus, L. pentadactylus, L. latrans* e *L. melanonotus* (de Sá et al., 2014; Magalhães et., 2020). As espécies de anuros pertencentes a este último grupo se distribuem pela América Central e América do Sul, ocupando uma grande diversidade de nichos florestais (Heyer, 2005). Atualmente, o grupo apresenta 14 espécies, dentre elas *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930.

No Brasil, *L. vastus* se distribui pelo nordeste brasileiro e, assim como as demais espécies do grupo pode apresentar até 20 cm de comprimento rostro cloacal (CRC) (Heyer, 2005) (Figura 7). De acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas de Extinção (IUCN) (Heyer, 2008), Ministério do Meio Ambiente (MMA) e a RESOLUÇÃO Nº 01, DE 09 DE JANEIRO DE 2015, *L. vastus* se encontra na categoria de LC (pouco preocupante). Vale ressaltar que, assim como no Brasil, *L. vastus* foi comumente confundido como *L. labyrinthicus* na Bolívia, por apresentar características morfológicas (CRC e coloração) e até acústicas muito parecidas (Heyer, 2005).



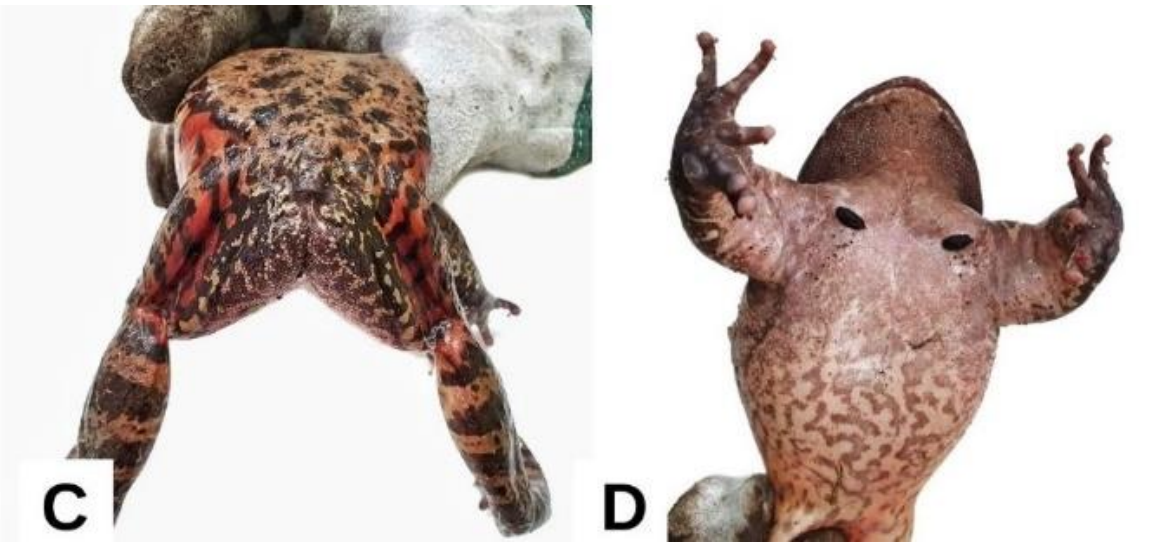


Figura 7. Espécimes de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 registrados no Parque Estadual de Dois Irmãos e na Mata do Camocim, Pernambuco, Brasil. A) macho em repouso (CRC: 17,08 cm; peso: 300g). B) Vista anterior. C) Vista posterior, evidenciando as pernas com coloração aposemática. D) Macho em posição ventral, evidenciando os espinhos (calos nupciais) na região peitoral. (CRC: 15,01 cm; peso: 270g). Fotos: Jonathas Lins.

Assim como boa parte das espécies do gênero *Leptodactylus,* não há estudos sobre hemograma e bioquímica sérica de *L. vastus*. Contudo, análises sobre o canto de socorro de fêmeas foram investigados por Toledo e Haddad (2009) e o canto de anúncio foi definido por Jansen e Schulze (2012). De Castro et al. (2017) ainda reuniram três comportamentos defensivos de machos de *L. vastus* em uma nota: tanatose, levantamento do corpo e liberação de secreção tóxica pela epiderme. Nenhum desses trabalhos verificou a variação intra e interindivual do canto de socorro.

No contexto das ameaças para a diversidade de anuros no mundo, surge a necessidade do desenvolvimento de abordagens para o monitoramento do estado fisiológico das populações desses animais. Com isso, o biomonitoramento constitui um valioso instrumento de avaliação, uma vez que utiliza estudos de campo com animais bioindicadores para a compreensão da extensão temporal e espacial da contaminação ambiental e seus efeitos nos animais (Huggett et al., 2018).

E, apesar da hematologia dos anuros ser desafiadora, em decorrência da combinação de diversos fatores, como o comprimento rostro cloacal pequeno para algumas espécies, poucos locais para a punção venosa, falta de dados hematológicos que sirvam de base para a determinação de intervalos para a contagem e diferenciação dos diferentes tipos celulares sanguíneos nestes animais (Heatley; Johnson, 2009), é necessário que haja aprofundamento nos estudos sobre esses parâmetros fisiológicos para espécies de anuros brasileiros. Além disso, conhecer a história natural, através dos seus mecanismos de defesa podem auxiliar na construção de propostas ainda mais robustas, que possam mitigar as consequências que têm levado ao declínio das populações nos ecossistemas.

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

Analisar o estado fisiológico de machos de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930, a partir de fatores intrínsecos e extrínsecos em remanescentes de Floresta Atlântica na região metropolitana de Recife, Pernambuco, Brasil.

3.2. Objetivos Específicos

- Determinar o perfil hematológico dos animais;
- Definir os parâmetros bioquímicos séricos dos animais;
- Descrever as características ultraestruturais das células sanguíneas;
- Verificar a ocorrência de hemoparasitos;
- Investigar o comportamento defensivo dos animais.

4. Material e Métodos

4.1. Área de Estudo

Os estudos foram realizados em três fragmentos de Floresta Atlântica semidecidual, situados na região metropolitana de Recife, Pernambuco, Brasil. Os machos de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 foram capturados através do método de coleta ativa, no Jardim Botânico do Recife (8°04'00"S, 34°58'59"W, datum= SAD69, datum= SAD69 – 15 machos), no Parque Estadual Dois Irmãos (8°00'16"S, 34°57'10"W, datum= SAD69 – 15 machos) e na Unidade de Conservação Mata do Camocim (8°02'25"S, 35°11'48" W, datum= SAD69 – 30 machos) (Figura 8). As chuvas se concentraram entre os meses de março a agosto, e de acordo com a classificação climática Köppen-Geiger o clima da região é do tipo tropical (As) (Alvares et al., 2013). Os três fragmentos sofrem interferência antrópica, em decorrência de serviços ecossistêmicos voltados para o turismo e pesquisa. Com isso, os machos de *L. vastus* têm se concentrado em pequenos corpos d'água, situados em manchas florestais isoladas.

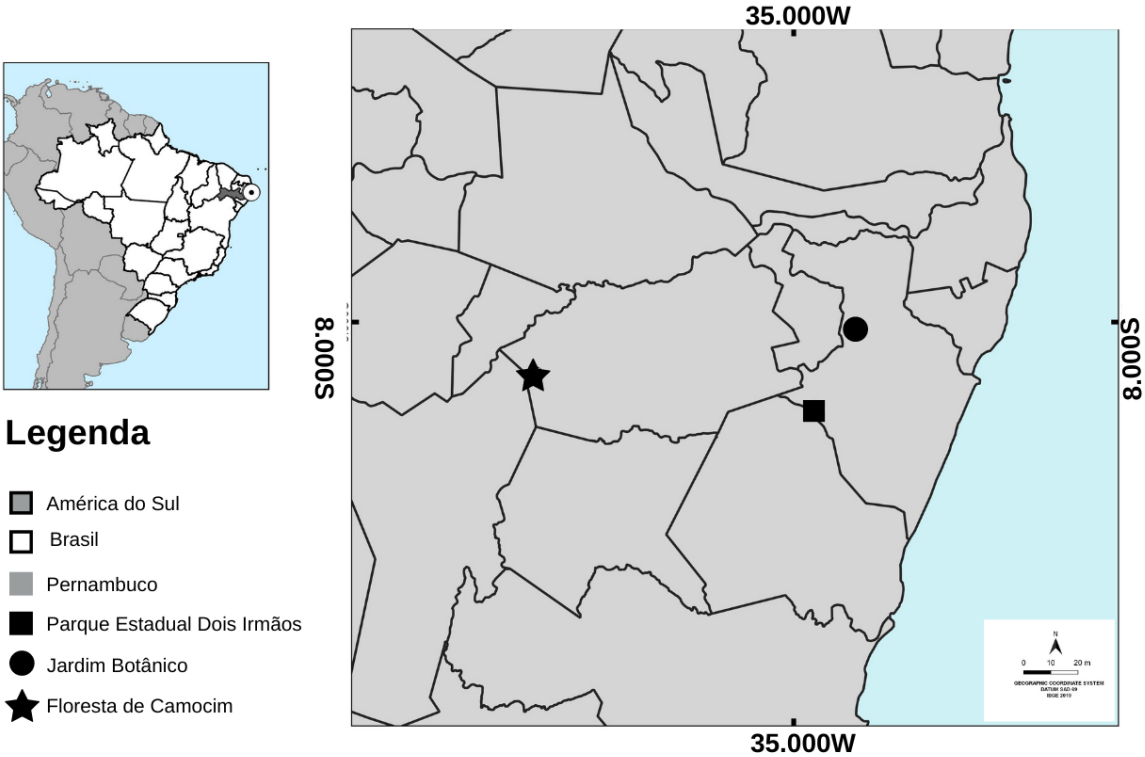


Figura 8. Mapa de localização das áreas de coleta de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930. As três áreas estão situadas na Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, Brasil. Foto autoral.

4.2. Análise dos parâmetros intrínsecos

4.2.1. Coleta de sangue

O sangue dos animais foi coletado, através de punção cardíaca por incisão de seringa descartável (5 mL/22G) (Figura 9). Antes do procedimento foi utilizado lidocaína 5% no local da punção, de acordo com Forzán e Horney (2020). O sangue foi distribuído em tubos MiniCollect®CE contendo EDTA (ácido etilenodiaminotetracético) para o hemocitômetro e em tubos com gel separador para a obtenção do soro e realização da análise da bioquímica sérica. Tendo em vista a realização da análise da correlação entre os fatores bióticos e abióticos com as variáveis hematológicas e bioquímica, foram tomados dados como comprimento rostro cloacal (0,01mm precisão), massa corporal (0,01g precisão), além da temperatura (ºC) e umidade (%) ambiental. Após a coleta do sangue e análise da morfometria, os animais foram liberados no local da captura.

Figura 9. Coleta de amostra biológica e dados morfométricos. A e B) Coleta de sangue por punção cardíaca em um macho de Leptodactylus vastus Lutz, 1930. C) Análise do comprimento rostro clocal (CRC). D) Balança digital mostrando o peso do animal (g). Fotos autorais.

4.2.2. Contagem diferencial de leucócitos e parasitemia

Foram realizados três esfregaços sanguíneos de cada animal e, estes por sua vez, deixados secar em temperatura ambiente durante 10 min. As lâminas foram fixadas em metanol e coradas pelo método de May Grunwald-Giemsa para a contagem diferencial de 100 leucócitos (da Silva et al., 2020). Os esfregaços sanguíneos foram observados em objetiva de 100x (óleo de imersão) em microscópio óptico, em um padrão de zig-zag. Apenas campos de visão contendo células uniformemente distribuídas foram examinados e contadas por um único observador (Figura 10). A parasitemia foi determinada pela contagem do número de parasitos em 2.000 eritrócitos, divididos em 20 campos de 100 eritrócitos e expressa em porcentagem (Godfrey et al., 1987).

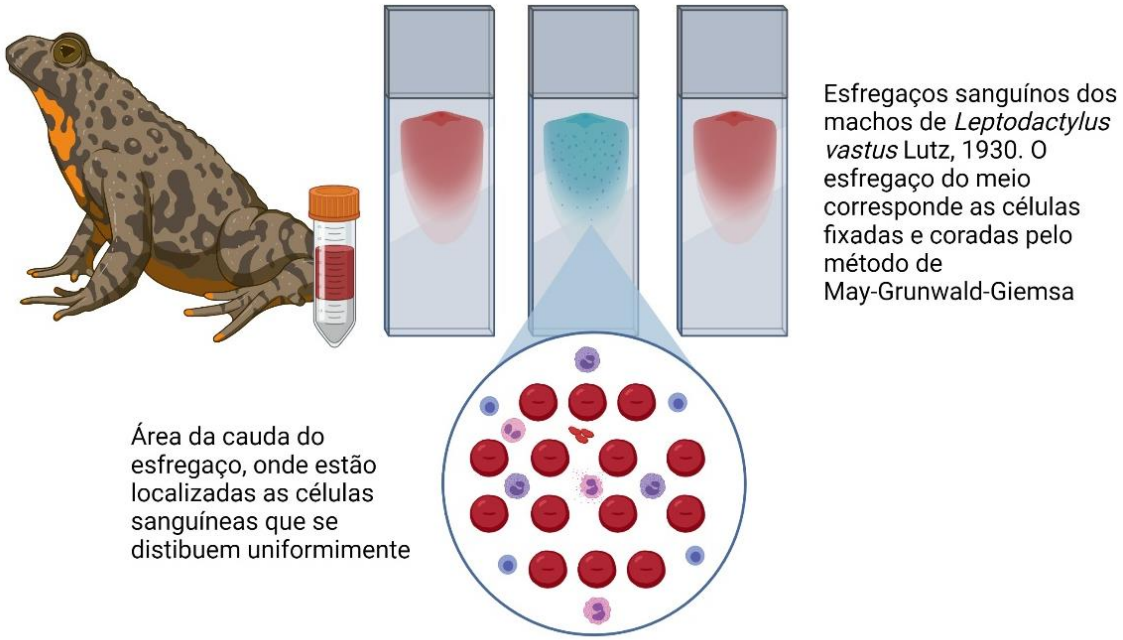


Figura 10. Ilustração do método de contagem diferencial das células sanguíneas de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930. Foto autoral criada no Biorender.

4.2.3. Contagem total de células sanguíneas

A contagem total de eritrócitos, leucócitos e trombócitos foi realizada através de hemocitômetro. O sangue foi diluído em solução de Natt Herrick (1:100) (Natt; Herrick, 1952) e, após, foram adicionados em uma câmera de Neubauer para a contagem. A contagem total de eritrócitos se deu a partir da

equação: N × 10.000 = total de eritrócitos em mm^3, a contagem total de leucócitos a partir da equação: (N + 10%) × 200 = total de leucócitos em mm^3 e a contagem total de trombócitos se deu a partir da equação: N × 2.000 = total de trombócitos em mm^3 (Thrall *et al.,* 2012; Wright; Whitaker, 2001).

4.2.4. Concentração de hemoglobina

A concentração de hemoglobina foi determinada pelo método de oxiemoglobina, a partir da diluição de 1:250 do sangue em solução do kit hemoglobina (Labtest®) (Drabkin; Austin 1935). As amostras foram incubadas por 5 minutos e, após este período, alíquotas de 100 µL foram adicionadas em placa de 96 poços para a leitura em absorbância de 540 nm na GloMax® Discover Microplate Reader (Figura 11). Ainda foi realizado uma curva de absorbância com o sangue padrão do kit hemoglobina (Labtest®), o que resultou uma equação da regressão: y = 0,1261x + 3E-05 e um coeficiente de correlação R2= 1. O cálculo da concentração de hemoglobina seguiu a seguinte equação:

$$\frac{(Absorbância\ do\ teste - 0{,}00003) \times 10}{0{,}1261} = \mathrm{xg/dL}$$

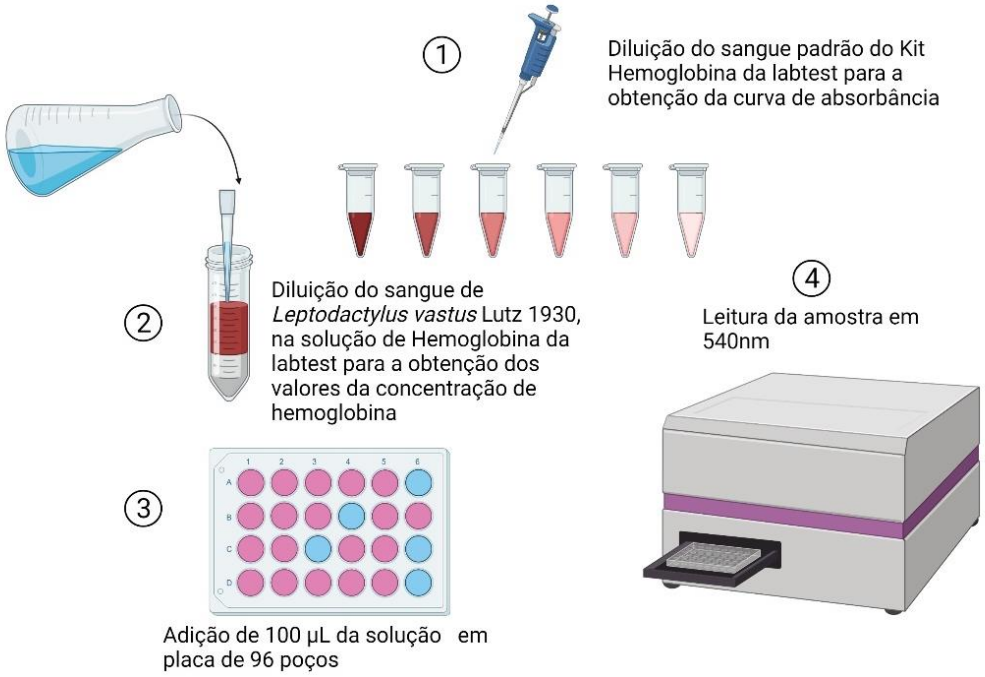


Figura 11. Ilustração do método de dosagem da concentração de hemoglobina de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930. Foto autoral criada no Biorender.

4.2.5. Hematócrito e índices hematimétricos

O hematócrito foi realizado a partir do preenchimento de ¾ de três tubos microcapilares não heparinizados, para cada animal. Os três tubos foram colocados dentro de um tubo Falcon de 50 ml para a centrifugação em centrífuga comum (Figura 12). Em seguida, as amostras foram lidas em uma régua manual de hematócrito (Figura 13). A partir dessas análises foi possível definir os valores hematimétricos de Volume Corpuscular Médio (VCM): (Ht/He mm^3) × 10 = VCM (fL); Hemoglobina Corpuscular Média (HCM): (Hb/He mm^3) × 10 = HCM (pg) e Concentração de Hemoglobina Corpuscular Média (CHCM): (Hb/Ht) × 100 (Campbell; Ellis, 2013).

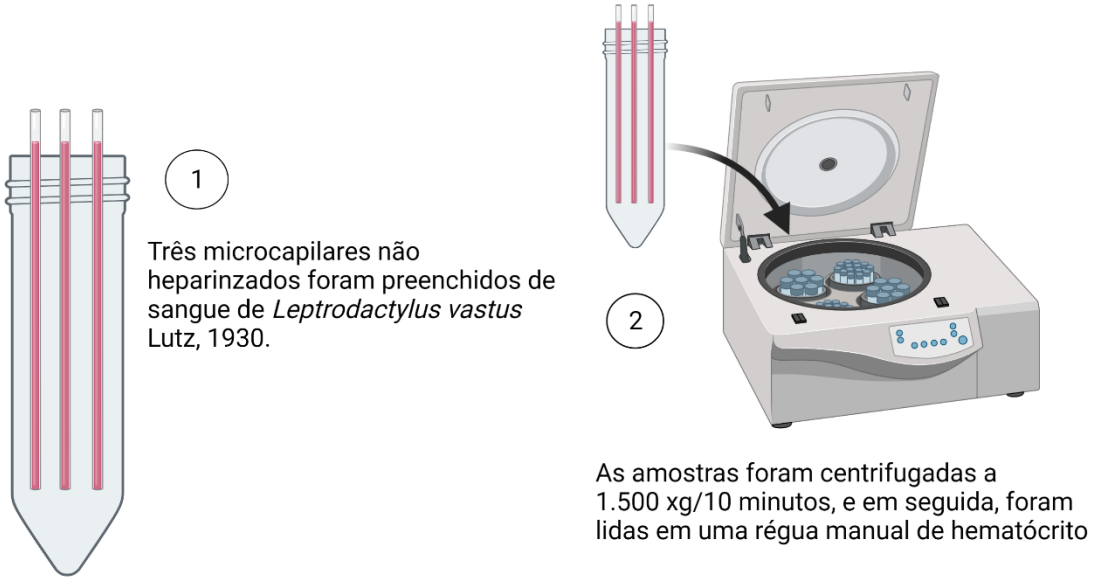


Figura 12. Ilustração do método de centrifugação de microcapilares para a obtenção dos valores do hematócrito de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930. Foto autoral criada no Biorender.

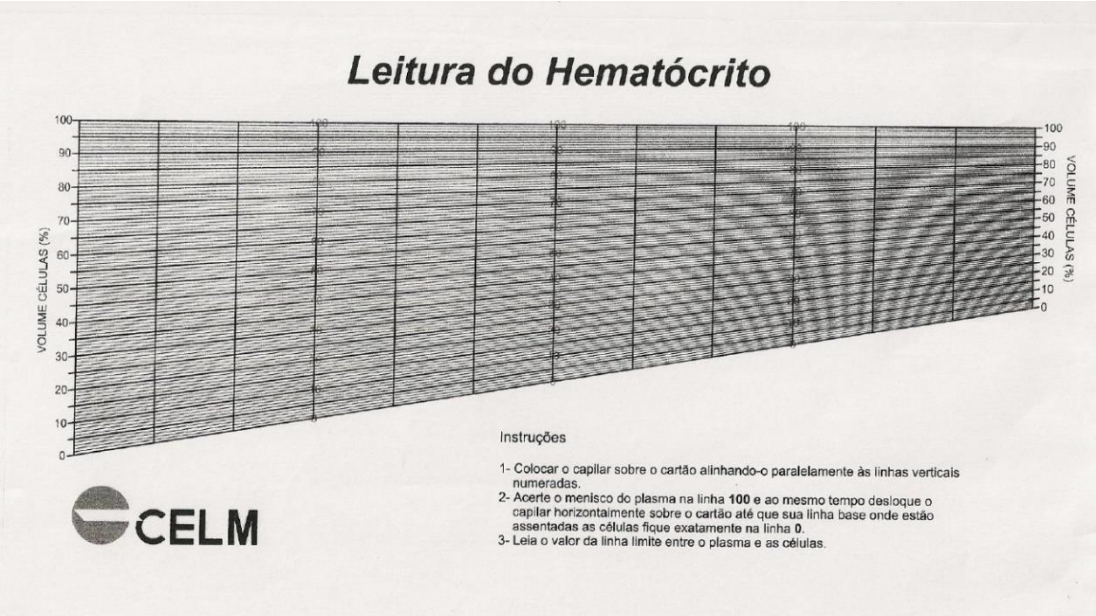


Figura 13. Régua para a leitura manual do hematócrito (Disponível em: google imagens).

4.2.6. Microscopia eletrônica de transmissão

O sangue total foi fixado em uma solução contendo 2.5% de glutaraldeido, 4% de paraformaldeido e 0,1 M de tampão cacodilato (pH= 7,4). Após cada etapa as células foram centrifugadas e lavadas com tampão cacodilato 0,1 M (pH 7,2). Em seguida, as células foram desidratadas em séries crescentes de acetona, infiltradas e incluídas em resina EPON (Sigma Aldrich, USA). Cortes ultrafinos foram obtidos e coletados em grades de níquel de 300 mesh. Após a obtenção dos cortes, as amostras foram contrastadas com acetato uranila 5% em água por 30 minutos e citrato de chumbo por 3 minutos. Os materiais foram então visualizados no microscópio de transmissão (Met – FEI Tecnai G2 Spirit Biotwin) (Figura 14). As análises hematológicas e ultraestruturais foram realizadas no Laboratório de Biologia Celular de Patógenos do Departamento de Microbiologia, Instituto Aggeu Magalhães – IAM/FIOCRUZ-PE.

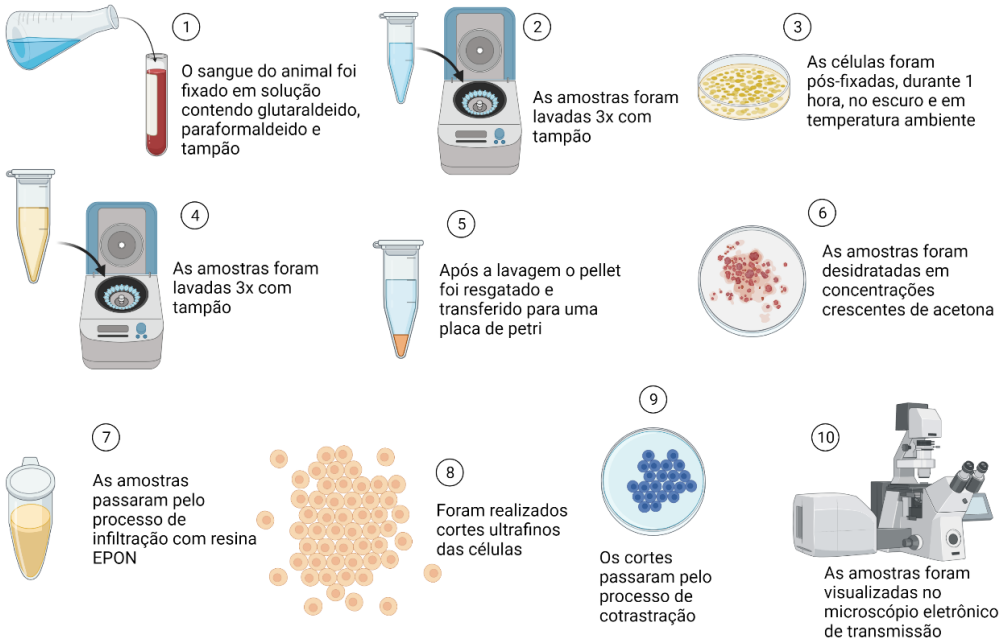


Figura 14. Ilustração do método de visualização dos tipos de células sanguíneas de Leptodactylus vastus Lutz, 1930 em microscópio eletrônico de transmissão. Foto autoral criada no Biorender.

4.2.7. Bioquímica sérica

Os tubos com gel separador permaneceram em repouso, durante 40 minutos até a coagulação. Em seguida, foram centrifugados por 10 minutos a uma velocidade de 1.500 xg. O soro foi armazenado em eppendorfs e congelado a -80ºC no Deep Freeze até a realização das análises. Foi utilizado o analisador automático Labmax 240® e reagentes Labtest® para determinação da função proteica através da Creatina, Ureia, Proteína Total; função energética: Albumina, Glicose, Triglicerídeos, Colesterol total, Colesterol HDL, Colesterol LDL; e função enzimática através do Asparato aminotransferase sérica (AST), Gama GT, Alanina aminotransferase (ALT) e Fosfatase alcalina (FA). As determinações da Bioquímica foram realizadas no Laboratório de Doenças Nutricionais e Metabólicas do Centro de Apoio à Pesquisa do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE.

4.3. Análise dos parâmetros extrínsecos

4.3.1. Repertório defensivo de *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930

Os displays comportamentais dos machos de *L. vastus* foram investigados, através de três tipos de estímulos experimentais: (1) agarrar inesperadamente o animal pelos membros posteriores; (2) sujeitar a rã a movimentos erráticos, segurando-o pelos membros posteriores e (3) emitir o playback do canto de socorro (Figura 15). Cada um dos experimentos foi randomizado para cada animal e teve duração de 3 minutos. Quando o animal não apresentava algum tipo de display comportamental, este era colocado em uma caixa de contenção para repouso de 10 minutos. Em seguida, um dos experimentos era repetido (adaptado – Toledo; Haddad 2009). Após a realização dos experimentos, foram tomados dados do CRC e massa corporal dos animais.

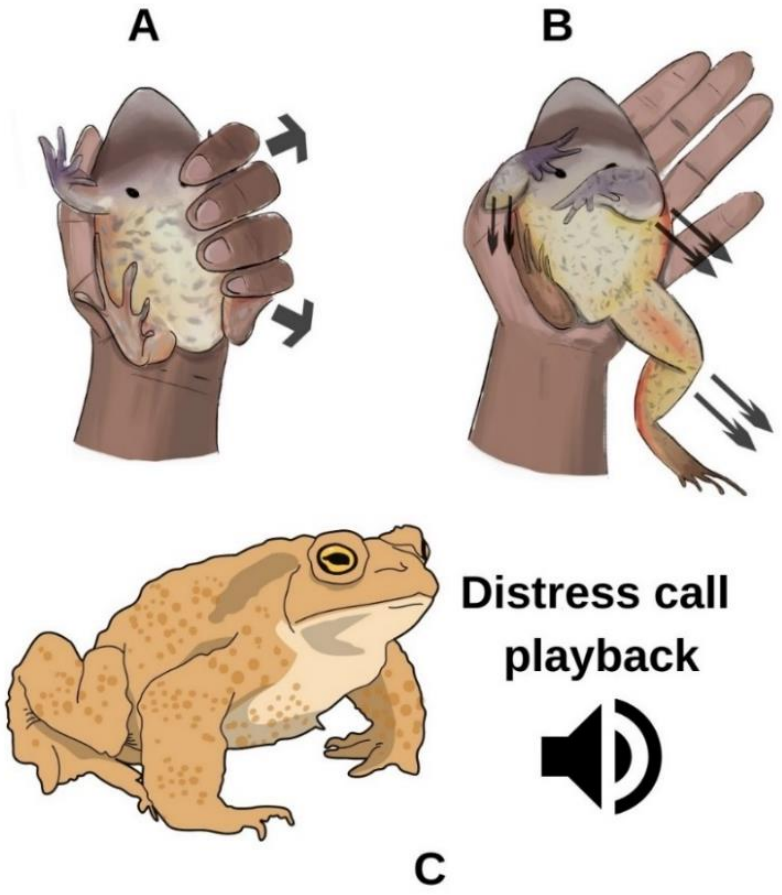


Figura 15. Ilustração dos experimentos para a investigação dos displays comportamentais de *Leptedocatylus vastus* Lutz, 1930. A e B) Estimulo através de movimentos erráticos. C) Emissão do playback do canto de socorro. Foto autoral.

4.3.2. Bioacústica

O canto de socorro de 10 machos foi registrado com auxílio de um microfone direcional HT-81 acoplado em um gravador digital Tascam DR-40, a 50 cm dos animais. Os parâmetros acústicos, como duração da chamada (s), o intervalo entre as notas (s), a frequência mínima (kHz), a frequência máxima (kHz), a amplitude da frequência (kHz), a frequência dominante (kHz), notas/min e harmônicos foram analisados no software Raven 1.6 e estão de acordo com Köhler et al. (2017). Para a construção do playback do canto de socorro foram selecionadas 10 notas de 3 animais, totalizando 30 notas previamente gravadas. O playback foi feito no software Audacity 1.3 e reproduzido em uma caixa de música portátil JBL Charge 3 (65Hz - 20kHz,> 80 dB) (Experimento 3).

4.4. Análise de dados

4.4.1. Hemograma e Bioquímica Sérica

Foi realizado um teste de Shapiro-Wilk para verificar a distribuição dos dados. Em seguida, foi realizada a Regressão Linear Simples para investigar a relação entre parâmetros morfológicos/variáveis hematológicas e parâmetros morfológicos/bioquímica sérica. Ainda foi realizado a análise da razão de neutrófilo/linfócito, de acordo com Davis et al. (2009). Todas as análises seguiram um nível de significância de $p<0,05$ e foram processadas, de acordo com Zar (2013), utilizando o Graphpad Prism 7.0.

4.4.2. Repertório defensivo

Foi realizado um teste de Shapiro-Wilk para verificar a distribuição dos dados. Em seguida, a Anova foi realizada para verificar se havia preferência dos machos por um dos estímulos experimentais. O coeficiente de variação intraindividual (CV_{intra}) e interindividual (CV_{inter}), de acordo com Gerhardt (1991), foi feito para investigar possíveis variações no canto de socorro. Ademais, a

análise de Regressão Linear Múltipla foi realizada para verificar a correlação entre os parâmetros acústicos e as variáveis morfológicas. Todas as análises seguiram um nível de significância de $p<0,05$ e foram processadas, de acordo com Zar (2013), utilizando o Graphpad Prism 7.0.

5. Referências bibliográficas

ADAMS, Andrea J. et al. Extreme drought, host density, sex, and bullfrogs influence fungal pathogen infection in a declining lotic amphibian. **Ecosphere**, v. 8, n. 3, p. e01740, 2017.

ADOLFSSON, Jörgen et al. Identification of Flt3+ lympho-myeloid stem cells lacking erythro-megakaryocytic potential: a revised road map for adult blood lineage commitment. **Cell**, v. 121, n. 2, p. 295-306, 2005.

ALEX SMITH, M.; M. GREEN, David. Dispersal and the metapopulation paradigm in amphibian ecology and conservation: are all amphibian populations metapopulations?. **Ecography**, v. 28, n. 1, p. 110-128, 2005.

ALLENDER, Matthew C.; FRY, Michael M. Amphibian hematology. **Veterinary Clinics of North America: Exotic Animal Practice**, v. 11, n. 3, p. 463-480, 2008.

ALTLAND, Paul D.; BRACE, Kirkland C. Red cell life span in the turtle and toad. **American Journal of Physiology-Legacy Content**, v. 203, n. 6, p. 1188-1190, 1962.

ALVARES, Clayton Alcarde et al. Köppen's climate classification map for Brazil. **Meteorologische Zeitschrift**, v. 22, n. 6, p. 711-728, 2013.

ANDERSEN, Liselotte W.; FOG, Kåre; DAMGAARD, Christian. Habitat fragmentation causes bottlenecks and inbreeding in the European tree frog (Hyla arborea). **Proceedings of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences**, v. 271, n. 1545, p. 1293-1302, 2004.

ARIKAN, HÜSEYİN; CICEK, Kerim. Haematology of amphibians and reptiles: A review. **North-Western journal of zoology**, v. 10, n. 1, 2014.

ASSIS, Vania Regina; TITON, Stefanny Christie Monteiro; GOMES, Fernando Ribeiro. Acute stress, steroid plasma levels, and innate immunity in Brazilian toads. **General and comparative endocrinology**, v. 273, p. 86-97, 2019.

ATTADEMO, Andrés Maximiliano et al. Biological endpoints, enzyme activities, and blood cell parameters in two anuran tadpole species in rice agroecosystems of mid-eastern Argentina. **Environmental monitoring and assessment**, v. 186, n. 1, p. 635-649, 2014.

BARNI, Sergio et al. Evaluation of Rana snk esculenta blood cell response to chemical stressors in the environment during the larval and adult phases. **Aquatic Toxicology**, v. 81, n. 1, p. 45-54, 2007.

BARNOSKY, Anthony D. et al. Has the Earth's sixth mass extinction already arrived? **Nature**, v. 471, n. 7336, p. 51-57, 2011.

BARSOTTI, Adriana Maria Giorgi et al. ACTH modulation on corticosterone, melatonin, testosterone and innate immune response in the tree

frog *Hypsiboas faber.* **Comparative Biochemistry and Physiology Part A: Molecular & Integrative Physiology**, v. 204, p. 177-184, 2017.

BECKER, Matthew H.; HARRIS, Reid N. Cutaneous bacteria of the redback salamander prevent morbidity associated with a lethal disease. **PloS one**, v. 5, n. 6, p. e10957, 2010.

BECKER, Matthew H. et al. Composition of symbiotic bacteria predicts survival in Panamanian golden frogs infected with a lethal fungus. **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 282, n. 1805, p. 20142881, 2015.

BENBASSAT, Jochanan. Erythroid cell development during natural amphibian metamorphosis. **Developmental biology**, v. 21, n. 4, p. 557-583, 1970.

BLAUSTEIN, Andrew R.; WAKE, David B.; SOUSA, Wayne P. Amphibian declines: judging stability, persistence, and susceptibility of populations to local and global extinctions. **Conservation biology**, v. 8, n. 1, p. 60-71, 1994.

BRICKER, Nelson K.; RASKIN, Rose E.; DENSMORE, Christine L. Cytochemical and immunocytochemical characterization of blood cells and immunohistochemical analysis of spleen cells from 2 species of frog, *Rana* (Aquarana) *catesbeiana* and *Xenopus laevis*. **Veterinary clinical pathology**, v. 41, n. 3, p. 353-361, 2012.

CAMPBELL, Terry W.; ELLIS, Christine K. **Avian and exotic animal hematology and cytology**. John Wiley & Sons, 2013.

CAMPBELL, Terry W.; GRANT, Krystan R. Exotic animal hematology and cytology. John Wiley & Sons, 2015.

CAREY, Cynthia. How physiological methods and concepts can be useful in conservation biology. **Integrative and Comparative Biology**, v. 45, n. 1, p. 4-11, 2005.

CATHERS, Tama et al. Serum chemistry and hematology values for anesthetized American bullfrogs (*Rana catesbeiana*). **Journal of Zoo and Wildlife Medicine**, p. 171-174, 1997.

COLLINS, James P. Amphibian decline and extinction: what we know and what we need to learn. **Diseases of aquatic organisms**, v. 92, n. 2-3, p. 93-99, 2010.

COPPO, José A.; MUSSART, Norma B.; FIORANELLI, Santiago A. Blood and urine physiological values in farm-cultured *Rana catesbeiana* (Anura: Ranidae) in Argentina. **Revista de Biologia tropical**, v. 53, n. 3-4, p. 545-559, 2005.

COSTA, Sylvio Celso Goncalves da et al. The life history of *Hepatozoon leptodactyli* (Lesage, 1908) Pessoa, 1970: a parasite of the common laboratory animal: the frog of the genus Leptodactylus. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 71, p. 1-8, 1973.

CUMANO, Ana; GODIN, Isabelle. Ontogeny of the hematopoietic system. **Annu. Rev. Immunol**., v. 25, p. 745-785, 2007.

DA SILVA, Márcio Borba et al. Leukocyte profiles in *Odontophrynus carvalhoi* (Amphibia: Odontophrynidae) tadpoles exposed to organophosphate chlorpyrifos pesticides. **Water, Air, & Soil Pollution**, v. 231, n. 7, p. 1-11, 2020.

DAVIES, A. J.; JOHNSTON, M. R. L. **The biology of some intraerythrocytic parasites of fishes, amphibia and reptiles.** 2000.

DAVIS, A. K.; MANEY, D. L.; MAERZ, J. C. The use of leukocyte profiles to measure stress in vertebrates: a review for ecologists. **Functional Ecology**, v. 22, n. 5, p. 760-772, 2008.

DE ABREU MANSO, Pedro Paulo; DE BRITO-GITIRANA, Lycia; PELAJO-MACHADO, Marcelo. Localization of hematopoietic cells in the bullfrog (Lithobates catesbeianus). **Cell and tissue research**, v. 337, n. 2, p. 301-312, 2009.

DE CASTRO, Deborah P. et al. Defensive behavior in *Leptodactylus vastus* A. Lutz, 1930, in northeastern Brazil. 2017.

DE OLIVEIRA, Elenise Gonçalves. Ranicultura: Novos desafios e perspectivas do mercado. **Ciência Animal**, v. 25, n. 1, p. 173-186, 2015.

DE OLIVEIRA-SANTOS, Jose Ricardo et al. Intra-and interindividual variation in the advertisement call of *Dendropsophus branneri* (Cochran, 1948) (Anura: Hylidae). **Zootaxa**, v. 4860, n. 1, p. 146-150, 2020.

DE SÁ, Rafael O. et al. Systematics of the neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): phylogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. South American Journal of Herpetology, v. 9, n. s1, 2014.

DEEM, Sharon L. et al. Conservation medicine. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 916, n. 1, p. 370-377, 2000.

DICKINSON, Vanessa M.; JARCHOW, James L.; TRUEBLOOD, Mark H. Hematology and plasma biochemistry reference range values for free-ranging desert tortoises in Arizona. **Journal of Wildlife Diseases**, v. 38, n. 1, p. 143-153, 2002.

DONNELLY, Maureen A.; CRUMP, Martha L. Potential effects of climate change on two neotropical amphibian assemblages. **Climatic change**, v. 39, n. 2, p. 541-561, 1998.

DRABKIN, David L.; AUSTIN, J. Harold. Spectrophotometric studies II. Preparations from washed blood cells; nitric oxide hemoglobin and sulfhemoglobin. **Journal of Biological Chemistry**, v. 112, n. 1, p. 51-65, 1935.

DUELLMAN, William E.; TRUEB, Linda. **Biology of amphibians**. JHU press, 1994.

EDMUNDS, Malcolm. **Defence in animals: a survey of anti-predator defences.** Longman Publishing Group, 1974.

FERRANTE, Lucas; NAJAR, Thainá; KAEFER, Igor L. Four new anuran defence behaviours observed in the cane toad Rhinella marina. **Ethology Ecology & Evolution,** v. 32, n. 6, p. 590-595, 2020.

FERREIRA, Daniel de Abreu Reis et al. Molecular detection of Apicomplexan hemoparasites in anurans from Brazil. **Parasitology Research**, v. 119, n. 10, p. 3469-3479, 2020.

FIGUEIREDO, Vinicius Martins et al. Defensive behavior of *Hydrolaetare schmidti* (Cochran & Goin, 1959) (Anura: Leptodactylidae). **Herpetology Notes,** v. 14, p. 965-967, 2021.

FODEN, Wendy B. et al. Identifying the world's most climate change vulnerable species: a systematic trait-based assessment of all birds, amphibians and corals. **PloS one**, v. 8, n. 6, p. e65427, 2013.

FORTI, Lucas Rodriguez et al. Perspectives on invasive amphibians in Brazil. **PloS one,** v. 12, n. 9, p. e0184703, 2017.

FORZÁN, María J. et al. Clinical pathology of amphibians: A review. **Veterinary clinical pathology**, v. 46, n. 1, p. 11-33, 2017.

FORZÁN, María J.; HORNEY, Barbara S. Amphibians. **Exotic Animal Laboratory Diagnosis**, p. 347-368, 2020.

FRANCO-BELUSSI, Lilian et al. Hematological parameters of a Neotropical wild frog population, with a phylogenetic perspective on blood cell composition in Anura. **Current Zoology**, 2021.

FROST, D. R. **Amphibian species of the World 6.1, an online reference.** New York: Darrel Frost and the American Museum of Natural History. 2021.

GARCIA NETO, P. G. et al. Leukocyte profiles of two neotropical anuran species affected by anthropogenic habitat alteration. **Animal Conservation**, v. 23, n. 5, p. 524-532, 2020.

GARRISON, Shermer. Cell size in the Amphiuma. **Bios**, p. 237-243, 1949.

GERHARDT, H. Carl. Female mate choice in treefrogs: static and dynamic acoustic criteria. **Animal Behaviour**, v. 42, n. 4, p. 615-635, 1991.

GERHARDT, H. C.; HUBER, F. **Acoustic communication in insects and anurans: common problems and diverse solutions.** University of Chicago Press. 2002.

GIRAUDO, Alejandro R.; ARZAMENDIA, Vanesa. Descriptive bioregionalisation and conservation biogeography: what is the true bioregional representativeness of protected areas?. **Australian Systematic Botany**, v. 30, n. 6, p. 403-413, 2018.

GODFREY JR, Ralph D.; FEDYNICH, Alan M.; PENCE, Danny B. Quantification of hematozoa in blood smears. **Journal of wildlife diseases**, v. 23, n. 4, p. 558-565, 1987.

GREENSPAN, Sasha E. et al. Transmission of Batrachochytrium dendrobatidis to wood frogs (*Lithobates sylvaticus*) via a bullfrog (*L. catesbeianus*) vector. **Journal of wildlife diseases**, v. 48, n. 3, p. 575-582, 2012.

GREGORY, T. Ryan. The bigger the C-value, the larger the cell: genome size and red blood cell size in vertebrates. **Blood Cells, Molecules, and Diseases**, v. 27, n. 5, p. 830-843, 2001.

GUERRA, Vinicius; DE QUEIROZ COSTA, Nathane; BASTOS, Rogério Pereira. Interspecific behaviour between two species of Boana (Anura: Hylidae) from central Brazil. **Herpetology Notes**, v. 11, p. 489-493, 2018.

HADDAD, Célio FB et al. **Guia dos anfíbios da Mata Atlântica: diversidade e biologia.** Anolis Books, 2013.

HADJI-AZIMI, Irandokt et al. Atlas of adult *Xenopus laevis laevis* hematology. **Developmental and comparative immunology**, v. 11, n. 4, p. 807-874, 1987.

HEATLEY, J. Jill; JOHNSON, Mark. Clinical technique: amphibian hematology: a practitioner's guide. **Journal of Exotic Pet Medicine**, v. 18, n. 1, p. 14-19, 2009.

HELMUTH, Brian; KINGSOLVER, Joel G.; CARRINGTON, Emily. Biophysics, physiological ecology, and climate change: does mechanism matter?. **Annu. Rev. Physiol**., v. 67, p. 177-201, 2005.

HEYER, W. Ronald. Variation and taxonomic clarification of the large species of the *Leptodactylus pentadactylus* species group (Amphibia: Leptodactylidae) from Middle America, northern South America, and Amazonia. **Arquivos de Zoologia Sao Paulo**, 2005.

HEYER, Ronald. *Leptodactylus vastus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T136081A4227954. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T136081A4227954.en. Downloaded on 22 September 2021. 2008

HOOPER, David U. et al. A global synthesis reveals biodiversity loss as a major driver of ecosystem change. **Nature**, v. 486, n. 7401, p. 105-108, 2012.

HOPKINS, William A. Amphibians as models for studying environmental change. **ILAR journal**, v. 48, n. 3, p. 270-277, 2007.

HUGGETT, Robert J. **Biomarkers: biochemical, physiological, and histological markers of anthropogenic stress**. CRC Press, 2018.

Intergovernmental Panel on Climate Change. 2021. Disponível em: https://www.un.org/climatechange?gclid=CjwKCAjwjdOIBhA_EiwAHz8xm7P-plZip3F6HdyFbg1emgSWMIorgr4XCi4LwPyRAwID1UFM2tPTERoCU6gQAvD_BwE

JAIN, Nemi C. et al. **Schalm's veterinary hematology**. Lea & Febiger, 1986.

JAIN, Nemi C. **Essentials of veterinary hematology**. 1993.

JANSEN, Martin; SCHULZE, Arne. Molecular, morphology and bioacoustic data suggest Bolivian distribution of a large species of the *Leptodactylus pentadactylus* group (Amphibia: Anura: Leptodactylidae). **Zootaxa**, v. 3307, n. 1, p. 35-47, 2012.

KAEFER, Ígor Luís; BOELTER, Ruben Alexandre; CECHIN, Sonia Zanini. Reproductive biology of the invasive bullfrog *Lithobates catesbeianus* in southern Brazil. In: **Annales Zoologici Fennici**. Finnish Zoological and Botanical Publishing Board, 2007. p. 435-444.

KIESECKER, Joseph M. Synergism between trematode infection and pesticide exposure: a link to amphibian limb deformities in nature? **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 99, n. 15, p. 9900-9904, 2002.

KÖEHLER, Joern et al. The use of bioacoustics in anuran taxonomy: theory, terminology, methods and recommendations for best practice. **Zootaxa**, v. 4251, n. 1, p. 1-124, 2017.

KRAUS, Fred. Impacts from invasive reptiles and amphibians. **Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics**, v. 46, p. 75-97, 2015.

LEAKEY, Richard; LEWIN, Roger. The sixth extinction: patterns of life and the future of humankind. **Journal of Leisure Research**, v. 29, n. 4, p. 476, 1997.

LEAL, Denise Dutra Menezes et al. Characterization of *Hepatozoon spp.* in *Leptodactylus chaquensis* and *Leptodactylus podicipinus* from two regions of the Pantanal, state of Mato Grosso do Sul, Brazil. **Parasitology research**, v. 114, n. 4, p. 1541-1549, 2015.

LLUSIA, Diego et al. Calling behaviour under climate change: geographical and seasonal variation of calling temperatures in ectotherms. **Global change biology**, v. 19, n. 9, p. 2655-2674, 2013.

LONSDALE, W. Mark. Global patterns of plant invasions and the concept of invasibility. **Ecology**, v. 80, n. 5, p. 1522-1536, 1999.

LÓPEZ-OLVERA, Jorge Ramón et al. Effect of venipuncture site on hematologic and serum biochemical parameters in marginated tortoise (Testudo marginata). **Journal of Wildlife Diseases,** v. 39, n. 4, p. 830-836, 2003.

LÜSCHER-FIRZLAFF, Juliane et al. Hematopoietic stem and progenitor cell proliferation and differentiation requires the trithorax protein Ash2l. **Scientific reports,** v. 9, n. 1, p. 1-16, 2019.

MACK, Richard N. et al. Biotic invasions: causes, epidemiology, global consequences, and control. **Ecological applications**, v. 10, n. 3, p. 689-710, 2000.

MAGALHÃES, Felipe de M. et al. Taxonomic Review of South American Butter Frogs: Phylogeny, Geographic Patterns, and Species Delimitation in the *Leptodactylus latrans* Species Group (Anura: Leptodactylidae). **Herpetological Monographs,** v. 34, n. 1, p. 131-177, 2020.

MÁRQUEZ, R.; VERRELL, P. The courtship and mating of the Iberian midwife toad *Alytes cisternasii* (Amphibia: Anura: Discoglossidae). **Journal of Zoology**, v. 225, n. 1, p. 125-139, 1991.

MARSH, David M.; PEARMAN, Peter B. Effects of habitat fragmentation on the abundance of two species of Leptodactylid frogs in an Andean montane forest. **Conservation Biology**, v. 11, n. 6, p. 1323-1328, 1997.

MAXHAM, Lily A. et al. Hematologic reference intervals for *Xenopus tropicalis* with partial use of automatic counting methods and reliability of long-term stored samples. **Veterinary clinical pathology**, v. 45, n. 2, p. 291-299, 2016.

MAZZONI, Rolando et al. Emerging pathogen in wild amphibians and frogs (*Rana catesbeiana*) farmed for international trade. **Emerging infectious diseases,** v. 9, n. 8, p. 995, 2003.

MCKINNEY, Michael L. Do human activities raise species richness? Contrasting patterns in United States plants and fishes. **Global Ecology and Biogeography**, v. 11, n. 4, p. 343-348, 2002.

MENDELSON, Joseph R. et al. **Confronting amphibian declines and extinctions.** 2006.

MITTERMEIER, Russell A. et al. **Hotspots: Earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions.** CEMEX, SA, Agrupación Sierra Madre, SC, 1999.

MORAIS, Alessandro R. et al. Acoustic communication in a Neotropical frog (*Dendropsophus minutus*): vocal repertoire, variability and individual discrimination. **The Herpetological Journal**, v. 22, n. 4, p. 249-257, 2012.

MOURA-CAMPOS, Diego et al. Fungal disease cluster in tropical terrestrial frogs predicted by low rainfall. **Biological Conservation**, v. 261, p. 109246, 2021.

NATT, Michael P.; HERRICK, Chester A. A new blood diluent for counting the erythrocytes and leucocytes of the chicken. **Poultry Science**, v. 31, n. 4, p. 735-738, 1952.

NETHERLANDS, Edward C. et al. Monophyly of the species of Hepatozoon (Adeleorina: Hepatozoidae) parasitizing (African) anurans, with the description of three new species from hyperoliid frogs in South Africa. **Parasitology**, v. 145, n. 8, p. 1039-1050, 2018.

NEWMAN, S. H.; PIATT, John F.; WHITE, J. Hematological and plasma biochemical reference ranges of Alaskan seabirds: their ecological significance and clinical importance. **Colonial Waterbirds**, p. 492-504, 1997.

NOGAWA-KOSAKA, Nami et al. Identification of erythroid progenitors induced by erythropoietic activity in *Xenopus laevis*. **Journal of Experimental Biology**, v. 214, n. 6, p. 921-927, 2011.

NORI, Javier et al. Climate change and American bullfrog invasion: what could we expect in South America?. **PloS one**, v. 6, n. 10, p. e25718, 2011.

O'HANLON, Simon J. et al. Recent Asian origin of chytrid fungi causing global amphibian declines. **Science**, v. 360, n. 6389, p. 621-627, 2018.

OLIVEIRA, Angellica Fernandes de et al. Evaluation of antimutagenic and cytotoxic activity of skin secretion extract of *Rhinella marina* and *Rhaebo guttatus* (Anura, Bufonidae). **Acta Amazonica**, v. 49, p. 145-151, 2019.

OSEEN, Kerri L.; WASSERSUG, Richard J. Environmental factors influencing calling in sympatric anurans. **Oecologia**, v. 133, n. 4, p. 616-625, 2002.

PARMESAN, Camille. Ecological and evolutionary responses to recent climate change. **Annu. Rev. Ecol. Evol. Syst**., v. 37, p. 637-669, 2006.

PENG, Fei et al. Hematology and serum biochemistry of farmed bullfrog, *Lithobates catesbeianus* during the active and hibernating periods. **Journal of Veterinary Medicine and Animal Health**, v. 8, n. 11, p. 176-182, 2016.

PFEIFFER, Carl J.; PYLE, Haywood; ASASHIMA, Makoto. Blood cell morphology and counts in the Japanese newt (*Cynops pyrrhogaster*). **Journal of Zoo and Wildlife Medicine**, p. 56-64, 1990.

POUGH, F. Harvey; TAIGEN, Theodore L. Metabolic correlates of the foraging and social behaviour of dart-poison frogs. **Animal Behaviour**, v. 39, n. 1, p. 145-155, 1990.

POUNDS, J. Alan et al. Widespread amphibian extinctions from epidemic disease driven by global warming. **Nature**, v. 439, n. 7073, p. 161-167, 2006.

PREININGER, Doris et al. Comparison of female and male vocalisation and larynx morphology in the size dimorphic foot-flagging frog species *Staurois guttatus*. **The Herpetological Journal,** v. 26, n. 3, p. 187-197, 2016.

QUIROGA, Lorena Beatriz et al. Diet composition of an invasive population of *Lithobates catesbeianus* (American Bullfrog) from Argentina. **Journal of Natural History,** v. 49, n. 27-28, p. 1703-1716, 2015.

RÖDDER, Dennis; KIELGAST, Jos; LÖTTERS, Stefan. Future potential distribution of the emerging amphibian chytrid fungus under anthropogenic climate change. **Diseases of aquatic organisms**, v. 92, n. 2-3, p. 201-207, 2010.

RODRIGUES, Stephanie Moira et al. Comparative leukocyte morphometric analysis between endemic Anurans from Brazil and the invasive species *Lithobates catesbeianus*. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 54, n. 2, p. 159-167, 2017.

ROOT, Richard K.; DALE, David C. Granulocyte colony-stimulating factor and granulocyte-macrophage colony-stimulating factor: comparisons and potential for use in the treatment of infections in nonneutropenic patients. **The Journal of infectious diseases**, v. 179, n. Supplement_2, p. S342-S352, 1999.

SANTOS, José R O; MOURA, Geraldo J B; SOUZA, Ubiratã F. *Scinax auratus*. Antipredator behavior. **Herpetological review**, v. 51, p. 570-571, 2020.

SATO, Kei et al. Flow cytometric analysis of *Xenopus laevis* and *X. tropicalis* blood cells using acridine orange. **Scientific reports**, v. 8, n. 1, p. 1-12, 2018.

SCHEELE, Ben C. et al. Identifying core habitat before it's too late: the case of Bombina variegata, an internationally endangered amphibian. **Biodiversity and Conservation**, v. 23, n. 3, p. 775-780, 2014.

SCHLOEGEL, Lisa M. et al. The decline of the sharp-snouted day frog (*Taudactylus acutirostris*): the first documented case of extinction by infection in a free-ranging wildlife species?. **EcoHealth**, v. 3, n. 1, p. 35-40, 2006.

SENA, Felipe P. et al. Defensive behavior of *Leptodactylus syphax* Bokermann 1969 (Anura: Leptodactylidae). **Herpetology Notes**, v. 14, p. 257-261, 2021.

SHERWOOD, L.; KLANDORF, H.; YANCEY, P. H. Animal Physiology. Thomson Brooks. 2005.

SHILTON, Catherine M. et al. Corneal lipid deposition in Cuban tree frogs (*Osteopilus septentrionalis*) and its relationship to serum lipids: an experimental study. **Journal of Zoo and Wildlife Medicine**, v. 32, n. 3, p. 305-319, 2001.

SMITH, T. G.; DESSER, S. S.; MARTIN, D. S. The development of Hepatozoon sipedon sp. nov.(Apicomplexa: Adeleina: Hepatozoidae) in its natural host, the Northern water snake (*Nerodia sipedon sipedon*), in the culicine vectors *Culex pipiens* and *C. territans*, and in an intermediate host, the Northern leopard frog (*Rana pipiens*). **Parasitology Research**, v. 80, n. 7, p. 559-568, 1994.

STOREY, Kenneth B.; STOREY, Janet M. Freeze tolerance and intolerance as strategies of winter survival in terrestrially-hibernating amphibians. Comparative biochemistry and physiology. **A, Comparative physiology**, v. 83, n. 4, p. 613-617, 1986.

SUGAI, Larissa Sayuri Moreira; LLUSIA, Diego. Bioacoustic time capsules: Using acoustic monitoring to document biodiversity. **Ecological indicators**, v. 99, p. 149-152, 2019.

TAIGEN, Theodore L.; EMERSON, Sharon B.; POUGH, F. Harvey. Ecological correlates of anuran exercise physiology. **Oecologia**, v. 52, n. 1, p. 49-56, 1982.

TANAKA, Yasukazu. Architecture of the marrow vasculature in three amphibian species and its significance in hematopoietic development. **American Journal of Anatomy**, v. 145, n. 4, p. 485-497, 1976.

TESSAROLO, Geiziane et al. Geographic variation in advertisement calls among populations of *Dendropsophus cruzi* (Anura: Hylidae). **The Herpetological Journal**, v. 26, n. 3, p. 219-227, 2016.

THRALL, Mary Anna et al. (Ed.). **Veterinary hematology and clinical chemistry.** John Wiley & Sons, 2012.

TILL, James E.; MCCULLOCH, Ernest A.; SIMINOVITCH, Louis. A stochastic model of stem cell proliferation, based on the growth of spleen colony-

forming cells. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 51, n. 1, p. 29, 1964.

TITON, Stefanny Christie Monteiro et al. Calling rate, corticosterone plasma levels and immunocompetence of *Hypsiboas albopunctatus*. **Comparative Biochemistry and Physiology Part A: Molecular & Integrative Physiology**, v. 201, p. 53-60, 2016.

TOLEDO, Luís Felipe. Predation of juvenile and adult anurans by invertebrates: current knowledge and perspectives. **Herpetological Review**, v. 36, n. 4, p. 395-399, 2005.

TOLEDO, Luís Felipe; RIBEIRO, R. S.; HADDAD, Célio FB. Anurans as prey: an exploratory analysis and size relationships between predators and their prey. **Journal of Zoology**, v. 271, n. 2, p. 170-177, 2007.

TOLEDO, Luis Felipe; FERNANDO, Celio; HADDAD, Baptista. Defensive vocalizations of Neotropical anurans. **South American Journal of Herpetology**, v. 4, n. 1, p. 25-42, 2009.

TOLEDO, Luís Felipe; SAZIMA, Ivan; HADDAD, Célio FB. Behavioural defences of anurans: an overview. **Ethology Ecology & Evolution**, v. 23, n. 1, p. 1-25, 2011.

TOLEDO, Luís F. et al. The anuran calling repertoire in the light of social context. **Acta ethologica**, v. 18, n. 2, p. 87-99, 2015.

TURNER, R. J. 3 Amphibians. **Vertebrate blood cells**, p. 129, 1988.

ÚNGARI, Letícia Pereira et al. New insights on the diversity of Brazilian anuran blood parasites: With the description of three new species of *Hepatozoon* (Apicomplexa: Hepatozoidae) from Leptodactylidae anurans. **International Journal for Parasitology: Parasites and Wildlife**, v. 14, p. 190-201, 2021.

VIANA, Lúcio André et al. Anurans as paratenic hosts in the transmission of *Hepatozoon caimani* to caimans *Caiman yacare* and *Caiman latirostris*. **Parasitology research,** v. 110, n. 2, p. 883-886, 2012.

VITT, Laurie J.; CALDWELL, Janalee P. **Herpetology: an introductory biology of amphibians and reptiles.** Academic press, 2013.

WELLS, Kentwood D. **The ecology and behavior of amphibians.** University of Chicago Press, 2010.

WIKELSKI, Martin; COOKE, Steven J. Physiological assessment of environmental stressors. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 1, n. 21, p. 38-46, 2006.

WILSON, Sabrina et al. Serum clinical biochemical and hematologic reference ranges of laboratory-reared and wild-caught *Xenopus laevis*. **Journal of the American Association for Laboratory Animal Science**, v. 50, n. 5, p. 635-640, 2011.

WOJTASZEK, J.; ADAMOWICZ, A. Haematology of the fire-bellied toad, *Bombina bombina* L. **Comparative Clinical Pathology**, v. 12, n. 3, p. 129-134, 2003.

WRIGHT, Kevin M. et al. **Amphibian medicine and captive husbandry.** Krieger Publishing Company, 2001.

YAPARLA, Amulya; REEVES, Phillip; GRAYFER, Leon. Myelopoiesis of the Amphibian *Xenopus laevis* is segregated to the bone marrow, away from their hematopoietic peripheral liver. **Frontiers in immunology**, v. 10, p. 3015, 2020.

YOUNG, Sam et al. Hematologic and plasma biochemical reference intervals for health monitoring of wild Australian tree frogs. **Veterinary clinical pathology**, v. 41, n. 4, p. 478-492, 2012.

ZAR, Jerrold H. **Biostatistical analysis**. Pearson, 2013.

ZHELEV, Zhivko M.; ANGELOV, Mladen V.; MOLLOV, Ivelin A. A study of some metric parameters of the erythrocytes in *Rana ridibunda* (Amphibia: Anura) derived from an area of highly developed chemical industry. **Acta zoologica bulgarica**, v. 58, n. 2, p. 235-244, 2006.

ZIMMERMAN, Barbara L.; BIERREGAARD, Richard O. Relevance of the equilibrium theory of island biogeography and species-area relations to conservation with a case from Amazonia. **Journal of biogeography**, p. 133-143, 1986.

ARTIGO I

PHYSIOLOGY AND ULTRASTRUCTURE OF THE BLOOD CELLS OF MALES OF *LEPTODACTYLUS VASTUS* LUTZ, 1930 (ANURA: LEPTODACTYLIDAE) FROM NORTHEAST OF BRAZIL

José Ricardo de Oliveira-Santos, Vanderlan Nogueira Holanda, Pierre Castro Soares, Daniel Nunes Araújo Gonçalves, Geraldo Jorge Barbosa de Moura & Regina Célia Bressan Queiroz de Figueiredo

A ser submetido à

Biological Conservation

Supports *open access*

Impact factor: 5.990

Physiology and ultrastructure of the blood cells of males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 (Anura: Leptodactylidae) from Northeast of Brazil

José Ricardo de Oliveira-Santos[1, 2], Vanderlan Nogueira Holanda[2], Pierre Castro Soares[3], Daniel Nunes de Araújo Gonçalves[3], Geraldo Jorge Barbosa de Moura[1,] & Regina Célia Bressan Queiroz de Figueiredo[3*]

[1]Laboratório de Herpetologia e Paleoherpetologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia. Rua Dom Manoel de Medeiros, Dois Irmãos. 52171-900 – Recife-Pernambuco, Brasil; Programa de Pós-graduação em Biociência Animal da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manoel de Medeiros, Dois Irmãos. 52171-900 – Recife-Pernambuco, Brasil.

[2]Laboratório de Biologia Celular de Patógenos, Departamento de Microbiologia, Instituto Aggeu Magalhães – IAM/FIOCRUZ-PE. Avenida Moraes Rego, Cidade universitária s/n. 50670-420, Recife, Pernambuco, Brasil.

[3]Laboratório de Doenças Nutricionais e Metabólicas, Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n, 52171-900, Dois Irmãos, Recife, Pernambuco, Brasil.

*Corresponding author: Dra. Regina Célia Bressan Queiroz de Figueiredo. Laboratório de Biologia Celular de Patógenos, Departamento de Microbiologia, Instituto Aggeu Magalhães – IAM/FIOCRUZ-PE. Avenida Moraes Rego s/n 50670-420, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: bressan@cpqam.fiocruz.br

Running title: Physiological state of *Leptodactylus vastus*

Highlights*:*

- The first paper that proposes to describe the blood cells of a species of anura endemic from Brazil, through electron microscopy;
- Our results suggesting that anurans submitted to anthropic pression could present leukocytosis;
- Our results demonstrated the occurrence of hemogregarine in a specie of group *Leptodactylus pentadactylus*;
- The results demonstrate an elevation of hepatic enzymes in wild male *L. vastus.*

Abstract

The hematological and biochemical characterization of wild anurans has been considered an important parameter to evaluate the health of these animals in the wild, driving conservation decisions. In this paper, we aimed to investigate the hematological profile and the biochemical parameters, as well as characterize the different blood cell types of the anuran *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930. The blood samples from 30 males of *L. vastus*, captured in the Botanical Garden and Dois Irmãos State Park at the Metropolitan Region of Recife municipality, Pernambuco, Brazil were collected by cardiac puncture and processed for hematological parameters and biochemistry analysis. To morphologically characterized the blood cell types the ultrastructural study was performed. Our results showed that the hematological parameters of *L. vastus* are close to the values reported for other anuran species. However, the packed cell volume value range was higher than expected, suggesting that these specimens were undergone dehydration or haemoconcentration. An increased percentage of basophils as well as abnormalities in erythrocyte morphology may be due to immunological hypersensitivity in frogs in response to environmental stressors. We also observed the presence of hemogregarine in these frogs. Comparing to the other species of anurans, an increase of hepatic enzymes may be correlated with environmental conditions, as fragmentation of the habitat and the reduction in the number of niches.

Keywords: *Leptodactylus pentadactylus group*, hematological profile, eletron microscopy, wild animal health

1. Introduction

Amphibians have experienced a massive, widespread decline of the population worldwide over the last decades, with thousands of species on the verge of extinction. The introduction of exotic species (Forti et al., 2017), agricultural activities (Borges et al., 2019), pollution (da Costa Araújo and Malafaia, 2020), habitat fragmentation (Assis et al., 2020) and the emergence of emerging diseases (Assis et al., 2021) have become the main precursors of this decline. In this sense, monitoring and conservation of wild animals have been intensified to mitigate the impacts caused by human activity on ecosystems (Pollo et al., 2012), mainly with the study of hematological parameters and serum biochemistry of these animals.

Such parameters have been widely reported for commercially important species such as *Lithobates pipiens* (Rouf, 1964), *Xenopus leavis* (Hadji-Azimi et al., 1987), *Lithobates catesbianus* (Peng et al., 2016), *Lithobates sylvaticus* (Forzán et al., 2016) and *Xenopus tropicalis* (Maxham et al., 2016). Despite the importance of monitoring the health of anuran population, little information is available on the hematological and serum biochemical parameters of anurans from Brazilian ecosystems.

Furthermore, studies on the occurrence of hemoparasites can also help to investigate the health state of these animals. Among the most common hemoparasites in anurans, hemogregarines can be highlighted. (Netherlands et al., 2014; Leal et al., 2015; Ferreira et al., 2020). Hemogregarines (Apicomplexa: Adeleiorina) are heteroxenous hemoprotozoa that infect a wide range of ectothermic hosts, including anurans. In Brazil, *Hepatozoon leptodactyli* (Lesage, 1908) Pessoa, 1970 and *Hemolivia stellata* Petit, Landau, Baccam and Lainson, 1990 have been reported as hemogregarins that infect blood cells of Brazilian frogs, including species of the genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Leal et al., 2015; Ferreira et al., 2020).

Leptodactylus vastus Lutz, 1930 is a species of anuran belonging to the group *L. pentadactylus* (Heyer, 1972) that occurs in northeastern Brazil and the Bolivian Amazon, being in the category of LC (Least concern), according to the IUCN Red List of Threatened Species. As with the other species of the group,

there is no information on the hematological and serum biochemical variables for *L. vastus*, which makes it difficult to assess its physiological state. Furthermore, as *Lithobates catesbeianus* (Dubois, 2006), which is an exotic invasive species in Brazilian ecosystems, *L. vastus* also has high potential for the frog trade, as it is a species with high protein and low fat content. The species has been consumed in the northeast region of the country, despite the absence of frog farming, previously legalized.

Therefore, this study aimed to analyze the physiological status of males of *L. vastus* in two fragments of Semideciduous Atlantic Forest in northeastern Brazil, through (i) determination of blood count and (ii) serum biochemistry, (iii) analysis of the occurrence of hemogregarine and (iv) evaluation of the ultrastructure of blood cells. In this way, such data can provide subsidies for the creation of conservation plans that try to mitigate the consequences, as a result of anthropization, on anurans and ecosystems associated with them.

2. Material and Methods

2*.1. Study area*

Thirty males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 were actively captured in the rainy season (July and August) of 2021 at a fragment of Atlantic Forest in the Botanical Garden of Recife (8S04' 00", 34W58'59", datum= SAD69, 15 males) and in the Dois Irmãos State Park (8S00'16", 34E57'10", datum= SAD69, 15 males). These areas are located at the metropolitan region of Recife, Pernambuco, Brazil, which present a tropical (As) climate, accordingly to the Köppen-Geiger climate classification (Alvares et al., 2013) (Fig. 1).

2.2. Morphometric measurements of *Leptodactylus vastus*

The snout-vent length of *L.vastus* were measured with pachymeter (0.01mm of precision) and the weight with a digital scale (precision of 0.01g). The environment temperature and wetness were measured using a digital thermohygrometer HT210 with a precision of 0.1°C.

2.3. Analysis of hematological profile of L. vastus

All procedures were approved by SISBIO (63567) and CEUA-UFRPE (131/2019). Blood samples (total volume 1.5 mL/animal) were collected by cardiac puncture, using 5 ml disposable syringes and 22G needles, after application of 5% lidocaine at the puncture site (Forzán and Horney, 2020). The blood was distributed in MiniCollect®CE tubes containing EDTA (ethylenediaminetetraacetic acid) for the hemacytometer, and tubes with separator gel to obtain the serum and perform the serum biochemistry analysis.

Three blood smears were made for each animal and allowed to dry at room temperature for 10 minutes. The slides were fixed in methanol and stained using the May Grunwald - Giemsa method for the differential count of 100 leukocytes (Silva et al., 2020). Blood smears were observed in a 100x objective (immersion oil) under an optical microscope in a zig-zag pattern. Only fields of view containing evenly distributed cells were examined and counted by a single observer. Parasitemia was determined by counting the number of parasites in 2000 erythrocytes, divided into 20 fields of 100 erythrocytes and expressed as a percentage (Godfrey et al., 1987). The Neutrophil:Lymphocyte ratio (N:L) was calculated, according to Davis and Maerz (2011) as an indicator of tress response

Total erythrocyte, leukocyte and thrombocyte counts were performed in duplicate using a Neubauer camera with a 1:100 dilution of whole blood in Natt Herrick's solution (Natt and Herrick, 1952). The total erythrocyte count was based on the equation: N × 10.000 = total erythrocytes in mm^3, the total leukocyte count: (N + 10%) × 200 = total leukocytes in mm^3, and the total thrombocyte count: N × 2000 = total thrombocytes in mm^3, where N = number of cells counted (Wright and Whitaker, 2001; Thrall et al., 2012).

Hemoglobin concentrations were determined by the oxyhemoglobin method from a 1:250 dilution of blood in a hemoglobin kit solution (Labtest®) (Drabkin and Austin, 1935). The samples were incubated for 5 minutes and after this period 100 µL aliquots of the solution were added to a 96-well plate for reading at an absorbance at 540 nm. An absorbance curve was also performed with the standard blood from the hemoglobin kit (Labtest®) resulting in the regression equation: $y = 0.1261x + 3E\text{-}05$ and a correlation coefficient $R^2 = 1$. The

calculation of the hemoglobin concentration followed the following equation, which X = hemoglobin value in g/dL:

$$\frac{(Test\ absorbance - 0.00003) \times 10}{0.1261} = \mathrm{Xg/dL}$$

The packed cell volume (PCV) was performed by filling ¾ of three non-heparinized microcapillary tubes for each animal. Capillaries were centrifuged at 1500 x g/5 minutes (Blaxhall and Daisley, 1973). From these analyzes it was possible to define the values of Mean Corpuscular Volume (MCV), Mean Corpuscular Hemoglobin (MCH) and Mean Corpuscular Hemoglobin Concentration (MCHC) according to Campbell and Ellis (2013).

2.4. Transmission electron microscopy

About 2ml of total blood was fixed in a solution containing 2.5% glutaraldehyde, 4% paraformaldehyde and 0.1 M cacodylate buffer (pH = 7.4). After each step, the cells were centrifuged and washed with 0.1 M cacodylate buffer (pH 7.2). Then, the cells were dehydrated in increasing series of acetone, infiltrated and embedded in EPON resin (Sigma Aldrich, USA). Ultrathin sections were obtained and collected on 300 mesh nickel grids. After obtaining the sections, the samples were contrasted with 5% uranyl acetate for 30 minutes and lead citrate for 3 minutes. The materials were then visualized under a transmission microscope (Met – FEI Tecnai G2 Spirit Biotwin).

2.5. Serum biochemistry

Serum was obtained from blood packed in tubes with separator gel for 40 min until coagulation. Then, they were centrifuged for 10 minutes at a speed of 1500 × g. The serum was stored in eppendorfs and frozen at -80ºC in the Deep Freeze until use. To verify the biochemical values, the automatic analyzer Labmax 240® and Labtest® reagents were used to determine the ptotein function through Creatinine, Urea, Total Protein; energetic function: Albumin, Glucose, Triglycerides, Total Cholesterol, HDL Cholesterol, LDL Cholesterol; and enzymatic function through Aspartate Aminotransferase (AST), Gamma GT, Alanine Aminotransferase (ALT) and Alkaline Phosphatase (PA).

2.6. Data analysis

Descriptive statistics included summaries for the blood count and another for serum biochemistry, presenting the mean, standard deviation and variation values. Then, the Shapiro-Wilk test was used to verify the distribution of dependent variables, and, after Simple Linear Regression analysis, to verify the relationship between SLV/blood count, mass/blood count, SLV/serum biochemistry, mass/serum biochemistry. In addition, this analysis was used to investigate the relationship between hemoglobin/PCV and hemoglobin/hematimetric indices. Results were considered significant when $p < 0.05$. The analyzes were performed, according to Zar (2013), using Graphpad Prism 7.0.

3. Results and discussion

The hematological and biochemical analyses of blood are important and less invasive tool to access the health and physiological status wild animals, especially in anurans (Das and Mahapatra, 2014). These parameters are useful for diagnosing blood diseases and pathogens, as well as organs related disorders and other diseases that can affect animals (Campbell and Grant, 2015). It is well known that blood composition would be influenced by intrinsic physiological characteristic of the amphibian, such as sex, developmental stage, and size, as well as by environment conditions (temperature, water availability, anthropocentric pressure, etc.) (Coppo et al., 2005). In this work we described morphologically the blood cells from males of *L. vastus,* by light and electron microscopy and characterized their hematological and biochemical profiles.

The mean snout-vent length value (SLV) of adult males of *L. vastus* was 14.13 ± 0.92 cm (12 – 15.72 cm), whereas the mean weight was 256.0 ± 49.7 g (145 – 312 g) (Fig. 2). Simple linear regression analysis showed that morphometric data did not correlate with hematological variables. However, for serum biochemistry, showed a negative correlation with the enzyme alkaline phosphatase ($F = 15.06$, $p = 0.0013$, $n = 18$ males) (Fig. 3). Although only one male has a value outside the margin of specie, the larger the animal, the lower the availability of these enzymes in the tissues. The other biochemical analytes showed no significant correlation with the body mass of these animals.

The analysis of hematological and biochemical parameters of *L. vastus* were summarized in the Tables 1 and 2. The total number of erythrocytes has been related to the habitat where the anurans live. In this regard, terrestrial anurans have higher number of erythrocytes, hemoglobin concentration, PCV, MCV, MCH and MCHC than those that live exclusively in aquatic habitat (Gül et al. 2011; Zhelev et al., 2017). Although this study showed no correlation of size and weight with the total of erythrocytes, possibly this correlation can be observed when comparing *L. vastus* with other species.Our results showed that the total number of erythrocytes of *L. vastus* (1.27×10^6 mm^3) was higher than those reported for males of *Polypedates maculatus* (0.4×10^6 mm^3) *Polypedates teraiensis* (5.9×10^4 mm^3) *Xenopus leavis* (0.67×10^6 mm^3) and *Bufotes viridis* (0.9×10^6 mm^3) (Mahapatra et al., 2012; Das and Mahapatra 2014; Wilson et al., 2011; Zhelev et al., 2017). On the other hand, males of *Lithobates catesbianus* presented a higher average of total erythrocytes (0.25×10^{12} mm^3) (Peng et al., 2016).

The mean hemoglobin concentration in *L. vastus* (12.09 g/dL) was higher than that reported for other species. On the other hand, our data were similar to the results obtained for *Bufo bufo* (11.8 g/dL) (Dönmez et al., 2009), whereas Carmena-Suero et al. (1980) demonstrated that males of *Polypedates maculatus* e *Osteopilus septentrionalis* presented a mean concentration of 6.5 and 6.2 g/dL, respectively. These values are closer to those reported for Sinha (1983) for males of *Pelophylax* kl. *esculentus* (8,8 g/dL) and *Bombina bombina* (7.4 g/dL) (Wojtaszek and Adamowicz, 2003). Das and Mahapatra (2014) reported a mean concentration of hemoglobin of 5.9g/dL for males of *Polypedates teraiensis*.

High PCV and high hemoglobin concentration are commonly physiological characteristics that can function independently or in combination to increase the transport and delivery of oxygen to actively metabolizing tissues. The mean percentage of *L. vastus* PCV was 40.43 ± 4.99% with a variation of 30–45%. Accordingly with some authors a mean PCV ranging 20-30% is indicative of healthy amphibians. However, values of PCV below 20% can be indicative of anemia (Campbell and Grant, 2015; Cital and Goodnight, 2016). On the other hand, an increased PCV, as observed for *L. vastus* in this study, can be indicative of dehydration and/or hemoconcentration, which can increase the blood viscosity impairing the capacity of blood to carry oxygen. Furthermore, high PCV can

increase the cardiovascular effort intensity to maintain the oxygen transport during gas exchange (Brown et al., 2021).

When compared with other anuran species the value of PCV for *L. vastus* was higher than those reported by Mahapatra et al. (2012) for *Polypedates maculatus* (28.65%) and Peng et al. (2016) for *Lithobates catesbeianus* (20.24%). However, this value was lower than those reported by Das e Mahapatra (2013) for *Polypedates teraiensis* (50.62%). Studies on other vertebrates have demonstrated a positive correlation between the value of haematocrit and other factors such as: reproductive effort (Hõrak and Murumägi, 1998), response to a stress condition (Johnstone et al. 2012) and metabolic rates (Yap et al., 2019).

It has been reported that the hemoglobin/PCV ratio is an important predictor of the oxygen transport efficiency in anurans as in other animals (Coles et al., 2009; Johnstone et al. 2017). Our results showed no correlation between these parameters (F = 0.324, p = 0.5738), which suggest that the gas transport and exchange in *L. vastus* may be impaired by environmental imbalance such as: habitat fragmentation, decrease of hydric resources, parasitism, etc. Accordingly, the Botanic Garden of Recife and The State Park of Dois irmãos, where the animals were collected, are constituted by two forest spots, with low hydric availability. Thus, the habitat of *L.vastus* is restricted to a few permanent bodies of water in both locations.

The values of MVC **=** 32.12 ± 5,52 ft/L; MCH **=** 9.57 ± 1.01 pg and MCHC**=** 30.46 ± 5.27% were lower than those reported for males of other species such as: *Polypedates maculatus*, *Lithobathes catesbianus* e *Leptodactylus podicipinus* (Mahapatra et al., 2012; Peng et al., 2016; Franco-Belussi et al., 2021). The regression analysis showed that the haemoglobin concentration correlated positively with MCH (F = 4.213, *p* = 0.0496) and MCHC (F = 11.24, *p* = 0.0023) (Fig. 4). However, the haemoglobin did not present a significative correlation with PCV (F = 0.324, *p* = 0.5739) e MCV (F = 3.924, *p* = 0.0575).

The analysis of blood smears from *L. vastus* by light microscopy showed that basophils are the most abundant cell type amongst the white blood cells with mean value of 51 ± 8.7% and a variation of 24–64%, followed by lymphocytes with mean value of 33 ± 7.4% and a variation of 20–50%. The mean ratio Neutrophils:Lymphocytes was 0.09 ± 0.1%. The total of leukocytes of *L. vastus*

was 12.230 ± 1.53 mm^3 (8.800–15.400 mm^3). This value is higher than those values reported for *Rana macrocnemis* (3.445 mm^3) *Polypedates teraiensis* (2.051 mm^3) *Scinax x-signatus* (3.550 mm^3) and *Physalaemus cuvieri* (1.700 mm^3) (Arserim and Mermer, 2008; Das and Mahapatra, 2014; Garcia Neto et al., 2020). However, values above to those observed in *L. vastus* were reported in *Polypedates maculatus* (14.628 mm^3) and *Leptodactylus podicipinus* (27.000 mm^3) (Mahapatra et al., 2012; Franco-Belussi et al., 2021). Garcia Neto et al. (2020) state that, in altered environments, frogs may experience a reduction or increase in the number of leukocytes in peripheral blood.

Given their role in the response to stressors through the expression of specific antigens, lymphocytes are reported as the most common white blood cell type in the peripheral blood of frogs (Robert and Otha, 2009). However, our results showed a higher percentage of basophils for the males of *L. vastus* (> 50%), followed by lymphocytes (> 30%). The expressive percentage of basophils may be associated to the inflammatory processes and/or antitoxic processes due to the infection by parasites or the presence of chemical compounds in the habitats (Romanova and Egorikhina, 2006; Barni et al. 2007; Vasaruchapong et al., 2013).

Wild animals, such as anurans (frogs, tree frogs and toads) are exposed to numerous pathogens, including hemoparasites belong to the *Trypanosoma* and haemogregarine group (Leal et al., 2009, Young et al., 2012). The identification of these pathogens is usually made through stage observation of their morphology in the peripheral blood of the host (Leal et al., 2009). In our study we found a high rate of parasitized erythrocytes corresponding to 30.43 ± 12% of the total o mature erythrocytes, and all animals were parasitized. The occurrence of *Hepatozoon* spp. in species of *Leptdodactylus* genus has been already reported. Leal et al. (2015) reported the prevalence of 26.47% *L. chaquensis* and 31.17% of *L. podicipinus* parasitized. Úngari et al. (2021) observed an infection prevalence in *L. labyrinthicus* and *L. latrans* of 6.45% and 25%, respectively. Some authors have demonstrated a direct correlation between the occurrence of parasites, the environment, and the presence of potential parasite vectors (such as dipteran, ticks, mites, leeches and even gnathiid isopods) associated to the anuran habitat (Netherlands et al., 2015). It has demonstrated that aquatic species are more susceptible to the parasite infection.

(Netherlands et al., 2015; Ferreira et al., 2020). The results found for *L. vastus*, a semi-aquatic specie, are consistent with those found for other species of the same genus. Although these infections often show no symptoms in wild vertebrates, there is evidence of pathologies, such as anaemia, erythrocytic hypertrophy and loss of haemoglobin (Stokes and Firkin, 1971; Ferguson and Robert, 1975; Leal et al, 2009; Young et al., 2012).

Few studies have investigated biochemical panel of blood of anuran groups. Although the analysis of this panel is important to monitor the physiological state of the organs, the lack of more robust reference values for each analyte raises an alert for the interpretation of the *L. vastus* results. Biochemical analytes such as creatinine and urea are used for the diagnosis of renal failure, metabolic alterations and nutritional disorders (Coppo, 2001). Our results showed that the value of creatinine for *L. vastus* (0.013 ± 0,05 mg/dL) was lower to those reported for *Lithobates catesbeianus* (0.48 mg/dL), *Xenopus laevis* (0.4 mg/dL) and *Lithobates catesbeianus* (0.21 mg/dL) (Coppo et al., 2005; Wilson et al., 2011; Peng et al., 2016). According to Bogan et al. (2017) in anurans, creatinine is produced in the skeletal and cardiac muscles and can serve as excellent markers of activity of these tissues in vertebrates. The functions of these enzymes in amphibian are similar to those in mammals (Keller et al. 1985), fish (Anderson et al. 2010) and reptiles (Petrosky et al. 2015). With this, we can suggest that these animals do not have a high level of motor activity, considering that many of them were found close to the burrows. L. vastus only made an escape attempt, and possible release of creatinine in the muscles when it was intercepted by the researcher.

Urea is a product of protein metabolism and consequently is considered a non-protein nitrogenous (NPN) waste product. Amino acids derived from the breakdown of protein are deaminated to produce ammonia. Ammonia is then converted to urea via liver enzymes. Therefore, the concentration of urea is dependent on protein intake, the body's capacity to catabolize protein, and adequate excretion of urea by the renal system (Salazar, 2014). The value or this parameter in the serum of *L. vastus* (14.93 ± 8.7 mg/dL) was above those reported for *Lithobates catesbeianus* (8.42 mg/dL) and *Xenopus laevis* (10.81 mg/dL) (Coppo et al., 2005; Wilson et al., 2011). This result may indicate possible

problems during the metabolism of urea in the liver, or possible disorders in the animal's kidneys.

The proteinogram is used to analyse possible alterations such as nutritional deficiency, malabsorption, liver diseases, inflammation, coagulative and immunological dysfunctions in the kidneys (Coppo, 2001). The total of protein measured for *L. vastus* (3.9 ± 0.6 g/dL) were similar to those reported for other amphibians such as *Lithobates catesbeianus* (4.3 g/dL), *Cryptobranchus alleganiensis* (3.3 g/dL), *Xenopus laevis* (3.3 g/dL), *Nyctimystes purpureolatus* (3.5 g/dL), *Xenopus tropicalis* (3.9 g/dL) and *Lithobates catesbeianus* (2.9 g /dL) (Coppo et al., 2005; Huang et al., 2010; Wilson et al., 2011; Young et al., 2012; Maxham et al., 2016; Peng et al., 2016).

The mean albumin value (1.1 ± 5 g/dL) was also similar to those reported for *Lithobates catesbeianus* (1.58 g/dL) and *Xenopus laevis* (1 g/dL) (Coppo et al., 2005; Wilson et al., 2011). In amphibians, albumins circulating in the blood are synthesized by the hepatopancreas (Goldstein, 1982). Albumin is considered as an indicator of protein biosynthesis, as well as acting as a nutritional reserve of amino acids in skeletal muscles (Coppo, 2001). Plasma proteins help the acid-base balance, immunity, clotting, vitamins, lipids, bilirubin, calcium, zinc, iron and copper (Kolb, 1987).

Although the values of glucose concentration in *L.vastus* is within the range for other amphibian species, some variation could be observed. The concentration of glucose found in our study (31.7 ± 24 mg/dL) was below those reported in *Lithobates catesbeianus* (50 mg/dL), *Xenopus laevis* (53 mg/dL), *Nyctimystes purpureolatus* (59.4 mg/dL), and *Ranoidea caerulea* (64.9 mg/dL) (Coppo et al., 2005; Wilson et al., 2011; Young et al., 2012). However, *L. vastus* presented values above to those reported for *Cryptobranchus alleganiensis* (22.2 mg/dL – Huang et al., 2010) and close to the reported value for *Lithobates catesbeianus* (35.85 mg/dL – Peng et al., 2016). Physiologically, blood glucose varies according to the effects of the animal's life stage and physical exercise. Pathologically, it changes in response to malnutrition, stress, endocrine and liver problems (Coppo, 2001).

Lipidogram values may vary according to life stage, heredity, diet and may be associated with renal hepatic failure, malabsorption, stress, and infections (Coppo, 2001). The triglyceride level in males of *L. vastus* (64.5 ± 35 mg/dL) was

above to those reported for *Lithobates catesbeianus* (43 mg/dL), *Cryptobranchus alleganiensis* (35 mg/dL) and *Lithobates catesbeianus* (12 mg/dL) (Coppo et al. al., 2005; Huang et al., 2010; Peng et al., 2016), but below to the value presented for *Xenopus laevis* (117 mg/dL – Wilson et al., 2011).

The total cholesterol concentration in *L.vastus* (89 ± 47) was above to those found for *Lithobates catesbeianus* (62 mg/dL) (Coppo et al., 2005), but below the values reported for *Cryptobranchus alleganiensis* (149 mg/dL), *Xenopus laevis* (232 mg/dL) and *Lithobates catesbeianus* (475 mg/dL) (Huang et al., 2010; Wilson et al., 2011; Peng et al., 2016). High density lipoprotein (HDL) concentration was higher in *L. vastus* (8 ± 3) than in *Lithobates catesbeianus* (4 mg/dL) and lower to those reported for *Xenopus laevis* (36 mg/dL) (Coppo et al., 2005; Wilson et al., 2011). Low density lipoprotein (LDL) concentration was higher (55 ± 47 mg/dL) than those found for *Lithobates catesbeianus* (39 mg/dL) and lower than the value reported for *Xenopus laevis* (114 mg/dL) (Coppo et al., 2005; Wilson et al., 2011).

In *L. vastus* the AST enzymatic activity (187 ± 77 U/L) was similar to those found for *Cryptobranchus alleganiensis* (157 U/L) (Huang et al., 2010), but higher than those found for *Lithobates catesbeianus* (48 U/L), *Nyctimystes purpureolatus* (67 U/L), *Ranoidea caerulea* (91 U/L) and *Lithobates catesbeianus* (111 U/L) (Coppo et al. 2005; Young et al. 2012; Peng et al. al., 2016) and lower than those reported for *Xenopus laevis* (453 U/L – Wilson et al., 2011). The Mean of ALT activity was higher (39 ± 18 U/L) than those reported for *Lithobates catesbeianus* (12 U/L), *Xenopus laevis* (21 U/L) and *Lithobates catesbeianus* (14 U/L) (Coppo et al., 2005; Wilson et al. 2011; Peng et al. 2016). Although high ALT values suggest possible renal failure, this generalization should be seen with caution because enzymes released by damaged kidney cells tend to be eliminated in the urine rather than the bloodstream (Boyd, 1988). In this regard compared the increased activity of this enzyme with AST can be useful to a correct diagnosis (Divers and Cooper, 2000). Furthermore, additional tests are needed to confirm liver or kidney disease in this animal. The measure of bile acids, for instance, although is validated in reptiles but not for amphibian species, can be used for assess liver function in these animals (McBride et al., 2006).

The AP activity (137 ± 86 U/L) was similar to those that reported for *Xenopus laevis* (148 U/L – Wilson et al., 2011) and GGT enzymatic activity (2 ±

0.9 U/L) was close to those reported for *Xenopus laevis* (4 U/L) and *Lithobates catesbeianus* (5 U/L) (Wilson et al., 2011; Peng et al., 2016), but was lower than those reported for *Lithobates catesbeianus* (9 U/L – Coppo et al., 2005). Both analytes are used to evaluate liver and biliary injuries. Gama Glutamil Transferase (GGT) is an enzyme produced in the pancreas, heart, and liver, and when it is present in high levels it can indicate a possible liver injury. Alkaline phosphatase (AP) is present in several tissues, especially in the cells biliary ducts where they help in the digestion of fat. This enzyme also is responsible for formation and maintenance in the bones. When the values are high, they may indicate an obstruction in the bile flow.

It is still important to emphasize the need of standardization of biochemical analytes for the diagnosis of possible problems in the physiological state of amphibians. In addition, it is important to note the importance of the infrastructure that supports these results, such as specific equipment and standardization of reagents.

The morphological characterization of blood cells of anurans is also an important tool to evaluate the health status of animals. In this regard we further characterized morphologically the blood cells of *L.vastus* by light and electron microscopy.

The peripheral blood cells of anurans consist of erythrocytes, leukocytes, and thrombocytes. Granulocytic leukocytes can be subdivided as neutrophils, eosinophils and basophils, whereas agranulocytes can be subdivided as lymphocytes and monocytes (Forzán et al. 2020). All the cell types presented in anurans could be observed by light microscopy in blood smears from *L. vastus* (Figure 5). As expected, the erythrocytes are the most predominant cells in the bloodstream of *L. vastus*. Mature erythrocytes presented an elliptic shape with mean length of 14.33 μm. After stained with May-Gruwalld solution, these erythrocytes presented elliptic shape, acidophil cytoplasm with pinkness colour, whereas a bluish round to oval nucleus, centrally located was observed. Comparing with the mature RBC, the immature ones are usually characterized by more basophilic cytoplasm with round nucleus (Fig. 5 B). The presence of immature RBC can be a bioindicator of the presence of pollutants in habitat where the anuran lives. Consistently, Pollo et al. (2017) reported the presence of higher

number of immature RBC in *Rhinella arenarum* in response of effluents pollutants. This phenomenon can be also attributed to the increased erythropoiesis to circumvent the low oxygen availability in the polluted environments (Barni et al., 2017). Some erythrocytes presented an evident micronucleus characterized as round blue spot in the cytoplasm adjacent to the nucleus (Fig. 5B). The presence of micronucleus indicates the occurrence of numeric or structural chromosomes aberrations during the mitosis (Fenech et al. 2011). Although the biological meaning of this morphological abnormality in RBC of anurans is not well comprehended, some authors suggested that the presence of xenobiotics can interfere with DNA synthesis besides inducing genetic mutation in the structural constituents of RBC of nuclear envelope, leading to the formation of micronucleus (Beutler 1985; Strunjak Perovic et al. 2009; Silva et al., 2020). On the other hand, other authors reported that a nuclear budding during the interphase can also induces micronucleus, aiming to eliminate amplified genes in the nucleus (Shimizu et al. 1998; Crott et al. 2001). In the case of *L. vastus* analyzed, possibly the presence of pollutants in the collection sites (Botanical Garden and State Park Dois Imrãos) is causing interference during the differentiation of blood cells. But to affirm, it is necessary to carry out a physical-chemical analysis of the water bodies of the two locations.

Thrombocytes are spindle cells with blue-gray cytoplasm and a blue nucleus (Fig. 5C). Sometimes these cells were found clumped together in blood smears. Thrombocytes from non-mammalian vertebrates have the same function as mammalian platelets, participating in the coagulation and wound healing processes (Astill and Sharif, 2022).

The basophils have non-segmented nucleus. Its cytoplasm contains several basophilic granules with various sizes (Fig. 5A). On the other hand, eosinophils have acidophilic cytoplasm. The cytoplasmic granules are also distributed throughout the cytoplasm but are smaller when compared with those found in basophils. The nucleus of eosinophils is usually bilobed (Fig. 5D). Neutrophils are characterized by round-shape body with a purple color, a multilobed violet nucleus and condensed chromatin (Fig. 5D). Lymphocytes have an oval-spherical morphology with a high Nucleus/Cytoplasm ratio. A centrally located nucleus of this cells type is observed (Fig. 5A). Monocytes have a

relatively large kidney- or horseshoe-shaped nucleus. The nucleus presented a condensed chromatin (Fig. 5E).

Both, mature and immature gamonts of protozoan were present in the cytoplasm of *L. vastus* (Fig. 5). According to the Netherlands et al (2017) immature gamonts (Fig. 5F) have elongated with small, recurved tail, cytoplasm staining whitish purple, with rounded nucleus having loosely arranged chromatin located at the posterior half of parasite. Immature gamonts are seen inside tight or vaguely visible parasitophorous vacuole (PV). On the other hand, mature gamonts are elongated and oval, encase in large PV. Although is not frequently, extracellular, or free moving gamont could be observed (Fig. 5B, arrowhead). Usually both mature and immature gamonts cause a noticeable displacement of host nucleus. (Figure 5F). Trophozoites and meronts were not observed in our samples.

Transmission electron microscopy analysis (Fig. 6) was performed to better characterize morphologically the cell types in pooled blood samples from *L. vastus.* We identified the presence of four cell types: erythrocytes (Figs 6A-6C), monocyte (Fig. 6D), lymphocyte (Fig.6E) and basophil (Fig. 6F). The ultrastructure of these cells was similar to those reported for other reptiles and amphibians species (Gutierre et al., 2008; Zago et al 2010; Kindlovits et al., 2017; Sato et al.; 2018). As observed by light microscopy, mature erythrocytes are the most common cell type found in samples processed for MET. These cells are elliptic with homogeneous cytoplasm, few organelles and scarce mitochondria spread throughout the cytoplasm (Fig. 6A). The nucleus is oval, centrally located, and rich in heterochromatin. Retracted nuclear envelope membrane and the presence of micronucleus can be easily found in *L. vastus* erythrocytes, but not in other cell types, suggesting that it is not an artefact induced by the processing for MET. Only haemogregarines protozoan can be also seen inside large parasitophorous vacuoles of *L. vastus* erythrocytes (Fig 6C).

Small lymphocytes, characterized by the high nucleus to cytoplasm ratio, could be observed in the peripheral blood of *L. vastus*. This cell is usually oval or round shaped with large, indented central nucleus and prominent heterochromatin. The cytoplasm is homogeneous, rich in

mitochondria and vacuoles (Fig. 6E). On the other hand, monocytes are characterized by the presence U-shaped nucleus with predominance of heterochromatin over euchromatin and is displaced to the cell periphery. The cytoplasm is rich in endoplasmic reticulum, vacuoles, and dispersed mitochondria (Fig. 6D)

Basophils of *L. vastus* presented a round or oval shape, non-lobulate nucleus with loosed euchromatin and single spotted clumping heterochromatin (Figure 6F, arrow). Several electrodense granules, varying from small to large size, could be seen in the periphery of cytoplasm nearby to the plasma membrane (Figure 6F). An interesting finding was the presence of crystalline structure inside the large granules (Fig. 6F, asterisks). Gutierre et al. (2008) reported the presence of lamellar inclusions, but not crystalline structures in the granules of basophils from Siphonops annulatus (Amphibia, Gymnophiona). Although this type of inclusions is usually associated to eosinophils (Muniz et al, 2012), this cell type in *L.vastus* (data not shown) are smaller than basophils and its nucleus are often lobulated (Gutierree et al., 2008)

4. Conclusions

Our results reported the hematological and blood biochemical profiles of males of *Leptodactylus vastus* an anuran belonging to the group of *L pentadactylus*. Our results shed light on the physiological status, presence of hemoparasites and ultrastructure of blood cell types. The hematological parameter pointed to the presence of stressors, although the N:L ratio (a blood indicator of stress response) did not show any correlation with stress in these animals. Thus, is also important that other factors as the natural history and/or other physiological variables should be also investigated to determine specie-specific responses in *L. vastus*.

It is still possible to conclude that the high percentage of basophils in the peripheral blood, as well as abnormalities in the erythrocytes of the species, may be indicative of an inflammatory process in the animals, possibly due to the presence of hemogregarines and/or chemical pollutants in the water bodies.

In this study we reported, for the first time, the serum biochemistry profile of endemic Leptodactylidae species in Brazil. Our analysis showed that the biochemical parameters are within the range reported for other amphibian species, although some variations could be detected. The analysis of enzymatic activity suggested that the population is suffering of some liver injuries. Further works are needed to address the hematological and biochemical references that clarify the physiological state of anurans, directing conservation actions for this group.

Acknowledgements

The authors thank the veterinarians Sofia Bernal Valle and Denisson da Silva e Souza for providing technical support in the capture and collection of biological material from the animals.

Funding

This work was funded by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES: 88887.528984/2020-00).

Author contributions

Oliveira-Santos conceived the idea presented, designed and planned the experiments. In addition, he captured the animals and carried out the field experiments, wrote the manuscript, with the support of the other authors. Holanda designed and planned the laboratory experiments and assisted in the interpretation of the results. Soares and Gonçalves carried out the serious biochemistry experiments. Moura and Figueiredo supervised and contributed to the interpretation of results and the final version of the manuscript.

Declaration of competing interes

The authors declare that there are no conflicts of financial and personal interests that could have influenced the progress of the manuscript.

References

Alvares, C.A., Stape, J.L., Sentelhas, P.C., de Moraes Gonçalves, J. L., Sparovek, G., 2013. Köppen's climate classification map for Brazil. Meteorologische Zeitschrift 22, 711–728. https://doi.org/10.1127/0941-2948/2013/0507

Anderson, E.T., Stoskopf, M.K., Morris Jr, J.A., Clarke, E.O., Harms, C.A. 2010. Hematology, plasma biochemistry, and tissue enzyme activities of invasive red lionfish captured off North Carolina, USA. Journal of Aquatic Animal Health, 22(4), 266-273. https://doi.org/10.1577/H10-029.1

Arserim, S.K., Mermer, A., 2008. Hematology of the Uludağ Frog, *Rana macrocnemis* Boulenger, 1885 in Uludağ National Park (Bursa, Turkey). Su Ürünleri Dergisi 25, 39–46.

Assis, V. R., Monteiro Titon, S. C., Teixeira Queiroz-Hazarbassanov, N. G., de Oliveira Massoco, C., Ribeiro Gomes, F., 2017. Corticosterone transdermal application in toads (*Rhinella icterica*): effects on cellular and humoral immunity and steroid plasma levels. Journal of Experimental Zoology Part A: Ecological and Integrative Physiology, 327(4), 200-213.

Assis, A.B., Bevier, C.R., Chaves Barreto, C., Arturo Navas, C., 2020. Environmental influences on and antimicrobial activity of the skin microbiota of *Proceratophrys boiei* (Amphibia, Anura) across forest fragments. Ecology and evolution 10(2), 901–913. https://doi.org/10.1002/ece3.5949

Assis, R.A., Rezende, W.R., Dos Santos, C.G.A., Benvindo-Souza, M., Amorim, N.P.L., Borges, R.E., ...de Souza Santos, L. R., 2021. Habitat differences affect the nuclear morphology of the erythrocytes and the hepatic melanin in *Leptodactylus fuscus* (Anura) in the Brazilian Cerrado savanna. Environmental Science and Pollution Research, 28(43), 60741-60752. https://doi.org/10.1007/s11356-021-14974-4

Astill, J., Wood, R. D., Sharif, S. (2022). Thrombocyte functions in the avian immune system. In Avian Immunology (pp. 205-212). Academic Press. https://doi.org/10.1016/B978-0-12-818708-1.00006-3

Barni, S., Boncompagni, E., Grosso, A., Bertone, V., Freitas, I., Fasola, M., Fenoglio, C., 2007. Evaluation of *Rana snkesculenta* blood cell response to chemical stressors in the environment during the larval and adult phases. Aquat. Toxicol. 81, 45–54. https://doi.org/10.1016/j.aquatox.2006.10.012

Barni, S., Gascòn, P., Petrelli, F., García-Erce, J. A., Pedrazzoli, P., Rosti, G., ... Múñoz, M. 2017. Position paper on management of iron deficiency in adult cancer patients. Expert Review of Hematology, 10(8), 685-695. https://doi.org/10.1080/17474086.2017.1343140

Beutler, E., 1985 Chemical toxicity of the erythrocyte. In: Irons RD (ed) Toxicology of the blood and bone marrow. Raven press, New York, p 182.

Blaxhall, P.C., Daisley, K.W., 1973. Routine haematological methods for use with fish blood. Journal of fish biology 5(6), 771–781. https://doi.org/10.1111/j.1095-8649.1973.tb04510.x

Bogan Jr, J. E., Mitchell, M. A. 2017. Characterizing tissue enzyme activities of Cuban tree frogs (*Osteopilus septentrionalis*). Journal of Herpetological Medicine and Surgery, 27(1-2), 22-28. https://doi.org/10.5818/1529-9651-27.1-2.22

Borges, R.E., de Souza Santos, L.R., Assis, R.A., Benvindo-Souza, M., Franco-Belussi, L., de Oliveira, C., 2019. Monitoring the morphological integrity of neotropical anurans. Environmental Science and Pollution Research. 26(3), 2623–2634. https://doi.org/10.1007/s11356-018-3779-z

Boyd, J.W., 1988. Serum enzymes in the diagnosis of disease in man and animals, J. Comp. Pathol 98, 381–404.

Brown, T.J., Hammers, M., Taylor, M., Dugdale, H.L., Komdeur, J., Richardson, D.S., 2021. Hematocrit, age, and survival in a wild vertebrate population. Ecology and evolution 11, 214–226. https://doi.org/10.1002/ece3.7015

Campbell, T.W., Ellis, C.K., 2013. Avian and exotic animal hematology and cytology. John Wiley & Sons.

Campbell, T. W., Grant, K. R., 2015. Exotic animal hematology and cytology. John Wiley & Sons.

Carmena-Suero, A., Siret, J.R., Caixejas, J., Arpones-Carmena, D., 1980. Blood volume in male *Hyla septentrionalis* (tree frog) and *Rana catesbeiana* (bullfrog). Comparative Biochemistry and Physiology Part A: Physiology 67, 187–189. https://doi.org/10.1016/0300-9629(80)90428-4

Cital, S., Goodnight, A., 2016. Reptile and Amphibian Transfusion Medicine. Manual of veterinary transfusion medicine and blood banking 358–365.

Coles, B.H., Crosta, L., Cruz-Martinez, L.A., De Herdt, P., Dorrestein, G., Harcourt-Brown, N., Harris, D.J., Jones, A.K., Krautwald-Junghanns, M., Macwhirter, P., Olsen, G.H., Pasmans, F., Pees, M., Redig, P.T., Robinson, I., Routh, A., Sanderson, S., Timossi, L., Tully, T.N., Worell, A.B., 2009. Handbook of Avian Medicine. (2ªed.). Saunders-Elsevier, Londres.

Coppo, J.A. 2001. Fisiología comparada del medio interno. Ediciones Universidad Católica de Salta.

Coppo, J.A., Mussart, N.B., Fioranelli, S.A. 2005. Blood and urine physiological values in farm-cultured *Rana catesbeiana* (Anura: Ranidae) in Argentina. Revista de Biologia tropical 53(3-4), 545-559.

Crott, J.W., Mashiyama, S.T., Ames, B.C., Fenech, M., 2001. The effect of folic acid deficiency and MTHFR C677T polymorphism on chromosome damage in human lymphocytes in vitro. Cancer Epidemiol Biomarkers Prev. 10, 1089–1096.

da Costa Araújo, A.P., Malafaia, G., 2020. Can short exposure to polyethylene microplastics change tadpoles' behavior? A study conducted with neotropical tadpole species belonging to order anura (*Physalaemus cuvieri*). Journal of hazardous materials 391, 122214. https://doi.org/10.1016/j.jhazmat.2020.122214

Das, M., Mahapatra, P.K., 2014. Hematology of wild caught Dubois's tree frog *Polypedates teraiensis*, Dubois, 1986 (Anura: Rhacophoridae). The Scientific World Journal. https://doi.org/10.1155/2014/491415

Davis, A.K., Maerz, J.C. 2011. Assessing stress levels of captive-reared amphibians with hematological data: implications for conservation initiatives. Journal of Herpetology 40-44.

De Oliveira Miranda, N.E., Maciel, N.M., Lima-Ribeiro, M.S., Colli, G.R., Haddad, C.F.B., Collevatti, R.G., 2019. Diversification of the widespread neotropical frog *Physalaemus cuvieri* in response to Neogene-Quaternary geological events and climate dynamics. Molecular Phylogenetics and Evolution 132, 67–80. https://doi.org/10.1016/j.ympev.2018.11.003

Divers, S.J., Cooper, J.E., 2000. Reptile hepatic lipidosis. Seminars in Avian and Exotic Pet Medicine 9, 153–164.

Dönmez, F., Tosunoğlu, M., Gül, Ç., 2009. Hematological values in hermaphrodite, *Bufo bufo* (Linnaeus, 1758). North-Western Journal of Zoology. 5, 97–103.

Drabkin, D.L., Austin, J.H., 1935. Spectrophotometric studies: II. Preparations from washed blood cells; nitric oxide hemoglobin and sulfhemoglobin. Journal of Biological Chemistry 112, 51–65.

Fenech, M., Kirsch-Volders, M., Natarajan, A.T., Surralles, J., Crott, J. W., Parry, J., Norppa, H., Eastmond, D.A., Tucker, J.D., Thomas, P., 2011. Molecular mechanisms of micronucleus, nucleoplasmic bridge and nuclear bud formation in mammalian and human cells. Mutagenesis 26(1), 125–132. https://doi.org/10.1093/mutage/geq052

Ferguson, H.W., Roberts, R.J., 1975. Myeloid leucosis associated with sporozoan infection in cultured turbot (*Scophthalmus maximus* L.). Journal of comparative pathology 85, 317–326. https://doi.org/10.1016/0021-9975(75)90074-2

Ferreira, D.D.A.R., Perles, L., Machado, R.Z., Prado, C.P., André, M.R., 2020. Molecular detection of Apicomplexan hemoparasites in anurans from Brazil. Parasitology Research 119, 3469–3479. https://doi.org/10.1007/s00436-020-06835-9

Forti, L.R., Becker, C.G., Tacioli, L., Pereira, V.R., Santos, A.C.F., Oliveira, I., Toledo, L.F., 2017. Perspectives on invasive amphibians in Brazil. PloS one 12(9), e0184703. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0184703

Forzán, M.J., Smith, T.G., Vanderstichel, R.V., Hogan, N.S., Gilroy, C.V., 2016. Hematologic reference intervals for *Rana sylvatica* (*Lithobates sylvaticus*) and effect of infection with Frog Virus 3 (Ranavirus sp., Iridoviridae). Veterinary clinical pathology 45, 430–443. https://doi.org/10.1111/vcp.12393

Forzán, M.J., Horney, B.S. 2020. Amphibians. Exotic Animal Laboratory Diagnosis 347–368. https://doi.org/10.1002/9781119108610.ch19

Franco-Belussi, L., Provete, D.B., Leão, T.R., Siqueira, M.S., Valverde, B.S., Martins, B.O., Oliveira, C., Fernandes, C.E., 2021. Hematological parameters of a Neotropical wild frog population, with a phylogenetic perspective on blood cell composition in Anura. Current Zoology.

Garcia Neto, P.G., Nowakowski, A.J., da Silva, A.F.C., Oliveira, O.C.C., Guerra, R.N.M., de Andrade, G.V., 2020. Leukocyte profiles of two neotropical anuran species affected by anthropogenic habitat alteration. Animal Conservation 23, 524–532. https://doi.org/10.1111/acv.12564

Godfrey Jr, R.D., Fedynich, A.M., Pence, D.B., 1987. Quantification of hematozoa in blood smears. Journal of wildlife diseases 23(4), 558–565. https://doi.org/10.7589/0090-3558-23.4.558

Goldstein, L. 1982. Comparative Physiology. Saunders. Philadelphia. 454 p.

Gül Ç., Tosunoğlu M., Erdoğan D., Özdamar D., 2011. Changes in the blood composition of some anurans. Acta Herpetologica 6(2), 137–147.

Gutierre, R. C., Egami, M. I., Antoniazzi, M. M., Jared, C. 2008. Cytochemistry and morphology of granulocytes of the caecilian *Siphonops annulatus* (Amphibia, Gymnophiona). Comparative Clinical Pathology, 17(4), 221-228. https://doi.org/10.1007/s00580-008-0725-3

Hadji-Azimi, I., Coosemans, V., Canicatti, C., Perrenot, N., 1987. Atlas of adult *Xenopus laevis laevis* hematology. Developmental and comparative immunology 11, 807–874.

Hõrak, P., Ots, I., Murumägi, A., 1998. Haematological health state indices of reproducing Great Tits: a response to brood size manipulation. Functional Ecology 12(5), 750–756. https://doi.org/10.1046/j.1365-2435.1998.00244.x

Huang, C.C., Xu, Y., Briggler, J.T., McKee, M., Nam, P., Huang, Y.W. 2010. Heavy metals, hematology, plasma chemistry, and parasites in adult hellbenders (*Cryptobranchus alleganiensis*). Environmental Toxicology and Chemistry, 29(5), 1132-1137. https://doi.org/10.1002/etc.148

Janin, A., Léna, J.P., Joly, P., 2011. Beyond occurrence: body condition and stress hormone as integrative indicators of habitat availability and fragmentation in the common toad. Biological Conservation 144, 1008–1016. https://doi.org/10.1016/j.biocon.2010.12.009

Janin, A., Léna, J.P., Deblois, S., Joly, P., 2012. Use of stress-hormone levels and habitat selection to assess functional connectivity of a landscape for an amphibian. Conservation Biology 26, 923–931. https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.2012.01910.x

Johnstone, C.P., Reina, R.D., Lill, A., 2012. Interpreting indices of physiological stress in free-living vertebrates. Journal of Comparative Physiology B 182, 861–879. https://doi.org/10.1007/s00360-012-0656-9

Johnstone, C.P., Lill, A., Reina, R.D., 2017. Use of erythrocyte indicators of health and condition in vertebrate ecophysiology: a review and appraisal. Biological Reviews 92(1), 150-168. https://doi.org/10.1111/brv.12219

Keller, P., Ruedi, D., Gutzwiller, A. 1985. Tissue distribution of diagnostically useful enzymes in zoo animals: a comparative study. The Journal of Zoo Animal Medicine, 16(1), 28-45.

Kolb, E., 1987. Fisiología Veterinaria. Acribia. Zaragoza 1115 p.

Kindlovits, L. M., Miranda, F. J., Damasceno-Sá, J. C., Matta, R. A. D., & Almosny, N. R. (2017). Morphological and ultrastructural aspects of *Crotalus durissus* terrificus blood cells. Pesquisa Veterinária Brasileira, 37, 183-194. https://doi.org/10.1590/S0100-736X2017000200014

Leal, D. D., O'dwyer, L. H., Ribeiro, V. C., Silva, R. J., Ferreira, V. L., Rodrigues, R. B., 2009. Hemoparasites of the genus Trypanosoma (Kinetoplastida: Trypanosomatidae) and hemogregarines in anurans of the São Paulo and Mato Grosso do Sul States-Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências, 81(2), 199-206.

Leal, D.D.M., Dreyer, C.S., da Silva, R J., Ribolla, P.E.M., dos Santos Paduan, K., Bianchi, I., & O'Dwyer, L.H. 2015. Characterization of *Hepatozoon* spp. in *Leptodactylus chaquensis* and *Leptodactylus podicipinus* from two regions of the Pantanal, state of Mato Grosso do Sul, Brazil. Parasitology research 114, 1541-1549.

Mahapatra, B.B., Das, M., Dutta, S.K., Mahapatra, P.K., 2012. Hematology of Indian rhacophorid tree frog *Polypedates maculatus* gray, 1833 (Anura: Rhacophoridae). Comparative Clinical Pathology 21, 453–460. https://doi.org/10.1007/s00580-010-1118-y

Maxham, L.A., Forzán, M.J., Hogan, N.S., Vanderstichel, R.V., Gilroy, C.V., 2016. Hematologic reference intervals for *Xenopus tropicalis* with partial use of automatic counting methods and reliability of long-term stored samples. Veterinary clinical pathology 45**,** 291–299. https://doi.org/10.1111/vcp.12362

McBride, M., Hernandez-Divers, S.J., Koch, T., Bush, S., Latimer, K.S., Wilson, H., Hernandez-Divers, S.M., Stedman, N.L., 2006. Preliminary evaluation of pre- and post-prandial 3α-hydroxy bile acids in the green iguana, *Iguana iguana*. J. Herpetol. Med. Surg.16(4):129–134.

Muniz, V. S., Weller, P. F., Neves, J. S. 2012. Eosinophil crystalloid granules: structure, function, and beyond. Journal of leukocyte biology, 92(2), 281-288. https://doi.org/10.1189/jlb.0212067

Natt, M.P., Herrick, C.A., 1952. A new blood diluent for counting the erythrocytes and leucocytes of the chicken. Poultry Science 31, 735–738. https://doi.org/10.3382/ps.0310735

Netherlands, E.C., Cook, C.A., Smit, N.J., 2014. *Hepatozoon* species (Adeleorina: Hepatozoidae) of African bufonids, with morphological description and molecular diagnosis of *Hepatozoon ixoxo* sp. nov. parasitising three *Amietophrynus* species (Anura: Bufonidae). Parasites & Vectors 7, 1–12. https://doi.org/10.1186/s13071-014-0552-0

Netherlands, EC., Cook, C.A., Kruger, D.J., du Preez, L.H., Smit, N.J., 2015. Biodiversity of frog haemoparasites from sub-tropical northern KwaZulu-Natal, South Africa. International Journal for Parasitology: Parasites and Wildlife 4(1), 135–141. https://doi.org/10.1016/j.ijppaw.2015.01.003

Peng, F., Zhang, R., Zhu, X., Wang, H., Zhang, S., 2016. Hematology and serum biochemistry of farmed bullfrog, *Lithobates catesbeianus* during the active and hibernating periods. Journal of Veterinary Medicine and Animal Health 8, 176–182. https://doi.org/10.5897/JVMAH2016.0517

Petrosky, K.Y., Knoll, J.S., Innis, C. 2015. Tissue enzyme activities in Kemp's Ridley turtles (*Lepidochelys kempii*). Journal of Zoo and Wildlife Medicine, 46(3), 637-640. https://doi.org/10.1638/2015-0014.1

Pollo, F.E., Salas, N.E., Mancini, M.A., Martino, A.L., 2012. Estudio comparativo de la frecuencia de micronúcleos y anormalidades nucleares en eritrocitos de tres especies ícticas. Acta toxicológica argentina 20, 62–67.

Pollo, F. E., Grenat, P. R., Salinas, Z. A., Otero, M. A., Salas, N. E., Martino, A. L. 2017. Evaluation in situ of genotoxicity and stress in South American common toad *Rhinella arenarum* in environments related to fluorite mine. Environmental Science and Pollution Research, 24(22), 18179-18187. https://doi.org/10.1007/s11356-017-9479-2

Robert, J., Ohta, Y. 2009. Comparative and developmental study of the immune system in *Xenopus*. Developmental Dynamics, 238(6), 1249-1270.

Rollins-Smith, L.A., 2017. Amphibian immunity–stress, disease, and climate change. Developmental & Comparative Immunology 66, 111–119. https://doi.org/10.1016/j.dci.2016.07.002

Romanova, E.B., Egorikhina, M.N., 2006. Changes in hematological parameters of *Rana* frogs in a transformed urban environment. Russian Journal of Ecology 37(3), 188–192. https://doi.org/10.1134/S1067413606030076

Rouf, M.A., 1969. Hematology of the leopard frog, *Rana pipiens*. Copeia 682–687. https://doi.org/10.2307/1441793

Salazar, J. H. (2014). Overview of urea and creatinine. Laboratory medicine, 45(1), e19-e20. https://doi.org/10.1309/LM920SBNZPJRJGUT

Sato, K., Uehara, A., Kinoshita, S., Nomura, I., Yagi, M., Tanizaki, Y., Kato, T., 2018. Flow cytometric analysis of *Xenopus laevis* and *X. tropicalis* blood cells using acridine orange. Scientific reports 8, 1–12. https://doi.org/10.1038/s41598-018-34631-0

Shimizu, N., Itoh, N., Utiyama, H., Wahl, G.M., 1998. Selective entrapment of extrachromosomally amplified DNA by nuclear budding and micronucleation during S phase. The Journal of cell biology 140(6), 1307–1320. https://doi.org/10.1083/jcb.140.6.1307

Silva, M. B., Fraga, R.E., Nishiyama, P.B., Costa, N.L.B., da Silva, I.S.S., de Queiroz, T.S., ... Juncá, F.A. 2020. Genotoxic effect of the insecticide Chlorpyrifos on the erythrocytes of *Odontophrynus carvalhoi* tadpoles (Amphibia: Odontophrynidae). Ecotoxicology and Environmental Contamination 15(1), 9-13. doi: https://doi.org/10.5132/eec.2020.01.02

Sinha, R.C. (1983). Haematological studies on the prewintering and wintering frog, *Rana esculenta*. Comparative biochemistry and physiology. A, Comparative physiology. 74, 311–314. https://doi.org/10.1016/0300-9629(83)90606-0

Stokes, E.E., Firkin, B.G., 1971. Studies of the peripheral blood of the Port Jackson shark (*Heterodontus portusjacksoni*) with particular reference to the thrombocyte. British Journal of Haematology 20, 427–435. https://doi.org/10.1111/j.1365-2141.1971.tb07054.x

Strunjak-Perovic, I., Topic Popovic, N., Coz-Rakovac, R., Jadan, M., 2009. Nuclear abnormalities of marine fish erythrocytes. Journal of fish biology 74(10), 2239–2249. https://doi.org/10.1111/j.1095-8649.2009.02232.x

Thrall, M.A., Weiser, G., Allison, R.W., Campbell, T.W. (Eds.)., 2012. Veterinary hematology and clinical chemistry. John Wiley & Sons.

Titon, S.C.M., Assis, V.R., Titon Junior, B., Cassettari, B.D.O., Fernandes, P.A.C.M., Gomes, F.R., 2017. Captivity effects on immune response and steroid plasma levels of a Brazilian toad (*Rhinella schneideri*). Journal of Experimental Zoology Part A: Ecological and Integrative Physiology. 327**,** 127–138. https://doi.org/10.1002/jez.2078

Úngari, L.P., Netherlands, E.C., Santos, A.L.Q., de Alcantara, E.P., Emmerich, E., da Silva, R.J., O'Dwyer, L.H. 2021. New insights on the diversity of Brazilian anuran blood parasites: With the description of three new species of *Hepatozoon* (Apicomplexa: Hepatozoidae) from Leptodactylidae anurans. International Journal for Parasitology: Parasites and Wildlife 14, 190-201. https://doi.org/10.1016/j.ijppaw.2021.02.009

Vasaruchapong, T., Disarapong, P., Chulasugandha, P., Khow, O., Chanhome, L., Chiobamroongkiat, M., Narongsak C., Sitprija, V., 2014. Comparative studies on hematological and plasma biochemical parameters in different types of venomous snakes in Thailand. Comparative Clinical Pathology 23(4), 955–959. https://doi.org/10.1007/s00580-013-1721-9

Wojtaszek, J., Adamowicz, A., 2003. Haematology of the fire-bellied toad, *Bombina bombina* L. Comparative Clinical Pathology 12**,** 129–134. https://doi.org/10.1007/s00580-003-0482-2

Wright, K.M., Whitaker, B.R., 2001. Amphibian medicine and captive husbandry. Krieger Publishing Company.

Yap, K.N., Tsai, O.H.I., Williams, T.D., 2019. Haematological traits co-vary with migratory status, altitude and energy expenditure: a phylogenetic, comparative analysis. Scientific reports 9, 1–8. https://doi.org/10.1038/s41598-019-42921-4

Young, S., Warner, J., Speare, R., Berger, L., Skerratt, L.F., Muller, R. 2012. Hematologic and plasma biochemical reference intervals for health monitoring of wild Australian tree frogs. Veterinary clinical pathology 41(4), 478-492. https://doi.org/10.1111/j.1939-165X.2012.00470.x

ZAR, J.H. Biostatistical analysis. Pearson, 2013.

Zhelev, Z.M., Georgieva, K.N., Todorov, O.B., Peeva, K.G., 2017. Haematological parameters of *Bufotes viridis* (Laurenti, 1768) (Anura: Bufonidae) from southern Bulgaria. Acta Zool Bulg 69(3), 335–343.

Zago, C. E. S., Da Silva, T. L., Da Silva, M. I. A., Venancio, L. P. R., Mendonça, P. P., Junior, L. R. F., ... de Oliveira, C. 2010. Morphological, morphometrical and ultrastructural characterization of *Phrynops geoffroanus* (Testudines: Chelidae) blood cells, in different environments. Micron, 41(8), 1005-1010.

Wilson, S., Felt, S., Torreilles, S., Howard, A., Behan, C., Moorhead, R., Green, S. 2011. Serum clinical biochemical and hematologic reference ranges of laboratory-reared and wild-caught *Xenopus laevis*. Journal of the American Association for Laboratory Animal Science 50(5), 635-640.

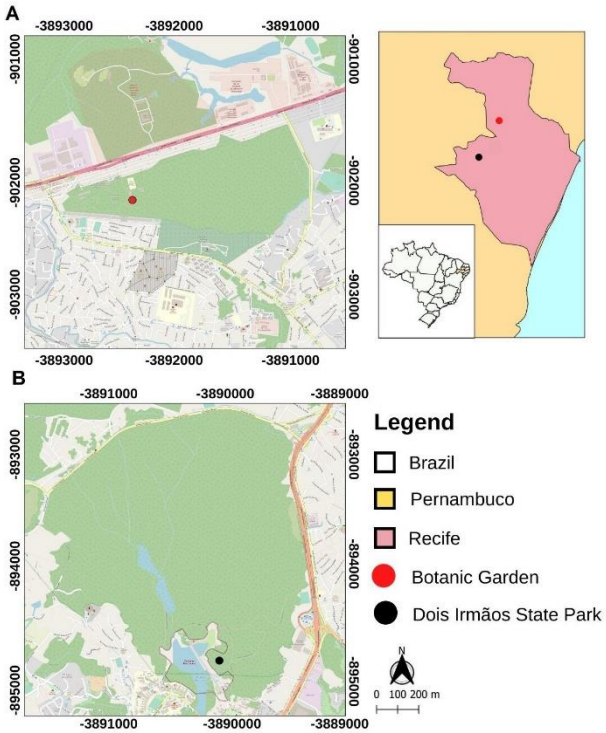


Fig. 1. Map of the location where the males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 were captured. The two areas are located at the metropolitan region of Recife, Pernambuco, Brazil.

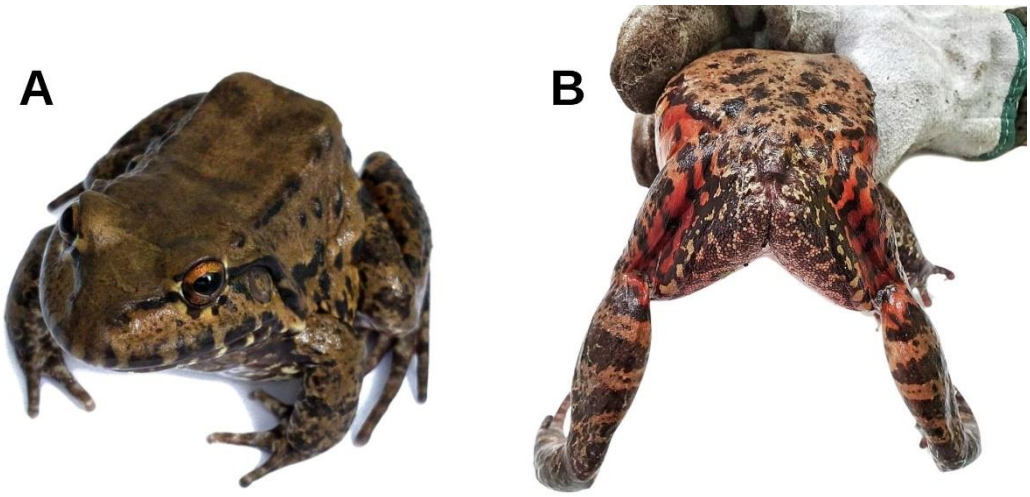


Fig. 2. General view of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 male captured at the Dois Irmãos State Park, Pernambuco, Brasil. A) frontal view of adult male. B) back view showing the aposematic colours on the legs and ventral region (arrow) (CRC: 13.46 cm; body weight mean: 300 g). Photography by Jonathas Lins.

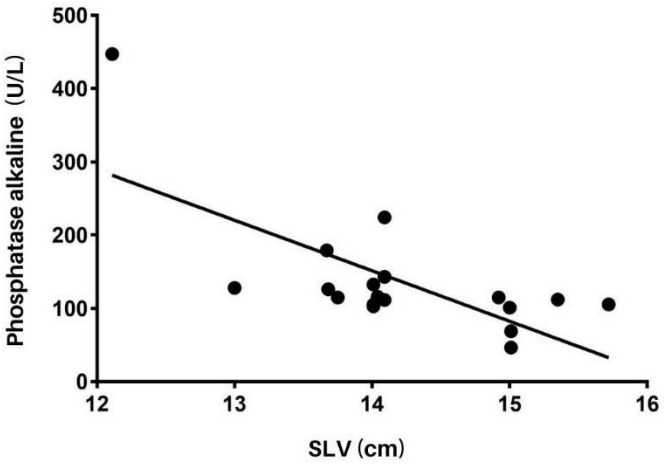


Fig. 3. Comparison of the snout-vent length with the phosphatase alkaline production in males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 by regression analysis.

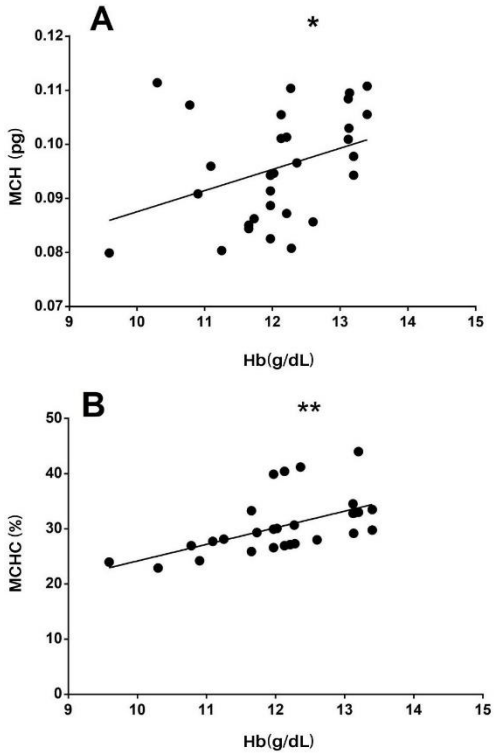


Fig 4. Simple Linear Regression between A) haemoglobin and MCH. B) haemoglobin and MCHC from males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930.

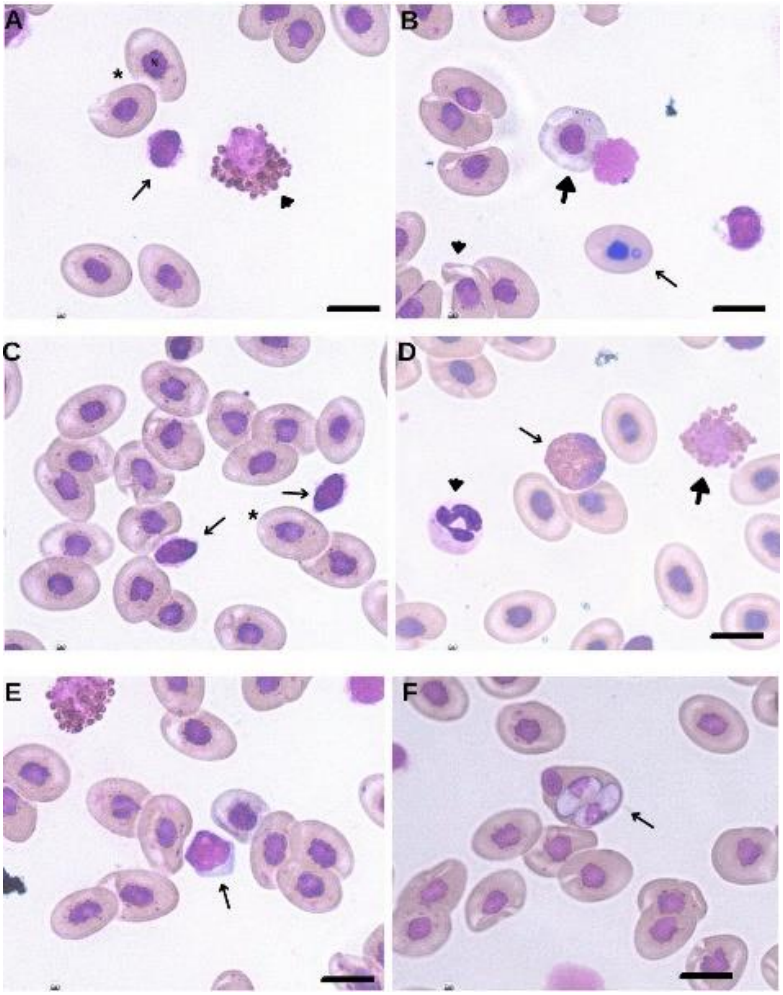


Fig. 5. Light microscopy of blood cells from *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930. A) Detail of *L. vastus* blood smear showing several mature erythrocytes (*) presenting oval shape, pinkish cytoplasm and centrally located nucleus (N). Lymphocytes (arrow) with a basophil nearby (arrowhead). B) presence of immature erythrocyte with bluish cytoplasm and rounded nucleus (thick arrow). Note the presence of erythrocytes presenting a blue spot corresponding to a micronucleus (thin arrow). A mature gamont (arrowhead) can be also observed leaving the erythrocyte C) Thrombocytes (black arrow) near to mature erythrocytes (*). D) Eosinophil (arrow). Note the presence of a neutrophil presenting a multilobate nucleus (arrowhead) and a basophil (thick arrow) E) A monocytes (arrow) can be observed in the vicinity of mature erythrocytes. (F) Detail of blood smear showing the presence of two intracellular gamonts an erythrocyte. Bars = 10 µm.

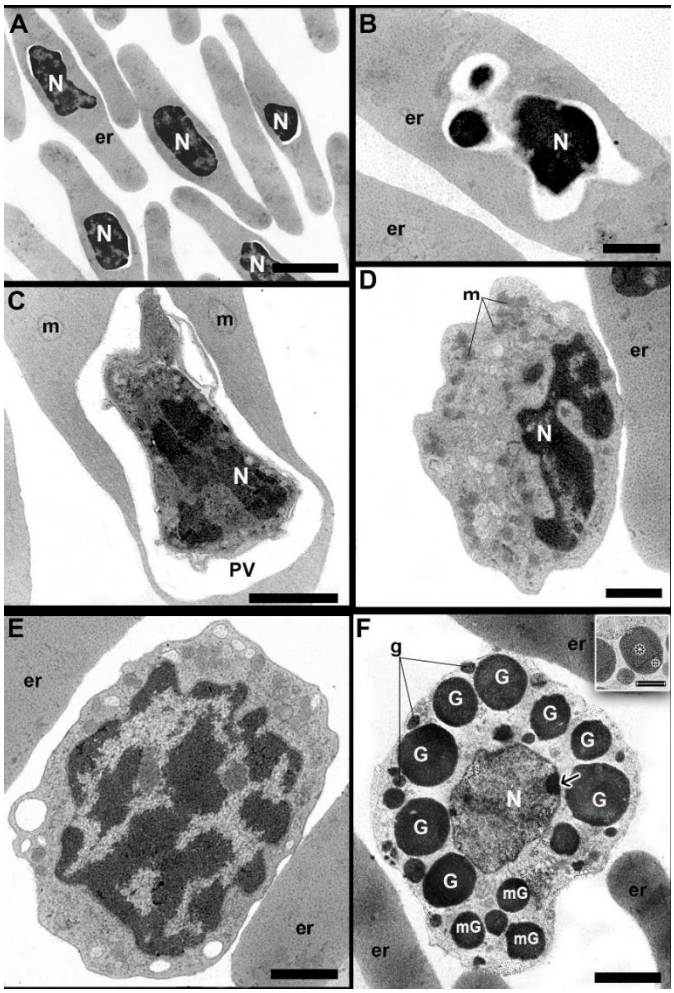


Fig. 6. Transmission Electron Microscopy of blood samples from *Leptodactylus vastus*. (A-C) Ultrastructure of *L. vastus* erythrocytes. (A) General view of erythrocytes (B) Detail of fragmented nucleus and formation of micronucleus (C) Detail of haemogregarine protozoa inside large parasitophorous vacuole (PV). (D) Details of monocyte of L.vastus presenting kidney-shaped nucleus displaced to the cell periphery and a number of mitochondria (m) spread throughout the cytoplasm. (E) detail of a lymphocyte with large nucleus and a thin cytoplasm (F) Large magnification of basophil with intracellular small (g) medium (mG) and large granules (G) widespread in the cytoplasm. Some of these large granules have crystalline inclusions (inset, asterisks). Only a single clumped heterochromatin spot could be observed associated to the nuclear envelope (arrow). Scarce mitochondria could be also observed (m). Nucleus (N); erythrocytes (er) Bars: A=5μm; B, C, D, E and F = 1μm; inset=1 μm.

Table 1. Hematological profile for males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 from Atlantic forest fragments. The value represents the mean ± SD of blood samples from 30 animals.

***Leptodactylus vastus* (n=30)**			
Hematological variables	**Mean**	**SD**	**Min-max value**
Red blood cells (mm^3)	1.27×10^6	131.86	9.24×10^4-1.52×10^6
haemoglobin (g/dL)	12.09	0.9	9.59-13.40
Haematocrit (%)	40.43	4.99	30-45
MVC (fL)	32.12	5.52	22.22-48.67
MCH (pg)	9.57	1.01	7.99-11.14
MCHC (%)	30.46	5.27	22.89-44
Thrombocytes mm^3	55.700	11.07	36.000-92.000
Leucocytes mm^3	12.230	1.53	8.800-15.400
Neutrophils (%)	3	2.5	0-8
Eosinophils (%)	3	2.9	0-8
Basophils (%)	51	8.7	24-64
Lymphocytes (%)	33	7.4	20-50
Monocytes (%)	9	4.5	2-20
Neutrophil:Lymphocytes	0.09	0.1	0-0.33
Haemogregarines (%)	30.43	12	14-56

Table 2. Biochemical analysis of males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 from Atlantic forest fragments. The value represents the mean ± SD of blood samples from 18 animals.

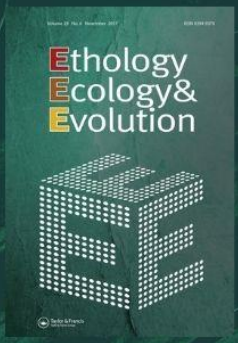
	***Leptodacytylus vastus* (n=18)**		
Biochemical variables	**Mean**	**SD**	**Min-max value**
Creatinine (mg/dL)	0.013	0.05	0.054-0.24
Urea (mg/dL)	14.493	8.709	3.340-28.108
Total protein (g/dL)	3.994	697	2.369-4.768
Albumin (g/dL)	1.126	5	1.122 -1.129
Glycose (mg/dL)	31.741	24.655	1.217-87.578
Triglycerides (mg/dL)	64.550	35.444	6.109-122.762
Total Cholesterol (mg/dL)	89.110	47.950	6.109-173.990
HDL (mg/dL)	8.576	3.389	1.965-14.859
LDL (mg/dL)	55.024	19.102	47.012-149.464
Asparate aminotransferase (U/L)	187.933	77.141	48.563-354.611
Alanine aminotransferase (U/L)	39.601	18.192	2.899-76.731
Alkaline phosphatase (U/L)	137.696	86.028	46.362-447.052
Gamma-glutamyl Transferase (GGT) (U/L)	2.295	913	1.036-3.938

ARTIGO II

THE DEFENSE REPERTOIRE OF MALES OF *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 IN A FRAGMENT OF THE ATLANTIC FOREST IN NORTHEASTERN BRAZIL

José Ricardo de Oliveira-Santos, Regina Célia Bressan Queiroz de Figueiredo and Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Submetido à



Impact factor: 1.321

The defense repertoire of males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 in a fragment of the Atlantic Forest in northeastern Brazil

Journal:	*Ethology Ecology & Evolution*
Manuscript ID	TEEE-2021-0069.R1
Manuscript Type:	Original Article
Date Submitted by the Author:	14-Oct-2021

Complete List of Authors:	Oliveira-Santos, José; Universidade Federal Rural de Pernambuco, Biology; Universidade do Estado da Bahia, Education campus VIII Figueiredo , Regina; Aggeu Magalhaes Research Centre, Microbiology Moura , Geraldo Jorge; Universidade Federal Rural de Pernambuco, Biology

Keywords:	Anti-predatory behavior, Defensive behavior, Distress call, Leptodactylus pentadactylus group

The defense repertoire of males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 in a fragment of the Atlantic Forest in northeastern Brazil

JOSÉ RICARDO DE OLIVEIRA-SANTOS[1,2,3,5], REGINA CELIA BRESSAN QUEIROZ DE FIGUEIREDO[5] and GERALDO JORGE BARBOSA DE MOURA [2,3,4,*]

[1]Laboratório de Estudos Herpetológicos do Semiárido da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Rua do Gangorra, 503, 48.600-000 – Paulo Afonso, Bahia, Brasil

[2]Laboratório de Herpetologia e Paleoherpetologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia, Rua Dom Manoel de Medeiros, Dois Irmãos. 52171-900 – Recife-Pernambuco, Brasil

[3]Programa de Pós-graduação em Biociência Animal da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Rua Dom Manoel de Medeiros, Dois Irmãos. 52171-900 – Recife-Pernambuco, Brasil

[4]Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Rua Dom Manoel de Medeiros, Dois Irmãos. 52171-900 – Recife-Pernambuco, Brasil

[5]Laboratório de Biologia Celular de Patógenos, Departamento de Microbiologia, Instituto Aggeu Magalhães – IAM/FIOCRUZ-PE. Avenida Moraes Rego, Várzea, s/n. 50670-420, Recife, Pernambuco, Brasil

***Corresponding Author**:
Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura
Laboratório de Herpetologia e Paleoherpetologia
Universidade Federal Rural de Pernambuco
geraldo.jbmoura@ufrpe.br

Highlights

Studies on the defensive behavior of anurans have been presented information that can help in the construction of the natural history of the species in this group. The results show that males of *Leptodactylus vastus* exhibited five types of defensive behaviors of which 4 were of visual origin: puffing up the body, push, hiding, cloacal discharge, and spinal aggression; and one type of acoustic behavior: distress call. The behaviors were observed through three types of external stimuli in which during the data analysis it was evident that there is no male preference for a specific type of stimulus. Through the intra-individual and inter-individual coefficient of variation that there are no significant variations in the distress call being an unprecedented result for works that involve the distress call.

Abstract

Anurans present different defense mechanisms against predator attacks. There are more than thirty defense strategies that these animals can display in the different environments where they can be preyed upon. We analyzed the defense repertoire of the species *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930, including the male distress call and its intra- and inter-individual coefficients of variation. We carried out this study in a fragment of Semideciduous Atlantic Forest at the Camocim Conservation Unit in the metropolitan region of Recife, Pernambuco, northeastern Brazil. The defensive displays of 30 males to different stimuli simulating a predator were analyzed. We observed five types of strategies which were used by these animals separately or concomitantly: puffing up the body (100%), push movement (83.3%), distress call (33.3%), hiding (23.3%), cloacal discharge (16.6%) and spine aggression (6.6%). The analysis of intra- and inter-individual coefficient of variation showed that there was no acoustic variation in the distress call of this species. Understanding the defensive mechanisms of a species is important to identify the anti-predatory strategies used by animals especially in face of emerging threats and to help to produce proposals for the conservation of neotropical species.

KEY WORDS: anti-predatory behavior, defensive behavior, distress call, *Leptodactylus pentadactylus* group.

Running head: Antipredatory behaviors of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930

INTRODUCTION

The pursuit for survival has selected several defense strategies for animals (Edmunds 1974; Toledo et al. 2011; Nunes et al. 2014). Some of these strategies have evolved in response to various interactions between prey and predators (Alcock 2016). For anurans, the high pressure exerted by predation is the main factor for their broad defensive repertoire (Haddad et al. 2013) which allows them to defend themselves against different predators (Ferrante et al. 2014).

Among the defense behaviors exhibited by anurans, the distress call has been widely studied. This call is a high-intensity noise emitted by prey when subdued. Apparently, this noise surprises and frightens the predators especially those with a sensitive acoustic system allowing the prey to escape (Bogert 1960; Toledo & Haddad 2009).

Many species of anurans are capable of emitting the distress call as a defensive signal when intercepted by predators (Wells 2010; Forti et al. 2018; Carrillo & Dena 2019). This type of vocal behavior can alert conspecific neighbors to the presence of a predator, ceasing the vocalization of nearby animals (Forti et al. 2017). Toledo and Haddad (2009) stated that to be successful the sound must be loud, sustained for as long as possible, and present a wide frequency range. After all, the louder the sound the lesser its degradation (Brémond & Aubin 1992). On the other hand, small frogs may not be able to produce this call, because the intensity and duration of the call are correlated with the size of the animal, as observed by Toledo and Haddad (2009).

Besides the distress call, other defense strategies are exhibited by anurans in environments where there is a high possibility of predation (Toledo et al. 2007). These antipredatory strategies include protruding the distal finger phalanges, puffing up the body, pushing with legs and releasing smelly secretions (Toledo et al. 2011).

Leptodactylidae Werner, 1896 (1838) is one of the most diverse anuran families in Brazil. Currently, this family comprises 232 species (Frost 2021) divided in four groups. *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 belongs to the *L. pentadactylus* group and is widely distributed in northeastern Brazil and in the Bolivian Amazon (De Sá et al. 2014). Thirteen species of this genus have had

their distress call described, and of these, four are from the *L. pentadactylus* group, including females of *L. vastus* (Toledo & Haddad, 2009). Thus, this study aimed to analyze (1) the defense repertoire of *L. vastus* males from an Semidecidual Atlantic Forest fragment, in the northeastern of Brazil; (2) their distress call and (3) intra- and inter-individual variation in the distress call of this species.

MATERIALS AND METHODS

Study area

Thirty males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 were captured between October and December 2019 in the Camocim Conservation Unit, located in the municipality of São Lourenço da Mata, metropolitan region of Recife, Pernambuco, Brazil (8S02'25", 35W11 '48", datum= SAD69) (Fig. 1). This site has an area of 200ha and is covered by Semideciduous Atlantic Forest. The climate of this area is characterized as tropical (As), according to the Köppen-Geiger climate classification (Alvares et al. 2013), with rainfall between February and September.

Behavioral defense display of Leptodactylus vastus in response to simulated predator threats

Thirty males of *L. vastus* were randomly selected and subjected for 3 min to one of the following experimental stimuli in the field: (1) unexpectedly grabbing the male by the hind limbs, (2) causing erratic movements by holding the individual's hind limbs, or (3) emitting distress call playbacks. When the animal displayed one or more defensive behavior in one of the experiments it was released. When there was no behavioral display the animal was kept in a containment box for 10 min for resting and then one of the experiments was randomly repeated (adapted - Toledo & Haddad 2009). After the experiments, we measured the SVL (snout–vent length, 0.01mm precision) and the body mass (0.01g precision) of all handled animals. We also measured the environment

temperature (ºC) and humidity (%) using a HT-210 digital thermo hygrometer (0.1°C accuracies). The defense behaviors analyzed in response to predator threatening were described in the ethogram.

Distress call

The distress call of ten males, submitted to the above-mentioned stimulus, was recorded with a TASCAM DR-40 recorder (uncompressed format, sample rate = 44.1kHz, 16 bits) coupled to a Yoga HT-81 directional microphone (100 Hz - 16 kHz), positioned at 0.5 m of the animals. Twelve calls were analyzed for each animal, totaling 120 calls. We analyzed the acoustic parameters using Raven Pro 1.6 software and produced the graphics using the Seewave package in Rstudio. For the construction of the playback, we chose 10 notes of distress call (Audacity 1.3 Software) which were reproduced using a portable box music JBL Charge 3 (65Hz – 20kHz, > 80 dB).

The following acoustic variables established by Köhler et al. (2017) were analyzed: duration of the call (s), interval between notes (s), minimum frequency (kHz), maximum frequency (kHz), frequency amplitude (kHz), dominant frequency (kHz), notes/min, and harmonics. The recorded calls were deposited at Coaxar, a library of anuran vocalizations of the Laboratório de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos in Universidade Federal Rural de Pernambuco, northeastern Brazil (SCLEHP 01018 – 01028).

Data analysis

We performed the Shapiro-Wilk test to verify data normality. Posteriorly, we performed an ANOVA analysis to test whether the frogs would have a preference for a specific type of stimulus. The intra- and inter-individual coefficients of variation were calculated according to Gerhardt (1991) using the following equation: $CV = SD/\overline{X} \times 100$. Where, CV = coefficient of variation; SD = standard deviation and $\overline{X}$ = mean.

We calculated the intra-individual coefficient (Cv_{intra}) using the mean and standard deviation of the acoustic parameters of each individual, whereas for the

inter-individual level (Cv_{inter}) we used the values of all individuals. Acoustic parameters were classified as static when the intra-individual variation was < 5% and dynamic when Cv_{intra} > 12%. For the inter-individual variation, values < 10% were considered as static and > 20%, dynamic. Values between these ranges (dynamic – static) were considered intermediate for both Cv_{intra} and Cv_{inter}. Then, a Multiple Linear Regression was performed for each acoustic parameter using the body mass and SVL of the animals as independent variables. We followed a significance level of $p < 0.05$ (Zar 2013) for the tests and used Graphpad Prism 7.0 software to perform the aforementioned analyses.

RESULTS

All the tested frogs displayed defensive behaviors regardless of the type of stimulus ($F = 3.1109$, $p = 0.0805$). Five behaviors were identified in males of *Leptodactylus vastus,* and all of them were considered as antipredator behavior: The most prevalent was puffing up the body (100%), followed by push movement (83.3%), distress call (33.3%), hiding (23.3%), cloacal discharge (16.6%) and spine aggression (6.6%) (Figs 2-3; Table 1).

The distress call was composed of a harmonic structure with, on average, 20 ± 0.83 harmonics. It also had a wide frequency range of 1.91 ± 0.06 kHz – minimum frequency 0.86 ± 0.06 kHz, maximum frequency 2.77 ± 0.07 kHz, and dominant frequency 2.66 ± 0.33 kHz. The call duration was 0.95 ± 0.03 s, the interval between notes was 2.78 ± 0.51 s and it also had, on average, 12 ± 0.32 notes/min (Fig. 4; Table 2).

There was low variation in the distress call of *L. vastus.* For Cv_{intra}, we found that call duration, interval between notes, maximum frequency, frequency amplitude, harmonics and notes/minute were static parameters, whereas dominant frequency was a dynamic parameter; minimum frequency had intermediate values. For Cv_{inter}, we found that call duration, minimum frequency, maximum frequency, frequency amplitude and harmonics were static parameters; the interval between notes and dominant frequency had intermediate values. As observed in our multiple linear regression models, there was no

relationship between either the animal's body mass or SVL and the acoustic parameters (Table 2).

DISCUSSION

Due to the need of understanding the ecological relationships between anurans and ecosystems, the defensive repertoire appears as one of the main parameters for evaluating the various antipredatory mechanisms of these animals in response to predator attacks. The behaviors exhibited by *Leptodactylus vastus* males, such as puffing up the body and the push movement, were also observed by other authors (Toledo et al. 2011; Ferrante et al. 2014; Kowalski et al. 2018; Ferrante et al., 2020). Toledo et al. (2011) stated that during lung deflation, some bufonids may emit a noise produced by expiration. In our study, males of *L. vastus* emitted a noise after the simulated stimuli of a possible predator (stimuli 2 and 3, which included handling the animals). We suggest that this sound could be a secondary defensive behavior, that is, it is only used when there is direct contact with the anuran.

The hiding behavior was observed when the researcher approached the animals for capture. Males were observed close to burrows, which were approximately 1 m deep, and when the animals noticed any approach, they entered the burrow. The burrows were close to the temporary pond, which suggests that these microhabitats may also be used for the reproduction of these animals. Shahrudin (2014) observed that males of *Microhyla berdmorei* hid under the leaves after being manipulated. In contrast, males of *L. vastus* usually perform this behavior when they perceive the presence of a threat, without necessarily having direct contact with the predator. Hiding under leaves or litter has also been observed in *Leptobrachium hendricksoni* (Shahrudin 2016).

The cloacal discharge, which can be liquid or solid, is released when the animal is intercepted or is escaping. This behavior was also observed by Kowalski et al. (2018) in frogs in response to predators and corresponded to 1.02% of the behavioral response to hedgehogs and 1.43% to rabbit attacks. In our study, this behavior was only performed at the moment of the animals' escape, which also suggests a secondary defense.

Spines on male hands and breasts can be used to deeply scratch a potential predator or a conspecific male during aggressive interactions (Toledo et al. 2007). They can also be used during reproductive mating interactions, as noted for specimens of *L. vastus.* However, not all species of anurans that have spines use them for defense, as seen by Toledo et al. (2011) for *Boana beckeri, Boana bischoffi, Boana caingua,* and *Boana prasine*. These authors divided spines use behavior into (i) using spines to pierce, (ii) using spines to scratch any reachable part of the predator's body, and (iii) causing trauma without piercing the predator's skin (Toledo et al. 2011).

We observed that some males presented more than one behavioral response concomitantly. For instance, five males (16.6%) exhibited the displays (1) distress call, (2) puffing up the body and (3) push movement, and 22 males (73.3%) displayed both displays 2 and 3. Although the concomitant use of different defense mechanisms results in a higher chance of escaping (Toledo et al. 2011), it may also represent a high spend of energy by the animal and the need for a resting period to recover.

Some acoustic parameters observed in our study diverged from the data of Toledo and Haddad (2009). Mean call duration (0.95 s vs. 0.75 s, respectively), minimum frequency (0.86 kHz vs. 0.17kHz), and dominant frequency (2.66 kHz vs. 1.64 kHz) were higher in the distress call of *L. vastus* males from our study than those from Toledo and Haddad (2009). Conversely, the maximum frequency (2.77kHz vs. 7.42kHz) was lower in our study. Such variation can be attributed to the use of males in our study and females in Toledo and Haddad's study (2009). In addition, the acoustic variables in the distress call of *L. vastus* also differed from those found in other species of the *L. pentadactylus* group, such as: *L. chaquensis* (Carrillo & Dena, 2019), *L. labyrinthicus* (Toledo et al. 2005), *L. pentadactylus*, and *L. savagei* (Toledo & Haddad, 2009). For instance, the duration of the distress call of *L. vastus* was the longest compared to those of other species of the *L. pentadactylus* group. However, the average dominant frequency was in the same range of the other species in the group, except for *L. pentadactylus* and *L. vastus* analyzed by Toledo and Haddad (2009).

Toledo and Haddad (2009) established a positive relationship between call duration and the size of some anuran species. However, this relationship may not apply to the distress call of some species in the *L. pentadactylus* group, as

observed by the same authors. For this group, larger species have shorter distress calls compared to smaller sized species (Toledo & Haddad 2009). We show in this study that the distress call of *L. vastus* corroborates this pattern, as both temporal and spectral parameters of their distress call did not correlate with their SVL and body mass. Toledo et al. (2007) argued that this pattern could be the result of different evolutionary pressures, such as sexual selection and predation.

We still know little about variation in the distress call of *L. vastus*. Our study shows that most of the acoustic parameters that we analyzed are static, which suggests that this call has little variation within and between individuals. In addition, the male distress call of this species has a short duration with no relationship with the animals' mass or size, as also demonstrated for other species of the *L. pentadactylus* group. In this regard, they cannot be included in the model proposed by Toledo and Haddad (2009).

De Castro et al. (2017) reported three additional defensive behaviors for *L. vastus*: thanatosis, in which the animal remained with an exposed abdomen and retracted the hind legs for about 7 minutes. According to Toledo et al. (2010) remaining immobile can lead the predator diverting its attention from the prey. The second behavior was the body-raising, in which the animal stretched its legs, raised its body, and kept its snout on the ground, exposing the reddish color of the leg for 5 minutes. Toledo et al. (2011) claimed that this behavior can be divided into (1) partial when the animal stretches its legs and touches its snout to the ground, and (2) total when the animal stretches its legs, raises its belly and snout. The last behavior was the release of toxic secretion by the epidermis. This type of secretion can cause burning in the eyes, mouth, and nostril (Toledo et al. 2011; Haddad et al. 2013), and that is why this species is popularly known as the pepper frog in the region.

Therefore, the study of defensive behavior of frogs, as *L. vastus*, provides fundamental information about agonistic interactions among species, which can be useful in promoting conservation actions to protect these species. *L. vastus* exhibited a variety of antipredator behaviors which are presented separately or simultaneously in response to predators.

ACKNOWLEDGEMENTS

We would like to thank Rayssa Santos Lima, Jeferson Gomes da Silva and José Partiliano da Silva for the logistic and technical field assistance.

DISCLOSURE STATEMENT

No potential competing interest was reported by the authors.

FUNDING

This work was supported by The Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) under Grant [88887.528984/2020-00].

ETHICAL STANDARD

All the procedures were performed according to the SISBIO (63567) and the Ethics Committee on the Use of Animals from the Universidade Federal de Pernambuco (23082.006641/2019-29).

AUTHOR CONTRIBUTIONS

de Oliveira-Santos conceived the presented idea, designed, and planned the experiments. de Oliveira-Santos collected the animals, performed the field experiments, and wrote the manuscript, with the support of Figueiredo and Moura. Both Moura and Figueiredo contributed to the interpretation of the results and the final version of the manuscript. Moura supervised the project.

ORCID

José Ricardo de Oliveira-Santos https://orcid.org/0000-0002-0461-6684

Regina Celia Bressan Queiroz de Figueiredo https://orcid.org/0000-0001-5806-0944
Geraldo Jorge Barbosa de Moura https://orcid.org/0000-0001-7241-7524

REFERENCES

Alcock J. 2016. Comportamento animal: uma abordagem evolutiva. Artmed editora.

Alvares CA, Stape JL, Sentelhas PC, de Moraes G, Leonardo J, Sparovek G. 2013. Köppen's climate classification map for Brazil. Meteorologische Zeitschrift. 22: 711–728. doi: 10.1127/0941-2948/2013/0507

Bogert CM. 1960. The influence of sound on the behavior of amphibians and reptiles Washington DC: American Institute of Biological Sciences. pp. 137–320.

Brémond JC, Aubin T. 1992. The role of amplitude modulation in distress-call. Ethology ecology & evolution. 4(2): 187–191. doi: 10.1080/08927014.1992.9525340

Carrillo JFC, Dena S. 2019. Distress calls of *Leptodactylus knudseni* Heyer, 1972 (Anura, Leptodactylidae). Herpetozoa. 32: 7–10. doi: 10.3897/herpetozoa.32.e35617

de Castro DP, Borges-Nojosa DM, Oliveira JA, Borges-Leite MJ, da Silva MM, de Sousa TA, Harris DJ. 2017. Defensive behavior in *Leptodactylus vastus* A. Lutz, 1930, in northeastern Brazil.

de Sá RO, Grant T, Camargo A, Heyer WR, Ponssa ML, Stanley E. 2014. Systematics of the neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): phylogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. South American Journal of Herpetology. 9(s1). doi: 10.2994/SAJH-D-13-00022.1

de Toledo Moroti M, Pedrozo M, Sestito G, Santana DJ. 2017. First record of visual displays in *Scinax cardosoi* (Anura: Hylidae). Phyllomedusa: Journal of Herpetology. 16(2): 283–287.

Dorado-Rodrigues TF, Campos VA, Santos MM, Pansonato A, Strüessmann C. 2012. Circumstances and bioacoustics of the distress call of

Leptodactylus chaquensis (Anura: Leptodactylidae) during predation by *Thamnodynastes chaquensis* (Serpentes: Dipsadidae) in the Brazilian Pantanal. Salamandra. 48: 237–240. doi: 10.2994/SAJH-D-18-00011.1

Edmunds M. 1974. Defence in animals: a survey of anti-predator defences. Longman Publishing Group.

Ferrante L, Najar T, Kaefer I.L. 2020. Four new anuran defence behaviours observed in the cane toad *Rhinella marina*. Ethology Ecology & Evolution. 32(6): 590–595. doi: 10.1080/03949370.2020.1769737.

Ferrante L, Sacramento M, Angulo A. 2014. Defensive behaviour in *Aplastodiscus leucopygius* (Cruz & Peixoto, 1985) (Anura: Hylidae). Herpetology Notes. 7: 135–138.

Ferreira RB, Lourenço-de-Moraes R, Zocca C, Duca C, Beard KH, Brodie ED. 2019. Antipredator mechanisms of post-metamorphic anurans: a global database and classification system. Behavioral Ecology and Sociobiology. 73(5): 1–21.

Forti LR, Forti ABBS, Márquez R, Toledo LF. 2017. Behavioural response evoked by conspecific distress calls in two neotropical treefrogs. Ethology. 123(12): 942–948. doi: 10.1111/eth.12693

Forti LR, Zornosa-Torres C, Márquez R, Toledo LF. 2018. Ancestral state, phylogenetic signal and convergence among anuran distress calls. Zoologischer Anzeiger. 274: 1–5. doi: 10.1016/j.jcz.2018.02.004

Frost DR. 2021. Amphibian species of the world: an online reference, version 6.1. https://amphibiansoftheworld.amnh.org/Amphibia/Anura/Leptodactylidae. (accessed June 30, 2021).

Gerhardt HC. 1991. Female mate choice in treefrogs: static and dynamic acoustic criteria. Animal Behaviour. 42(4): 615–635. doi: 10.1016/S0003-3472(05)80245-3

Haddad CF, Toledo LF, Prado CP, Loebmann D, Gasparini JL, Sazima I. 2013. Guia dos anfíbios da Mata Atlântica: diversidade e biologia. Anolis Books.

Köhler J, Jansen M, Rodríguez A, Kok PJR, Toledo LF, Emmrich M. Glaw F, Haddad CFB, Rödel MO, Vences M. 2017. The use of bioacoustics in anuran

taxonomy: theory, terminology, methods and recommendations for best practice. 124pp. doi: 10.11646/zootaxa.4251.1.1

Kowalski K, Sawościanik O, Rychlik L. 2018. Do bufonids employ different anti-predator behaviors than ranids? Comparison among three European anurans. Copeia. 106(1):120–129. doi: 10.1643/CE-16-567

Lopes AG, Sousa JC, Tavares-Pinheiro R, Costa-Campos CE. 2021. *Leptodactylus macrosternum* Miranda-Ribeiro, 1926 (Anura: Leptodactylidae) preyed upon by *Lygophis lineatus* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Dipsadidae), with notes on its distress call. Herpetology Notes. 14: 949– 953.

Mângia S, Garda AA. 2015. Distress call and defensive display of *Proceratophrys cristiceps* (Muller, 1883) (Amphibia, Anura, Odontophrynidae). Herpetology Notes. 8: 11–14.

Meneses ASO, Corrêa BAAP. 2020. Defensive behaviors in two *Proceratophrys species* (Anura: Odontophrynidae) from central Brazilian Cerrado. Cuadernos de Herpetología 34. doi: 10.31017/CdH.2020.(2020-039)

Nunes AL, Orizaola G, Laurila A, Rebelo R. 2014. Morphological and life-history responses of anurans to predation by an invasive crayfish: An integrative approach. Ecology and evolution. 4(8): 1491–1503. doi: 10.1002/ece3.979

Shahrudin S. 2014. Defensive behaviour of *Microhyla berdmorei* (Blyth, 1856) (Anura: Microhylidae) from Peninsular Malaysia. Herpetology Notes. 7: 787–789.

Shahrudin S. 2016. Antipredator behaviour of *Leptobrachium hendricksoni* Taylor, 1962 (Anura: Megophryidae) from Peninsular Malaysia. Alytes. 33: 12–15.

Toledo LF, Haddad CF. 2009. Defensive vocalizations of Neotropical anurans. South American Journal of Herpetology. 4(1): 25–42. doi: 10.2994/057.004.0104

Toledo LF, Ribeiro RS, Haddad CF. 2007. Anurans as prey: an exploratory analysis and size relationships between predators and their prey. Journal of Zoology. 271(2): 170–177. doi: 10.1111/j.1469-7998.2006.00195.x

Toledo LF, Sazima I, Haddad CF. 2011. Behavioural defences of anurans: an overview. Ethology Ecology & Evolution. 23(1): 1–25. doi: 10.1080/03949370.2010.534321

Toledo LF, Tozetti A, Zina J. 2005. *Leptodactylus labyrinthicus* (Pepper Frog): Defensive repertoire. Herpetological Bulletin. 90: 29–31.

Wells KD. 2010. The ecology and behavior of amphibians. University of Chicago Press.

Zar JH. 2013. Biostatistical analysis. Pearson Education India.

Table 1.

The defense repertoire parameters evaluated in males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 of the Camocim Conservation Unit Forest, located in the municipality of São Lourenço da Mata in the Metropolitan Region of Recife, Pernambuco, Brazil. The description of the behaviors is in accordance with Toledo et al. (2011).

Behavior	**Description**	**Possible main function against predators**	**Other references**
Puffing up the body	The animal inhales air and inflates its body.	To appear larger than it really is, in order to scare the predator.	Mângia and Garda (2015); Meneses and Corrêa (2020)
Push movement	The animal uses its legs to push.	The animal uses the forelimbs and hindquarters to push and get rid of the predator's constriction.	de Toledo et al. (2017)
Distress call	The animal exhibits stereotyped calls with high intensity during the interception.	The call can frighten predators that have a sensitive acoustic system and warn conspecific animals of the presence of a threat.	Dorado-Rodrigues et al. (2012); Lopes et al. (2021)
Hiding	The animal uses burrows to hide.	When the animal perceives the approach of a threat it hides inside burrows that present an average of 1m in depth.	Ferreira et al. (2019); Sena et al. (2021)

Cloacal discharge	The animal releases solid material through the cloaca when it is intercepted.	The solid material released may present unpalatable taste causing the predator to lose interest in ingesting the prey	Toledo, Sazima and Haddad (2011)
Spine aggression	The animal uses the spines located on the thumbs and pectoral region to scratch or pierce.	The spines located in the phalanx and pectoral region can injure the predator, causing it to release the frog.	Toledo, Sazima and Haddad (2011)

Table 2.

Analyzes of the acoustic parameters and intra- and inter-individual variation coefficients of the distress call of males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 of the Camocim Conservation Unit Forest, located in the municipality of São Lourenço da Mata in the Metropolitan Region of Recife, Pernambuco, Brazil.

Acoustic parameters	**Mean ± SD**	**Variation**	**Cv_{intra} (%)**	**CV_{inter} (%)**	**Multiple Linear Regression**	
					SLV	Mass
Call duration (s)	0.95 ± 0.03	0.85 – 1.00	2.30	3.54	F = 1.8, *p* = 0.2165	F = 0.3, *p* = 0.5769
Interval between call (s)	2.82 ± 0.36	2.12 – 3.65	4.07	12.68	F = 4.9, *p* = 0.0575	F = 0.4, *p* = 0.5431
Minimum frequency (kHz)	0.86 ± 0.06	0.60 – 0.98	5.58	6.57	F = 1.4, *p* = 0.3158	F = 0.5, *p* = 0.4649
Maximum frequency (kHz)	2.77 ± 0.07	2.45 – 2.98	2.02	2.52	F = 0.14, *p* = 0.7121	F = 0.7, *p* = 0.4092
Frequency range (kHz)	1.91 ± 0.06	1.58 – 2.15	1.95	3.35	F = 0.5045, *p* = 0.4977	F = 0.02, *p* = 0.8739
Dominant frequency (kHz)	2.66 ± 0.33	1.63 – 2.88	12.7	12.2	F = 1.5, *p* = 0.2490	F = 0.7, *p* = 0.4003

Notes/min	12 ± 0.32	12 – 13	2.61	-	F = 4.3, *p* = 0.0703	F = 2.1, *p* = 0.1839
Harmonics	20 ± 0.83	17 – 22	1.69	4.15	F = 3.6, *p* = 0.0930	F = 1.2, *p* = 0.2895

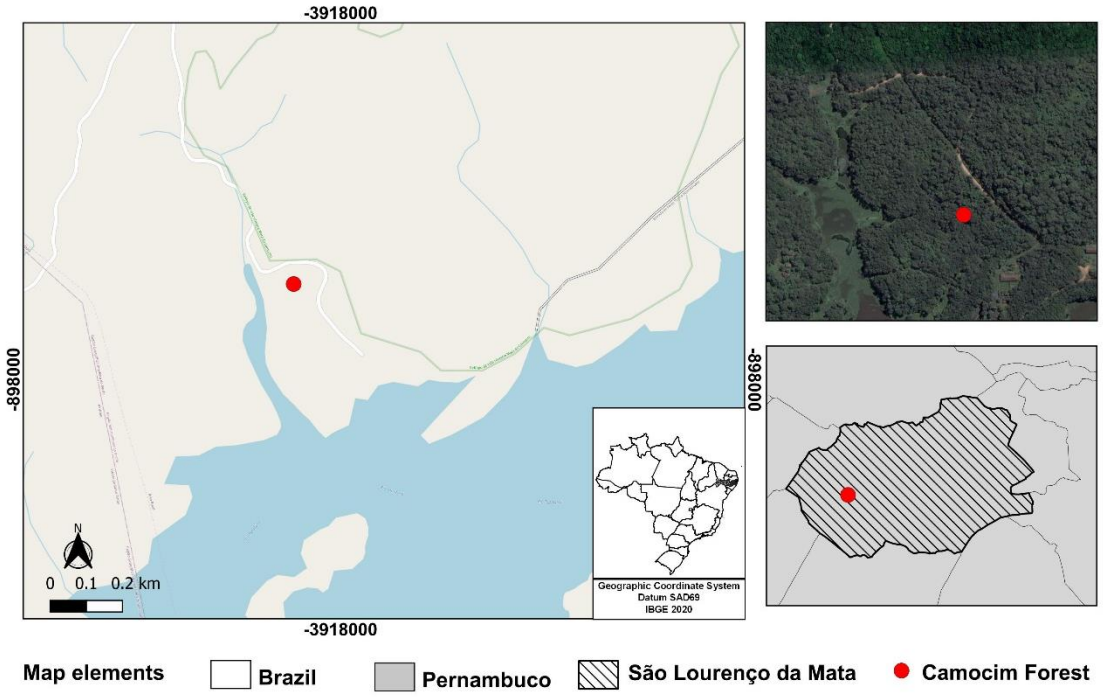


Fig. 1. – Location map of the Camocim Conservation Unit Forest, located in the municipality of São Lourenço da Mata in the Metropolitan Region of Recife, Pernambuco, Brazil

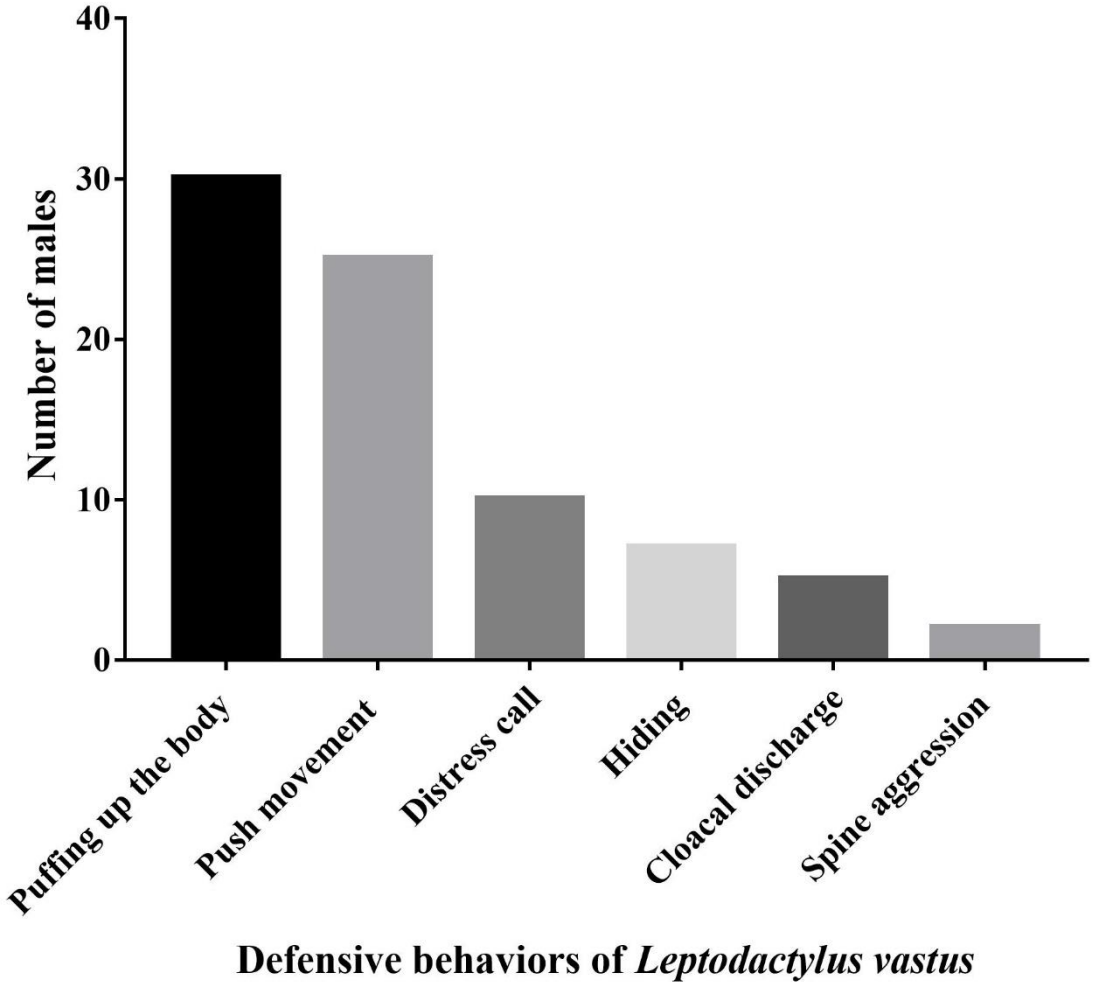


Fig. 2. – Defensive behavior of males of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 of the Camocim Conservation Unit Forest, located in the municipality of São Lourenço da Mata in the Metropolitan Region of Recife, Pernambuco, Brazil.

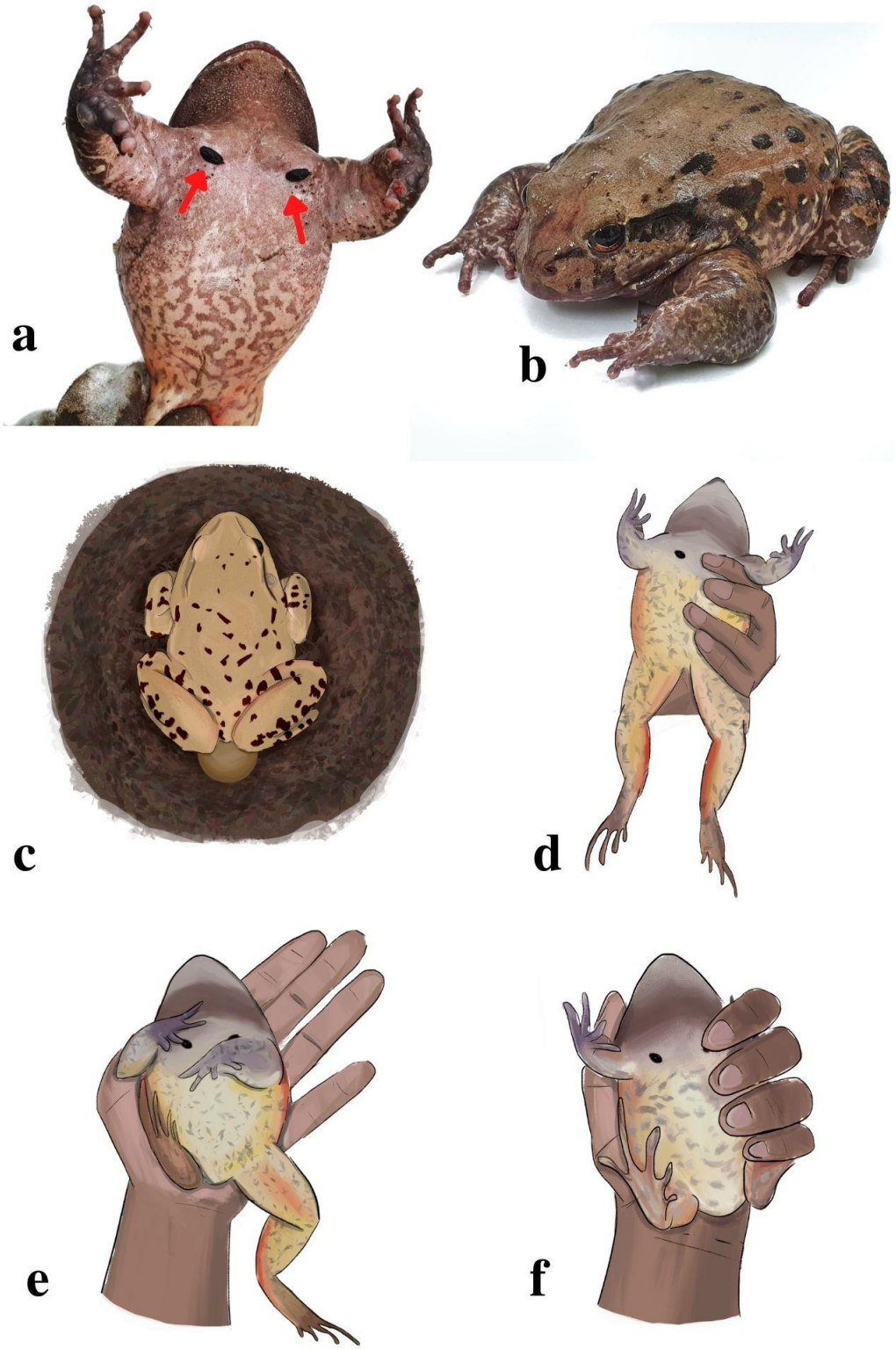


Fig. 3.– Illustrative representation of behavioral display presented by male of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 submitted to a thereat stimulus. (A) Ventral view of animal body showing the presence of spines on the pectoral region (red arrows). (B) Male puffing up the body (SLV: 13,46 cm; body

mass: 300 g). (C) Illustration of male cloacal discharge of solid material as seen in the field. Illustration sequence demonstrating leg pushing behavior: (D) Male with outstretched legs. (E) Male curling his legs. (F) Male using legs to push. Photo by Jonathas Lins and illustration by Marcelo Brandt Feijó.

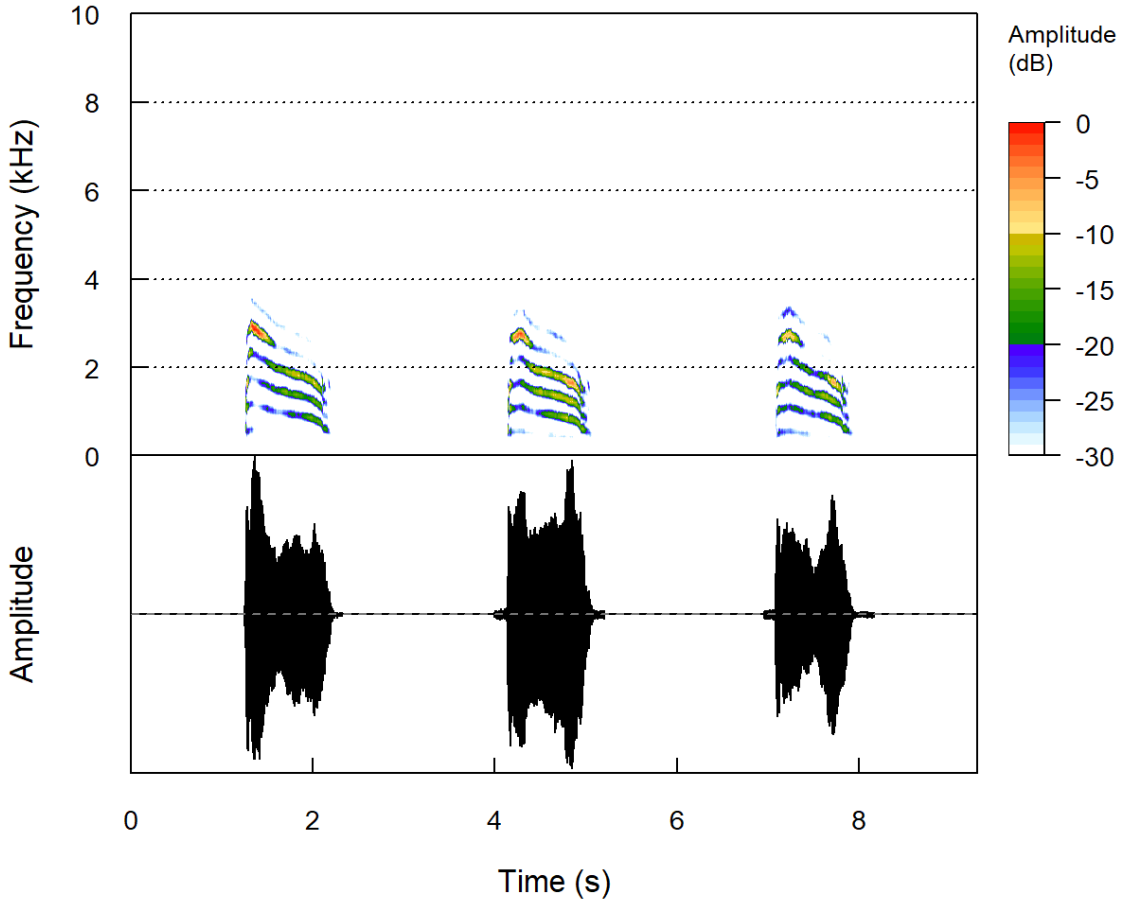


Fig. 4. – The Oscillogram and spectrogram representation of the distress call of *Leptodactylus vastus* Lutz, 1930 of the Camocim Conservation Unit Forest, located in the municipality of São Lourenço da Mata in the Metropolitan Region of Recife, Pernambuco, Brazil. Air temperature: 27 8°C; air humidity: 85%. SLV= 13,46 cm; body mass = 300g. (Individual voucher: SCLEHP01018)

Considerações finais

O estudo sobre o estado fisiológico de uma população de *Leptodactylus vastus*, através da análise dos parâmetros hematológicos e da bioquímica sérica evidenciou que esses animais têm apresentado anormalidades morfológicas nas células sanguíneas, além do número elevado de basófilos e das enzimas hepáticas. Tais resultados podem estar relacionados as atividades antrópicas que vêm sendo desempenhadas no Jardim Botânico e Parque Dois Irmãos, o que pode ter provocado a ocorrência de hemogregarinas nos eritrócitos desses animais. Esse hemoparasito, quando em excesso pode provocar anemia. Além disso, a presença de eritrócitos imaturos e micronúcleos nos eritrócitos maduros podem estar associados a poluentes nos ecossistemas aquáticos, nos quais esses animais estão distribuídos.

Com isso, esse estudo deixa, enquanto proposta futura a análise físico-química da água para verificar possíveis distúrbios que possam provocar declínios populacionais nas espécies de anuros do Brasil. Essa relação ambiental com o estado fisiológico, através da hematologia, pode trazer possíveis respostas acerca de doenças relacionadas ao sangue e todo o sistema, além dos analitos bioquímicos para a verificação do funcionamento dos órgãos. Tais resultados ajudarão a compor valores de referências para a padronização de estudos. Ainda em relação aos parâmetros intrínsecos, esse estudo torna-se o primeiro a descrever, através da microscopia eletrônica, as diferentes células sanguíneas de uma espécie de anuro endêmica do nordeste brasileiro.

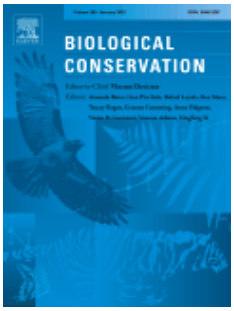
Em relação aos parâmetros extrínsecos, a descrição do repertório defensivo mostrou que *L. vastus* apresentou seis tipos de comportamentos, que foram categorizados em comportamentos visuais e acústicos. Quando somado aos trabalhos já publicados para a espécie, observa-se que esses animais desempenham 9 tipos de comportamentos antipredatórios. Esse tipo de trabalho pode auxiliar na compreensão da ecologia desses animais e de como eles tem se adaptado, em resposta as diversas mudanças ambientais.

Anexos

BIOLOGICAL CONSERVATION

AUTHOR INFORMATION PACK

TABLE OF CONTENTS



ISSN: 0006-3207

DESCRIPTION

Biological Conservation is a leading international journal in the discipline of **conservation science**. The journal publishes articles spanning a diverse range of fields that contribute to the biological, sociological, ethical and economic dimensions of **conservation**. The primary aim of *Biological Conservation* is the publication of high-quality papers that advance the science and practice of conservation, or which demonstrate the application of conservation principles and policy. *Biological Conservation* invites the submission of research articles, reviews (including systematic reviews and perspectives), short communications, policy perspectives, and letters to the editor dealing with all aspects of conservation science, including theoretical and empirical investigations into the consequences of human actions for the diversity, structure and function of terrestrial, aquatic or marine ecosystems. Such papers may include quantitative assessments of extinction risk, fragmentation effects, spread of invasive organisms, conservation genetics, conservation management, global change effects on biodiversity, landscape or reserve design and management, restoration ecology, or resource economics. We also welcome papers coming from social sciences including those reporting on advances in conservation politics, ethics, policy, human social structure and biodiversity, and political culture among other subjects. *Biological Conservation* covers interdisciplinary topics within conservation biology and also provides practical applications of conservation research for land/resource managers and policy makers. We publish articles and thematic special issues that have a global relevance in terms of the topics or issues addressed, and thus demonstrate applications of conservation science and management beyond the specific system or species studied.Biological Conservation is an affiliate publication of the Society for Conservation Biology (SCB). SCB members can obtain a personal subscription to this journal through the Society. Authors are also welcome to submit to the Journal?s open access companion title, *Global Ecology and Conservation*, which covers all sub-disciplines of ecological and conservation science.

AUDIENCE

Environmentalists, conservationists, botanists, marine scientists, ecologists, biologists, zoologists.

IMPACT FACTOR

2020: 5.990 © Clarivate Analytics Journal Citation Reports 2021

ABSTRACTING AND INDEXING

Environmental Periodicals Bibliography
Current Advances in Ecological Sciences
AGRICOLA
Embase
Engineering Village - GEOBASE
Current Contents - Agriculture, Biology & Environmental Sciences
Energy Information Abstracts
Biological and Agricultural Index
Science Citation Index
Cambridge Scientific Abstracts
Elsevier BIOBASE
Scopus

EDITORIAL BOARD

GUIDE FOR AUTHORS

Your Paper Your Way

We now differentiate between the requirements for new and revised submissions. You may choose to submit your manuscript as a single Word or PDF file to be used in the refereeing process. Only when your paper is at the revision stage, will you be requested to put your paper in to a 'correct format' for acceptance and provide the items required for the publication of your article.
To find out more, please visit the Preparation section below.

INTRODUCTION

Please read all information carefully and follow the instructions in detail when preparing your manuscript.
Manuscripts that are not prepared according to our guidelines will be sent back to authors without review.

Biological Conservation encourages the submission of high-quality manuscripts that advance the science and practice of conservation, or which demonstrate the application of conservation principles and policy. **Conservation implications should be clearly emphasized and discussed.** Given the broad international readership of the journal, published articles should have global relevance in terms of the topics or issues addressed, and thus demonstrate applications for conservation beyond the specific system or species studied.

Types of paper

Word counts include text, references, figures and tables. Each figure or table should be considered equal to 300 words.

1. Full length articles (Research papers)
Research papers report the results of original research. The material must not have been previously published elsewhere. Full length articles are up to 8,000 words.

2. Review articles
Reviews summarize the status of research in a field of current interest. They may be submitted or invited. Review articles are up to 12,000 words and must include a methods section explaining how the literature for review was selected. We also consider Systematic Reviews, which apply a methodology to synthesize and appraise the scientific evidence on a specific question or hypothesis. More about systematic reviews can be found here: http://www.environmentalevidence.org/information-for-authors.

3. Perspectives:
These articles provide an opportunity for authors to present a novel, distinctive viewpoint on any subject within the journal's scope. The article should be well grounded in evidence and adequately supported by citations but may focus on a stimulating and thought-provoking line of argument that represents a significant advance in thinking about conservation problems and solutions. Perspectives articles should not exceed 8000 words.

4. Short communications
Short communications highlight both novel research and replication studies that report preliminary findings that are particularly compelling and highly relevant to conservation science and practice. If submitting a replication study, please include in your cover letter the rationale for undertaking the study. Short communications should not exceed 4,000 words.

5. Policy Analysis
These are short commentary pieces on contemporary, internationally relevant conservation or conservation-related policy issues that enable researchers, policy makers, and practitioners to make timely contributions to policy debates and actions. Contributions are based on research, expert analysis, literature review, or practitioner reflections regarding specific policy issues. Pure opinion pieces will not be considered for this paper type. Forum articles should be written in an accessible style and supported by real world examples and/or referenced scientific evidence and should not exceed 4,000 words.

6. Fast-Tracked Papers
Fast-Tracked Papers may be any of the above paper types, but are to be submitted only upon invitation from the editors. These papers will be fast-tracked by having reviewers lined up by the handling editor in advance, and upon publication these papers will be showcased in an ongoing special issue.

7. Book Reviews
Book reviews will be included in the journal on a range of relevant titles that are not more than two years old. These are usually less than 2,000 words. Please submit your requests/ideas to David Johns at johnsd@embarqmail.com.

8. Editorials
Opinion pieces by experts on a topic, usually invited by the Editor. The topic is usually timely and offers important insights into the field.

9. Correspondence
Letters to the Editor (Correspondence) papers are responses to recently published papers. Letters must be short (a maximum 800 words) and include only key references (5 maximum) and one figure if necessary. The content must be constructive, discuss significant issues, and respectful in tone. Provided the editors agree that publication of the letter is warranted, it will generally also receive a response from the authors of the original article, and both letter and response will be published in the same issue.

Submission checklist
You can use this list to carry out a final check of your submission before you send it to the journal for review. Please check the relevant section in this Guide for Authors for more details.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address

All necessary files have been uploaded:
Manuscript:
• Include keywords
• All figures (include relevant captions)
• All tables (including titles, description, footnotes)
• Ensure all figure and table citations in the text match the files provided
• Indicate clearly if color should be used for any figures in print
Graphical Abstracts / Highlights files (where applicable)
Supplemental files (where applicable)

Further considerations
• Manuscript has been 'spell checked' and 'grammar checked'
• All references mentioned in the Reference List are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)
• A competing interests statement is provided, even if the authors have no competing interests to declare
• Journal policies detailed in this guide have been reviewed
• Referee suggestions and contact details provided, based on journal requirements
• We strongly encourage authors to check the existing evidences for their case at Conservation Evidence. The introduction of the paper should include a sentence highlighting whether any evidence is already available or not with corresponding references.

For further information, visit our Support Center.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing
Please see our information on Ethics in publishing.

Policy and Ethics

All appropriate ethics and other approvals were obtained for the research. Where appropriate, authors should state that their research protocols have been approved by an authorized animal care or ethics committee, and include a reference to the code of practice adopted for the reported experimentation or methodology. The Editor will take account of animal welfare issues and reserves the right not to publish, especially if the research involves protocols that are inconsistent with commonly accepted norms of animal research.

Declaration of competing interest

Corresponding authors, on behalf of all the authors of a submission, must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding. All authors, including those *without* competing interests to declare, should provide the relevant information to the corresponding author (which, where relevant, may specify they have nothing to declare). Corresponding authors should then use this tool to create a shared statement and upload to the submission system at the Attach Files step. **Please do not convert the .docx template to another file type. Author signatures are not required.**

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract, a published lecture or academic thesis, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service Crossref Similarity Check.

Use of inclusive language

Inclusive language acknowledges diversity, conveys respect to all people, is sensitive to differences, and promotes equal opportunities. Content should make no assumptions about the beliefs or commitments of any reader; contain nothing which might imply that one individual is superior to another on the grounds of age, gender, race, ethnicity, culture, sexual orientation, disability or health condition; and use inclusive language throughout. Authors should ensure that writing is free from bias, stereotypes, slang, reference to dominant culture and/or cultural assumptions. We advise to seek gender neutrality by using plural nouns ("clinicians, patients/clients") as default/wherever possible to avoid using "he, she," or "he/she." We recommend avoiding the use of descriptors that refer to personal attributes such as age, gender, race, ethnicity, culture, sexual orientation, disability or health condition unless they are relevant and valid. When coding terminology is used, we recommend to avoid offensive or exclusionary terms such as "master", "slave", "blacklist" and "whitelist". We suggest using alternatives that are more appropriate and (self-) explanatory such as "primary", "secondary", "blocklist" and "allowlist". These guidelines are meant as a point of reference to help identify appropriate language but are by no means exhaustive or definitive.

Author contributions

For transparency, we encourage authors to submit an author statement file outlining their individual contributions to the paper using the relevant CRediT roles: Conceptualization; Data curation; Formal analysis; Funding acquisition; Investigation; Methodology; Project administration; Resources; Software; Supervision; Validation; Visualization; Roles/Writing - original draft; Writing - review & editing. Authorship statements should be formatted with the names of authors first and CRediT role(s) following. More details and an example.

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors **before** submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only **before** the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the **corresponding author**: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.

Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors **after** the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Article transfer service
This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically on your behalf with no need to reformat. Please note that your article will be reviewed again by the new journal. More information.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

For gold open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of gold open access articles is determined by the author's choice of user license.

Author rights
As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Elsevier supports responsible sharing
Find out how you can share your research published in Elsevier journals.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Open access

Please visit our Open Access page for more information.

Elsevier Researcher Academy
Researcher Academy is a free e-learning platform designed to support early and mid-career researchers throughout their research journey. The "Learn" environment at Researcher Academy offers several interactive modules, webinars, downloadable guides and resources to guide you through the process of writing for research and going through peer review. Feel free to use these free resources to improve your submission and navigate the publication process with ease.

Language (usage and editing services)
Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's Author Services.

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Referees

Authors are at liberty to suggest the names of up to five potential reviewers (with full contact details). Potential reviewers should not include anyone with whom the authors have collaborated during the research being submitted.

Additional Information

Editorial Process

Publishing space in the journal is limited, such that many manuscripts must be rejected. To expedite the processing of manuscripts, the journal has adopted a two-tier review process. During the first stage of review, the handling editor evaluates the manuscript for appropriateness and scientific content, taking advice where appropriate from members of the editorial board. Criteria for rejection at this stage include: **Manuscript lacks a strong conservation focus or theme, or management implications not well-developed.** Please note that research on a rare or endangered species or ecosystem is not sufficient justification to merit publication in Biological Conservation. Published research must also advance the science and practice of conservation biology, and thus have broader application for a wide international audience.**Manuscript subject matter more appropriate for another journal.** Natural history or biodiversity surveys, including site descriptions, are usually better suited for other outlets, such as a regional or taxon-specific journal. Similarly, manuscripts with a primarily behavioral, genetic or ecological focus are more appropriate for journals in those fields. For example, studies reporting on disturbance effects, species interactions (e.g., predator-prey, competitive, or pollinator-host plant interactions), species-habitat relationships, descriptive genetics (e.g., assays of genetic variation within or between populations), or behavioral responses to disturbance will be referred elsewhere if they lack a clear conservation message. Authors are advised to contact an Editor prior to submission if there are any questions regarding the appropriateness of a manuscript for the journal.**Study primarily of local or regional interest.** *Biological Conservation* is international in scope, and thus research published in the journal should have global relevance, in terms of the topics or issues addressed.**Study poorly designed or executed.** Research lacks spatial or temporal replication, has insufficient sample sizes, or inadequate data analysis. Such obvious indications of poor-quality science will be cause for immediate rejection.**Manuscript poorly written.** Poor writing interferes with the effective communication of science. Authors for whom English is not the first language are advised to consult with a technical language editor before submission.**Conservation research ethics violated.** Research was unnecessarily destructive, was conducted for the express purpose of causing harm/mortality (e.g., simulation of treatment or disturbance effects on survivorship), or violated ethics in the treatment and handling of animals. Where appropriate, authors must provide a statement and supporting documentation that research was approved by the authors' institutional animal care and use committee(s).Manuscripts that pass this first stage of editorial review are then subjected to a second stage of formal peer review. This involves evaluation of the manuscript by at least two specialists within the field of study, which may include one or more members of the editorial board. Beyond a critical assessment of the scientific content and overall presentation, referees are asked to evaluate the originality, likely impact and global relevance of the research. Referees make a recommendation to the handling editor, but note that it is ultimately the decision of the handling editor as to whether a manuscript is accepted for publication in *Biological Conservation*.

Editor-in-Chief
Dr. Vincent Devictor
UMR CNRS-UM2 5554 cc065,
Institut des Sciences de l'Evolution de Montpellier,
Place Eugène Bataillon, 34090 Montpellier,
France
Email: vincent.devictor@univ-montp2.fr

PREPARATION

Queries

For questions about the editorial process (including the status of manuscripts under review) or for technical support on submissions, please visit our Support Center.

NEW SUBMISSIONS

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process.
As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or layout that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

Please use correct, continuous line numbering and page numbering throughout the document.

References
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements
There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions.

If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes.
Divide the article into clearly defined sections.

Tables and Figures
Please place legends above Tables and below Figures. They should follow the References at the end of the manuscript.

Peer review
This journal operates a double anonymized review process. All contributions will be initially assessed by the editor for suitability for the journal. Papers deemed suitable are then typically sent to a minimum of two independent expert reviewers to assess the scientific quality of the paper. The Editor is responsible for the final decision regarding acceptance or rejection of articles. The Editor's decision is final. Editors are not involved in decisions about papers which they have written themselves or have been written by family members or colleagues or which relate to products or services in which the editor has an interest. Any such submission is subject to all of the journal's usual procedures, with peer review handled independently of the relevant editor and their research groups. More information on types of peer review.

Double anonymized review
This journal uses double anonymized review, which means the identities of the authors are concealed from the reviewers, and vice versa. More information is available on our website. To facilitate this, please include the following separately:
Title page (with author details): This should include the title, authors' names, affiliations, acknowledgements and any Declaration of Interest statement, and a complete address for the corresponding author including an e-mail address.
Anonymized manuscript (no author details): The main body of the paper (including the references, figures, tables and any acknowledgements) should not include any identifying information, such as the authors' names or affiliations.

REVISED SUBMISSIONS
Use of word processing software

Please use correct, continuous line numbering and page numbering throughout the document.

It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier: https://www.elsevier.com/guidepublication). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Please use single spacing throughout the document. Use continuous line numbering throughout the document. Avoid full justification, i.e., do not use a constant right-hand margin. Ensure that each new paragraph is clearly indicated. Number every page of the manuscript, including the title page, references tables, etc. Present tables and figure legends on separate pages at the end of the manuscript. Layout and conventions must conform with those given in this guide to authors. **Journal style has changed over time so do not use old issues as a guide.** Number all pages consecutively. Italics are not to be used for expressions of Latin origin, for example, in vivo, et al., per se. Use decimal points (not commas); use a space for thousands (10 000 and above).

Use of word processing software
Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Cover letter

Submission of a manuscript must be accompanied by a cover letter that includes the following statements or acknowledgements: The work is all original research carried out by the authors.All authors agree with the contents of the manuscript and its submission to the journal.No part of the research has been published in any form elsewhere, unless it is fully acknowledged in the manuscript. Authors should disclose how the research featured in the manuscript relates to any other manuscript of a similar nature that they have published, in press, submitted or will soon submit to Biological Conservation or elsewhere.The manuscript is not being considered for publication elsewhere while it is being considered for publication in this journal.Any research in the paper not carried out by the authors is fully acknowledged in the manuscript.All sources of funding are acknowledged in the manuscript, and authors have declared any direct financial benefits that could result from publication.All appropriate ethics and other approvals were obtained for the research. Where appropriate, authors should state that their research protocols have been approved by an authorized animal care or ethics committee, and include a reference to the code of practice adopted for the reported experimentation or methodology. The Editor will take account of animal welfare issues and reserves the right not to publish, especially if the research involves protocols that are inconsistent with commonly accepted norms of animal research.Please include a short paragraph that describes the main finding of your paper, and its significance to the field of conservation biology.The authors should state in the cover letter if the paper in any form has previously been submitted to *Biological Conservation*. In that case the authors should specify the original manuscript number.

Article structure

Subdivision - numbered sections
Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction
State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods
Provide sufficient details to allow the work to be reproduced by an independent researcher. Methods that are already published should be summarized, and indicated by a reference. If quoting directly from a previously published method, use quotation marks and also cite the source. Any modifications to existing methods should also be described.

Theory/calculation
A Theory section should extend, not repeat, the background to the article already dealt with in the Introduction and lay the foundation for further work. In contrast, a Calculation section represents a practical development from a theoretical basis.

Results
Results should be clear and concise.

Discussion
This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions
The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Glossary
Please supply, as a separate list, the definitions of field-specific terms used in your article.

Appendices
If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative, yet not overly general. If appropriate, include the species or ecosystem that was the subject of the study, or the location where the study was done. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible
• ***Author names and affiliations.*** Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that phone numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address. Contact details must be kept up to date by the corresponding author.**
• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal as they help increase the discoverability of your article via search engines. They consist of a short collection of bullet points that capture the novel results of your research as well as new methods that were used during the study (if any). Please have a look at the examples here: example Highlights.

Highlights should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point).

Abstract

A concise and factual abstract is required (maximum length of 250 words). The abstract should state briefly the purpose of the research, the methods used, the principal results and major conclusions. Please try to keep each sentence as specific as possible, and avoid such general statements as "The management implications of the results are discussed". An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, they must be cited in full, without reference to the reference list. Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

Graphical abstract
Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. You can view Example Graphical Abstracts on our information site.
Authors can make use of Elsevier's Illustration Services to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements.

Stereochemistry abstract
For each important chiral compound you are requested to supply a stereochemistry abstract detailing structure, name, formula and all available stereochemical information for eventual incorporation into a database. An abstract for only one enantiomer per compound is required.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:

Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, please include the following sentence:

This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Nomenclature and Units

Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI) for all scientific and laboratory data. If other quantities are mentioned, give their equivalent in SI.

Common names must be in lower-case except proper nouns. All common names must be followed by a scientific name in parentheses in italics. For example, bottlenose dolphin (*Tursiops aduncus*). Where scientific names are used in preference to common names they should be in italics and the genus should be reduced to the first letter after the first mention. For example, the first mention is given as Tursiops aduncus and subsequent mentions are given as *T. aduncus*.

Math formulae

Please submit math equations as editable text and not as images. Present simple formulae in line with normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article.

Artwork

Electronic artwork

General points

- Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
- Preferred fonts: Arial (or Helvetica), Times New Roman (or Times), Symbol, Courier.
- Number the illustrations according to their sequence in the text.
- Use a logical naming convention for your artwork files.
- Indicate per figure if it is a single, 1.5 or 2-column fitting image.

• For Word submissions only, you may still provide figures and their captions, and tables within a single file at the revision stage.
• Please note that individual figure files larger than 10 MB must be provided in separate source files.

A detailed guide on electronic artwork is available.
You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.
Formats
Regardless of the application used, when your electronic artwork is finalized, please 'save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):
EPS (or PDF): Vector drawings. Embed the font or save the text as 'graphics'.
TIFF (or JPG): Color or grayscale photographs (halftones): always use a minimum of 300 dpi.
TIFF (or JPG): Bitmapped line drawings: use a minimum of 1000 dpi.
TIFF (or JPG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale): a minimum of 500 dpi is required.
Please do not:
• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); the resolution is too low.
• Supply files that are too low in resolution.
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork
Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article**. Please indicate your preference for color: in print or online only. Further information on the preparation of electronic artwork.

Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables
Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules and shading in table cells.

References
Citation in text
Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links
Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is highly encouraged.

A DOI is guaranteed never to change, so you can use it as a permanent link to any electronic article. An example of a citation using DOI for an article not yet in an issue is: VanDecar J.C., Russo R.M., James D.E., Ambeh W.B., Franke M. (2003). Aseismic continuation of the Lesser Antilles slab beneath northeastern Venezuela. Journal of Geophysical Research, https://doi.org/10.1029/2001JB000884. Please note the format of such citations should be in the same style as all other references in the paper.

Web references
As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

Data references
This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. The [dataset] identifier will not appear in your published article.

References in a special issue
Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference management software
Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley. Using citation plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide. If you use reference management software, please ensure that you remove all field codes before submitting the electronic manuscript. More information on how to remove field codes from different reference management software.

Reference formatting
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/ book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style
Text: All citations in the text should refer to:
1. *Single author:* the author's name (without initials, unless there is ambiguity) and the year of publication;
2. *Two authors:* both authors' names and the year of publication;
3. *Three or more authors:* first author's name followed by 'et al.' and the year of publication.
Citations may be made directly (or parenthetically). Groups of references can be listed either first alphabetically, then chronologically, or vice versa.
Examples: 'as demonstrated (Allan, 2000a, 2000b, 1999; Allan and Jones, 1999)…. Or, as demonstrated (Jones, 1999; Allan, 2000)… Kramer et al. (2010) have recently shown …'
List: References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters 'a', 'b', 'c', etc., placed after the year of publication.
Examples:
Reference to a journal publication:
Van der Geer, J., Hanraads, J.A.J., Lupton, R.A., 2010. The art of writing a scientific article. J. Sci. Commun. 163, 51–59. https://doi.org/10.1016/j.Sc.2010.00372.
Reference to a journal publication with an article number:
Van der Geer, J., Hanraads, J.A.J., Lupton, R.A., 2018. The art of writing a scientific article. Heliyon. 19, e00205. https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2018.e00205.

Reference to a book:
Strunk Jr., W., White, E.B., 2000. The Elements of Style, fourth ed. Longman, New York.
Reference to a chapter in an edited book:
Mettam, G.R., Adams, L.B., 2009. How to prepare an electronic version of your article, in: Jones, B.S., Smith , R.Z. (Eds.), Introduction to the Electronic Age. E-Publishing Inc., New York, pp. 281–304.
Reference to a website:
Cancer Research UK, 1975. Cancer statistics reports for the UK. http://www.cancerresearchuk.org/aboutcancer/statistics/cancerstatsreport/ (accessed 13 March 2003).
Reference to a dataset:
[dataset] Oguro, M., Imahiro, S., Saito, S., Nakashizuka, T., 2015. Mortality data for Japanese oak wilt disease and surrounding forest compositions. Mendeley Data, v1. https://doi.org/10.17632/xwj98nb39r.1.
Reference to software:
Coon, E., Berndt, M., Jan, A., Svyatsky, D., Atchley, A., Kikinzon, E., Harp, D., Manzini, G., Shelef, E., Lipnikov, K., Garimella, R., Xu, C., Moulton, D., Karra, S., Painter, S., Jafarov, E., & Molins, S., 2020. Advanced Terrestrial Simulator (ATS) v0.88 (Version 0.88). Zenodo. https://doi.org/10.5281/zenodo.3727209.

Video

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the file in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB per file, 1 GB in total. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Data visualization

Include interactive data visualizations in your publication and let your readers interact and engage more closely with your research. Follow the instructions here to find out about available data visualization options and how to include them with your article.

Supplementary material

Supplementary material such as applications, images and sound clips, can be published with your article to enhance it. Submitted supplementary items are published exactly as they are received (Excel or PowerPoint files will appear as such online). Please submit your material together with the article and supply a concise, descriptive caption for each supplementary file. If you wish to make changes to supplementary material during any stage of the process, please make sure to provide an updated file. Do not annotate any corrections on a previous version. Please switch off the 'Track Changes' option in Microsoft Office files as these will appear in the published version.

The supplementary material should be cited as an online Appendix to the paper, usually in the Methods. If it contains several tables, images and/or figures, these should be cited as Table A1, Figure A1 and so on.

Authors are strongly encouraged to make the data supporting their paper available to readers through an open-access data repository and/or as an Appendix to the paper. For more details on journal data policy see the paragraphs on *Data Depositing and Linking to and depositing data at PANGAEA.*

Data Depositing

Ideally, data should be freely available online through a specialist data centre that provides a permanent archive (repository) for the dataset, and may integrate the data with other datasets using international standards. Examples include PANGAEA, and GBIF and its major contributors such as OBIS and VertNet. Some Ocean Data Centres may also provide this service. Where such a data

centre does not exist, we ask that the data be made freely available online from a permanent archive (repository). Where possible, it should follow international data standards. This may be an institutional repository for its staff. The data should be accompanied by sufficient information (metadata) for the reader to understand its composition and origins, and determine if it is fit for their purpose. In particular, the data should allow the results of the publication to be reproduced. Data being downloadable from departmental or personal websites is not regarded as permanently archived.

Research data

This journal encourages and enables you to share data that supports your research publication where appropriate, and enables you to interlink the data with your published articles. Research data refers to the results of observations or experimentation that validate research findings. To facilitate reproducibility and data reuse, this journal also encourages you to share your software, code, models, algorithms, protocols, methods and other useful materials related to the project.

Below are a number of ways in which you can associate data with your article or make a statement about the availability of your data when submitting your manuscript. If you are sharing data in one of these ways, you are encouraged to cite the data in your manuscript and reference list. Please refer to the "References" section for more information about data citation. For more information on depositing, sharing and using research data and other relevant research materials, visit the research data page.

Data linking

If you have made your research data available in a data repository, you can link your article directly to the dataset. Elsevier collaborates with a number of repositories to link articles on ScienceDirect with relevant repositories, giving readers access to underlying data that gives them a better understanding of the research described.

There are different ways to link your datasets to your article. When available, you can directly link your dataset to your article by providing the relevant information in the submission system. For more information, visit the database linking page.

For supported data repositories a repository banner will automatically appear next to your published article on ScienceDirect.

In addition, you can link to relevant data or entities through identifiers within the text of your manuscript, using the following format: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN).

Mendeley Data

This journal supports Mendeley Data, enabling you to deposit any research data (including raw and processed data, video, code, software, algorithms, protocols, and methods) associated with your manuscript in a free-to-use, open access repository. During the submission process, after uploading your manuscript, you will have the opportunity to upload your relevant datasets directly to *Mendeley Data*. The datasets will be listed and directly accessible to readers next to your published article online.

For more information, visit the Mendeley Data for journals page.

Data in Brief

You have the option of converting any or all parts of your supplementary or additional raw data into a data article published in *Data in Brief*. A data article is a new kind of article that ensures that your data are actively reviewed, curated, formatted, indexed, given a DOI and made publicly available to all upon publication (watch this video describing the benefits of publishing your data in *Data in Brief*). You are encouraged to submit your data article for *Data in Brief* as an additional item directly alongside the revised version of your manuscript. If your research article is accepted, your data article will automatically be transferred over to *Data in Brief* where it will be editorially reviewed, published open access and linked to your research article on ScienceDirect. Please note an open access fee is payable for publication in *Data in Brief*. Full details can be found on the Data in Brief website. Please use this template to write your *Data in Brief* data article.

MethodsX

You have the option of converting relevant protocols and methods into one or multiple MethodsX articles, a new kind of article that describes the details of customized research methods. Many researchers spend a significant amount of time on developing methods to fit their specific needs or setting, but often without getting credit for this part of their work. MethodsX, an open access journal,

now publishes this information in order to make it searchable, peer reviewed, citable and reproducible. Authors are encouraged to submit their MethodsX article as an additional item directly alongside the revised version of their manuscript. If your research article is accepted, your methods article will automatically be transferred over to MethodsX where it will be editorially reviewed. Please note an open access fee is payable for publication in MethodsX. Full details can be found on the MethodsX website. Please use this template to prepare your MethodsX article.

Data statement
To foster transparency, we encourage you to state the availability of your data in your submission. This may be a requirement of your funding body or institution. If your data is unavailable to access or unsuitable to post, you will have the opportunity to indicate why during the submission process, for example by stating that the research data is confidential. The statement will appear with your published article on ScienceDirect. For more information, visit the Data Statement page.

AFTER ACCEPTANCE

Online proof correction

To ensure a fast publication process of the article, we kindly ask authors to provide us with their proof corrections within two days. Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors.
If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF.
We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints

The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Author Services. Corresponding authors who have published their article gold open access do not receive a Share Link as their final published version of the article is available open access on ScienceDirect and can be shared through the article DOI link.

AUTHOR INQUIRIES

Visit the Elsevier Support Center to find the answers you need. Here you will find everything from Frequently Asked Questions to ways to get in touch.
You can also check the status of your submitted article or find out when your accepted article will be published.

Taylor & Francis Style Sheet	
Journal title and acronym	Ethology Ecology & Evolution (TEEE)
	Manuscripts are accepted in English
Formatting requirements	Manuscripts must contain: Title page (including Title, Authors, Affiliations, Corresponding author, Highlights, Abstract, Keywords and Running head), Introduction, Material and Methods, Results, Discussion, Acknowledgements, References, Tables (with captions), Figures, Figure captions, Appendices (as appropriate)
Title	**Bold**, initial of first word and proper nouns in caps only
Authors	JOHN AUTHOR[1,*], JOHN C. AUTHOR[1,2] and THOMAS F.G. AUTHOR[3] [small caps except for initial letters; *for corresponding author; no superscript number if the same affiliation for all authors]
Affiliations	[1]*Department, University, Address, City Postal code, Country* [2]*Department, University, Address, City Postal code, Country* [new line for each affiliation, only if different from the previous one; in italic except for superscript affiliation number]
Highlights	2-4 highlights (maximum 150 letters, including spaces) describing the more relevant results and conclusions of the paper
Abstract	Without heading; 300 words maximum
Keywords	KEY WORDS (in small caps): 5-8 keywords separated by comma, no initial caps (except for proper nouns), genus and species names in italic, ends with full stop.
Correspondence details	*Corresponding author: Name, Complete postal address (E-mail: a.author@author.com). [Only one author; name with full forename; postal address preferably in original language]
Running head	55 letters maximum, including spaces
Headings	INTRODUCTION (all caps; centre aligned) *Headings of paragraph* (in italic; left aligned) *Headings of subparagraph.* (in italic; left aligned; end with full stop and text on the same line) e.g.: *Paragraph title* Text of the paragraph.... *Paragraph title* *Sub-paragraph title.* Text of the sub-paragraph .....
Paragraphs	All indented (even first paragraph after headings)
Tables	Table 1. Caption on line below; both centred above table. (Table 1), (Tables 1-2), (Tables 1-3) in text

	Tables must be cited consecutively in the text and numbered with Arabic numerals. Notes are ranged left under table.
Figures	Fig. 1. — Caption initial cap only; left aligned under figure. (Fig. 1), (Figs 1-2), (Figs 1-3), (Fig. 1A), (Fig. 1A-B), (Fig. 1A-C) in text Figures should be numbered with Arabic numerals in the order in which they appear in the manuscript. In multi-part figures, each part should be labelled with capital letters. Figures should be saved separate to text. Please, be sure that all imported scanned material is scanned at the appropriate resolution: 1200 dpi for line art, 600 dpi for grayscale and 300 dpi for colour.
Acknowledgements	ACKNOWLEDGEMENTS [heading all caps, centre aligned; at end of article, before REFERENCES]
Funding	FUNDING This work was supported by the [Funding Agency 1] under Grant [number xxxx]; [Funding Agency 2] under Grant [number xxxx]; and [Funding Agency 3] under Grant [number xxxx]. [heading all caps, centre aligned; after acknowledgements]
Order of the endmatter	[insert between Acknowledgements and References]: DISCLOSURE STATEMENT FUNDING ETHICAL STANDARD AUTHOR CONTRIBUTION ORCID SUPPLEMENTAL DATA DATA ACCESSIBILITY
Appendix	[after References]: APPENDIX I (heading all caps, centre aligned)
Spelling and punctuation preferences	UK or US English. Use italics only for genus, species and subspecies names. Abbreviations do not have full points between them (e.g. US, PC). For names of article authors and in references, no space between initials. Space between numbers and mathematical symbols (e.g. 23 + 15 = 38) and between value and units of measurement (e.g. 50 km, 3 sec, 24 °C). No space between number and percentage symbol (e.g. 20%).
Numbers and units	Spell out one to nine (except for measurements), then 10, 100, 10,000 (except at the beginning of a sentence). Decimals should not be naked [e.g. 0.5 (not .5)] Weights and measures follow the International System of Units (SI) *P* for probability df for degree of freedom SE for standard error SD for standard deviation

	no. for number ca for circa vs for versus asl for above sea level hr for both hour and hours min for minute/s sec for second/s L for litres
Dates	1 January 2010 in the 21st century in the 1990s
Contents page	None
Reference style in the text	Reference citations consist of the surname of the author/authors and the year of publication of the document (enclosed in parentheses). There is no punctuation between name and year. Within the same parentheses give in-text references in chronological order, separated by semicolons; for references in the same year sequence them in alphabetical order. If there is more than one reference for the same author/authors, sequence them after the surname separated by commas. When two authors: give the surnames separated by "&" if in parentheses or "and" in running text. When three or more authors: give the first author's surname followed by "et al." (not in italic). e.g. (Smith 2012) or Smith (2012) (Smith & Brown 2015) or Smith and Brown (2015) (Smith 2012; Brown et al. 2014) (Smith 2012, 2015; Brown 2014) Two or more references by the same author (for papers by one or more than two authors) or by the same first and second authors (for papers by two authors) with the same year of publication should be designated by lowercase letters after the year (without space). e.g. (Smith et al. 2000a, 2000b) When the authors of two works published in the same year have the same surname but different first name, include their initials in the in-text references and separate the two in text references by a semicolon. e.g. (Smith A 2011; Smith G 2011) References to personal communications are cited only in the text e.g. (A.B. Smith personal communication) (C. Brown unpublished data) With a quotation: "quoted text" (Smith 2012, p. 1)

	If organization as author, use an acronym of the organization followed by the publication's year: (NIMH 2012)
Reference list style	List the references to sources that have been cited within the text, including those found in tables and figures, under the REFERENCES heading. Place references in alphabetical order by the first author's surname and then by the beginning letters of any following surnames. If two first authors have the same surname, follow the alphabetical order for the forename's initial. If there are several items with the same first author, alone or with co-authors, present items by a single author before items with co-authors. In such a grouping, give the multi-author publications in alphabetical order by the second author's surname, regardless of the number of authors. Order references by the same author/authors by year in ascending order. e.g. Brown A, Jones C. 2012. ..... Brown A, Jones C. 2014. ..... Brown G. 2008. ..... Jones C, Brown A. 2011. ..... Jones C, Smith G. 2008. .... When 12 or more authors, list the first 10 followed by a comma and et al. e.g. Jones C, Smith AB, Brown A, Jones FC, Williams S, Taylor C, Taylor F, Evans B, Johnson C, Davies A, et al. 2011. Two or more references by the same author (for papers by one or more than two authors) or by the same first and second authors (for papers by two authors) with the same year of publication should be designated by lowercase letters after the year (without space). e.g. Jones C, Brown A, Smith AB. 2011a. ..... Jones C, Smith AB, Brown A. 2011b. ..... Smith AB. 2008a. .... Smith AB. 2008b. .... When organization serve as author indicate the acronym within squared brackets followed by the complete name of the organization. e.g. [NIMH] National Institute of Mental Health. 2012. .... For unknown date use: Author N. [date unknown]. ..... For two dates: Author N. 1959-1963. .....

	Place of publication: always list the city, and include the two-letter state abbreviation for US publishers [e.g. Cambridge (MA)]. Include the country name for other countries only to avoid ambiguity. Capitalize only the first word of the title, proper nouns and acronyms. <u>Journal articles</u> (the titles of journal are abbreviated, without punctuation; a full stop at the end of the last abbreviation; no space between volume's number and pagination; full stop at the end, except after doi): Smith AB, Brown C. 2012. Title of article. Abbrev J Name. 32:115-125. Smith AB. 1981. Title of article. Abbrev J Name. doi:xxxxxx [for abbreviation see http://www.journalabbr.com/] <u>Books:</u> Smith AB. 1981. Book title: subtitle. Place of publication: Name of publisher. Smith AB, Brown C. 2000. Book title: subtitle. Place of publication: Name of publisher. Smith AB, Brown C, editors. 2000. Book title: subtitle. Place of publication: Name of publisher. To specify the edition insert it between title and place of publication: Smith AB. 1981. Book title: subtitle, 10th ed. Place of publication: Name of publisher. <u>Articles in an edited book:</u> Smith AB, Brown C. 2012. Title of the chapter. In: Taylor F, editor. Book title. Place of publication: Name of publisher; p. 229-232. Smith AB, Brown C. 2012. Title of the chapter. In: Taylor F, Brown C, editors. Book title. Place of publication: Name of publisher; p. 229-232. If three or more editors: Smith AB, Brown C. 2012. Title of the chapter. In: Taylor F, et al., editors. Book title. Place of publication: Name of publisher; p. 229-232. <u>Dissertation or thesis:</u> Brown CD. 2009. Title of the thesis [Thesis]. Place of publication: Name of publisher. <u>Proceedings</u>: Smith A, Brown C. 2000. Title. In: Jones C, editor. Title. Proceedings of the conference of the society. Place of publication: Name of publisher; p. 229-232. For on-line material insert "Available from: web address [date accessed]." at the end of the citation: e.g. Brown A. 2010. Title. Place of publication: Name of publisher. Available from: http:/www.oxford.edu/book/index.html [Accessed 5 Dec 2016]. If not in English, translate non-English titles into English language and place the translation in square brackets; when possible, place the original

	language title before the translation. Indicate the original language after the pagination. e.g. Rossi M. 2010. Titolo in lingua originale. [English translation]. Abbrev J Name. 20:263-281. Italian. If the reference is not a full article, place e.g. [abstract], [book review], [letter], etc. after the article title. e.g. Smith AB, Brown C. 2012. Title of article [letter]. Abbrev J Name. 32:115-125. For unpublished works: include only articles/books submitted and accepted for publication. Author A. In press. ....
Short communications	Short communications follow, for the main aspects, the structure of full papers. The papers should not exceed 6 printed pages (all included), corresponding to no more than 20,000 letters, spaces included. Two figures, or two tables, or one figure and one table are allowed.
Forum and Letter	**Title** bold, first word and proper nouns caps only. No abstract and no key words. *Titles of chapters* in italic; initial in cap only; left aligned. *Acknowledgements* and *References* headings in italic; left aligned. Author/authors' names after references, with full forename, in small caps. Address under each author's name. Add "(E-mail: a.author@author.com)." after the corresponding author's address e.g. JOHN M. SMITH Department, Address, City postal code, Country (E-mail: jm.smith@author.com). THOMAS BROWN Department, Address, City postal code, Country. **Apart from that, follow the same rules as for articles.**